

**Proposta para uma Harmonização Gráfica da Toponímia da
Comuna de Ondjiva: Aldeias, Bairros e Ruas**

Leonardo Tuyenikumwe Pedro

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da
Informação de Especialidade**

Maio, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo e todas as consultas estão devidamente mencionadas no texto e na bibliografia. Este trabalho é também o resultado das consultas das obras que tive ao meu alcance e das orientações da minha orientadora.

O candidato

Leonardo Tuyenikumwe Pedro

Leonardo Tuyenikumwe Pedro

Declaro que este trabalho se encontra em condições de ser apresentado à prova pública perante um júri a indicar.

A orientadora

Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

(Professora Catedrática)

Dedico este trabalho à minha família

AGRADECIMENTOS

À minha inesquecível orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, pelo carinho, sabedoria, paixão, amor, atenção e dedicação dispensada para o êxito deste trabalho.

Igualmente, agradecemos a todas as professoras do Departamento de Linguística que directa ou indirectamente influenciaram a nossa aprendizagem ao longo da formação, em especial à Professora Doutora Rute Costa, à Professora Doutora Raquel Silva, à Professora Doutora Maria Lobo e ao Professor Doutor Christofe Roche.

Os meus agradecimentos estendem-se à comissão multisectorial para a harmonização da ortografia da toponímia da divisão política administrativa – Angola, em especial à Dr.^a Paula Henriques e ao Dr. Correia Caetano.

De igual modo, endereço os meus agradecimentos ao Grupo Técnico para a Padronização da Escrita e Correção de Documentos Escritos na Língua Oshikwanyama; ao Comité Provincial das Línguas Nacional – Kunene; à direcção provincial da Cultura –Kunene; ao vice-governador provincial do Kunene para esfera política e social, José do Nascimento Vayelenge; à Administração Comunal de Ondjiva; à Escola de Formação de Professores de Ondjiva, em especial ao Director Hilário Sikalepo, ao professor Faustino Wakussanga, ao professor Francisco Sapilinho, à professora Rosalina; à Secção da Conservatória dos registos civis do Kunene, à Administração Municipal do Kwanyama; à conservatória dos registos notarial do Kunene; à Direcção Provincial da Educação – Kunene; ao senhor Felisberto Kalomo; ao senhor Sebastin Bartelo; à senhora Elizabeth Maxie Mango; ao senhor Eduardo Penimwakala; à Angelina Tyime e ao José Kondja.

Agradeço de forma especial a todos os entrevistados para o trabalho; aos meus colegas do curso; ao Senhor Damião Ndemulikwata; à senhora Amélia Felisberta; ao Zeferino Hilitekwa, à minha esposa Elsa Isaida Ineli Hifikepunye Tuyenikumwe, à minha irmã Flutuosa Tulikeni, ao meu Irmão Gilberto Tulutungeni Tuleingepo, ao senhor Narcísio Felix Nhulilivalie, Henriques Kamosso e ao senhor Nazário Kuatouto.

RESUMO

A variação gráfica apresentada por vários topónimos e a escassez de obras que descrevam a problemática da Toponímia da comuna de Ondjiva, município do Kwanyama, Província do Kunene, sul de Angola, levam-nos a proceder a este estudo cujo objectivo consiste em propor uma harmonização da Toponímia local. Para tal, fizemos uma análise dos aspectos gramaticais da língua Oshikwanyama e dos referidos topónimos. A sua relevância consiste no facto de poder esclarecer a problemática da toponímia da região, apresentando subsídios teóricos, práticos e metodológicos que possam contribuir para ultrapassar a questão de variações ortográficas que vários topónimos apresentam e suprir a escassez de ferramentas de consulta sobre a questão. De igual modo, apresentamos uma proposta de construção de uma base de dados toponímica na Administração Municipal do Kwanyama (AMK).

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, Lexicologia, Harmonização Ortográfica, Base de dados Toponímica, Ondjiva, Kwanyama, variação gráfica.

ABSTRACT

The objective of this study is to propose a harmonization of the local toponymy of Ondjiva commune, Kwanyama the municipality, province of Kunene, southern Angola. The variations in toponyms and the lack of literature discussing the toponymy of Ondjiva commune led us to undertake this research. For this research we did an analysis and describe of the grammatical aspects of the Oshikwanyama language and place names. The importance of this study, we hope to draw light on the issue of variant place names in the region by presenting theoretical, practical and methodological elements that will address the spelling variations of place names and shortage of query tools. Similarly, we propose a construction of a toponymic database in the Municipal Kwanyama Administration (AMK).

KEYWORDS: Toponymy, Lexicology, Spelling Harmonization, Toponymic Database, Kwanyama, Ondjiva, graphic variation. .

ÍNDICE DE FIGURAS

Quadro 1: Distribuição dos grupos etnolinguísticos pelas respectivas províncias	18
Quadro 2: Classificação de prefixos segundo Hasheela	32
Quadro 3: Descrição dos locativos segundo Ntongo	33
Quadro 4: Exemplo de sílabas nasais	35
Quadro 5: Alfabeto da língua Oshikwanyama	36
Quadro 6: Caracterização fonológica da língua Oshikwanyama	38
Quadro 7: Pronomes da língua Oshikwanyama	39
Quadro 8: Quantificação dos dados	79

ÍNDICE DE MAPAS E IMAGENS

Mapa1: Localização da Província do Kunene.....	5
Mapa 2: Divisão Administrativo da província do Kunene	6
Mapa 3: Divisão político-administrativa do Município do Kwanyama	7
Mapa 4: Migração dos povos Bantu	11
Mapa 5: Penetração de alguns povos bantu no território angolano	13
Mapa 6: Distribuição etnolinguística de Angola	18
Mapa 7: Famílias das línguas africanas, a classificação de Greenberg	22
Mapa 7: Zonas e grupos das línguas bantu, classificação de Guthrie	23
Mapa 8: Classificação das línguas bantu segundo Doke	24
Extractos da Base de dados toponímica	80

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIOLINGUÍSTICO DO MUNICÍPIO DE KWANYAMA	4
1.1. Características Geográficas.....	5
1.1.1. Situação geográfica e divisão administrativa	5
1.1.2. Condições climáticas, hidrográficas, solo, fauna e flora	7
1.2. Enquadramento sociolinguístico	10
1.2.1. Contexto Histórico do Município do Kwanyama	10
1.2.2. Contexto cultural do Município do Kwanyama	15
1.2.3. Contexto etnolinguísticos de Angola	17
1.2.4. Problemática das línguas nacionais	19
1.2.5. A língua Oshikwanyama no contexto da classificação das línguas Bantu	20
1.2.6. Classificação das línguas bantu segundo outros autores (Gruthrie e Doke)	23
1.2.7. Caracterização sociolinguística do Município do Kwanyama	26
1.2.8. Etimologia de alguns termos	27
1.2.9. Algumas características gerais das línguas Bantu	30
1.2.10. Os estudos e produção de documentos da linguística Oshiwambo	30
1.2.11. Características Específicas da Língua Oshikwanyama	31
1.2.12. Escrita conjuntiva ou disjuntiva?	31
1.2.13. Morfologia	32
1.2.14. No ponto de vista semântico	34
1.2.15. Fonologia e ortografia da língua Oshikwanyama	34

1.2.16. Alfabeto da língua Oshikwanyama	35
1.2.17. Pronomes da língua Oshikwayama	39
CAPÍTULO II: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA TOPONÍMIA	40
2.1. A Toponímia: objecto de estudo e campo de actuação	41
2.2. Importância da Toponímia	42
2.3. Toponímia como signo linguístico	44
2.4. Importância da Lexicologia para o estudo da Toponímia	45
2.5. Função social da toponímia	47
2.5.1. Importância da Toponímia na construção da memória colectiva	47
2.5.2. Toponímia como património cultural	48
2.6. Motivação toponímica	49
2.7. Percurso histórico dos estudos da Toponímia	50
2.8. A interdisciplinaridade da Toponímia	51
2.9. Taxionomia toponímica	53
2.10. Taxionomia de Natureza Física	53
2.11. Taxionomia de Natureza Antropo - Cultural	54
2.12. Problemática da Toponímia de Angola – caso do Município do Kwanyama	56
2.13. Necessidade da Harmonização dos Topónimos	56
CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE PESQUISA	59
3.1. Constituição do <i>corpus</i> de análise	60
3.2. Análise do <i>corpus</i>	60
3.3. Delimitação da investigação	61

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E PROPOSTA DA HARMONIZAÇÃO DOS TOPÓNIMOS DA COMUNA DE ONDJIVA	62
4.1. Fichas lexicográfico-toponímicas	63
4.2. Quantificação dos topónimos	79
4.3. Base de dados lexicográfico-toponímica da Comuna de Ondjiva	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
6 . Bibliografia	85
6.1. Bibliografia geral	85
6.2. Gramáticas	90
6.3. Dicionários	90
6. 4. Site.....	90
6. 5. Documentação Legislativa e Oficial	90
Anexos	91
Anexo1: Acta do encontro sobre a questão do alfabeto e da ortografia da língua Oshikwanyama	i
Anexo 2: Mapa panorâmico da comuna de Ondjiva (bairros e aldeias)	iii
Anexo 3: Raparigas trajadas de <i>odelela</i> ornamentada com <i>ondjeva</i>	iv
Anexo 4: Alfabeto da língua Oshikwanyama aprovado pelo conselho de Ministros da República Popular de Angola. Resolução nº 3/78 de 23de Maio	v
Anexo 5: Perfis dos entrevistados	ix
Anexo 6: Guia de entrevista nº 1: para funcionários de instituições públicas	xiii
Anexo 7: Guia de entrevista Nº 2: para as autoridades tradicionais	xiv
Anexo 8: Algumas variações ortográficas	xv

LISTA DE ABREVIATURAS

ADN – Ácido desoxirribonucleico

ACO – Administração Comunal de Ondjiva

AMK – Administração Municipal do Kwanyama

CME – Comissão Municipal Eleitoral

CPLNK – Comité Provincial das Línguas Nacionais - Kunene

CRNK – Conservatória dos registos civil do Kunene

DPE-Cunene – Direcção Provincial da Educação - Kunene

EFPO – Escola de Formação de Professores de Ondjiva

EUA – Estados Unidos da América

GTPEDELO – Grupo Técnico para a Padronização da Escrita e Correção de Documentos Escritos em Língua Oshikwanyama.

ILN – Instituto de Línguas Nacionais

INE – Instituto Nacional de Estatística

MPLA – Movimento para a Independência de Angola

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

INTRODUÇÃO

Segundo Trapero (1997:1) «*La toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la lingüística, la geografía, la historia, la botánica, la arqueología, la antropología... Y todas ellas alegando un «derecho» de propiedad*».

Na bibliografia sobre Toponímia existem perspectivas diferentes. Alguns autores apresentam uma abordagem mais linguística, concretamente, no campo da lexicologia e da lexicografia, fundamentando a sua utilidade na resolução de problemas de carácter lexical e gramatical que afectam os topónimos, encarando-os como um signo linguístico (cf. Trapero, 1997; Ventura, 1997 & Antiquero, 2011). Seemann, (2005: 209) salienta que «*a gramática toponímica constitui a faceta que se encarrega do estudo do aspecto linguístico da Toponímia*».

Outros autores descrevem a problemática da Toponímia com maior incidência numa perspectiva sociogeográfica e histórico-cultural. Esta última “corrente” considera que a função principal da toponímia está ligada à localização e organização dos lugares e que os nomes atribuídos a esses lugares passaram a ser, por excelência, uma forma de homenagear homens ou momentos altos da vida nacional; constituem efectivamente uma memória colectiva, servindo assim para manter vivo, de uma dada forma, um valor considerado importante que possa servir de modelo para as futuras gerações (cf. Trindade, 1997); (Silva, 2011) & (Quintino, 1997).

Alguns autores fazem uma combinação das duas perspectivas, abordando os topónimos como elementos lexicais ao mesmo tempo carregados de conteúdos socio-históricos e culturais (cf. Dick, 2007c; 2006b; 1987) & (Seabra: 2007). Apesar de certos autores se distinguirem por defenderem uma ou outra perspectiva, é quase impossível uma abordagem da problemática da Toponímia exclusivamente numa única corrente por ser uma questão multidisciplinar, pois, ambas estão interligadas, isto é, não existem toponímias sem um reflexo linguístico, ou sem reflexo sociogeográfico e histórico-cultural.

Relativamente à harmonização gráfica dos topónimos, faço uma menção especial à dissertação de doutoramento de Santos (2008) - *Geonímia do Brasil: A padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios Fluminenses*. Faculdade do Rio de Janeiro. A obra apresenta uma discussão sobre a normalização de

nomes geográficos, considerando um único nome para um único lugar; a sua grafia deve ser fixada segundo as normas em vigor.

Ntondo, (s/d), no seu artigo - *A contribuição para uma normalização ortográfica da toponímia de Angola*- faz uma análise gramatical profunda sobre alguns topónimos e oferece um grande subsídio para uma normalização da toponímia de origem Bantu.

O processo de atribuição dos nomes aos lugares, geralmente, envolve factos sociolinguísticos que ligam a referida região a quem a denomina. Tais nomes representam um recorte do léxico de uma língua, inserido no ramo da Onomástica que possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico, como afirma Antiqueiro (2011: 32):

«a Onomástica, ciência que se subdivide em Antroponímia, a qual tem como objectivo de estudo os nomes próprios de pessoas, e a Toponímia, que tem como objecto os estudos de nomes de lugares, está directamente ligada à Linguística».

Neste trabalho que se enquadra no ramo da Lexicologia e da Lexicografia, apresentaremos conhecimentos actualizados sobre a problemática da toponímia da Comuna de Ondjiva. Para além disso, fornece argumentos teóricos e práticos actualizados, relevantes para solucionar a questão da variação e da semântica da toponímia da Comuna de Ondjiva e propor uma Harmonização gráfica da Toponímia, apresentando os verdadeiros aspectos socio-históricos patentes nos respectivos topónimos.

A escolha deste tema não está directamente ligado a um motivo pessoal, mas está ligado a um projecto do Ministério da Administração do Território da República de Angola, no qual estarei vinculado. De igual modo, iremos propor a criação de uma base de dados toponímica da Comuna de Ondjiva, que servirá de ferramenta valiosa de consulta para os especialistas da AMK e para o público em geral, minimizando, assim, o défice de informação existente sobre a questão. Este trabalho também servirá de ponto de partida para futuras investigações.

A título de exemplo apresentamos as variantes gráficas de três topónimos:

[“Kwanhama”/ “Oukwanyama” / “Kwanyama”/ “Cuanhama”];
[“Caxila” / “Okashila” / “Kashila”];
[“Kunene”/ “Cunene”]

Como se pode verificar pelos exemplos apresentados, são várias as variações gráficas dos nomes das localidades, facto que leva, muitas vezes, à interpretação e reprodução incorrecta dos seus significados. Por outro lado, o fraco conhecimento da componente semântica têm provocado interrogações e debates nas instituições públicas e no seio da sociedade. Constatamos uma inexistência de obras bibliográficas sistemáticas que descrevam as questões concernentes à organização e classificação da toponímia da Comuna de Ondjiva e a outros aspectos ligados à sua estrutura gramatical; verificamos também que não existe uma base de dados da toponímia local que possa servir de ferramenta de consulta.

Estas constatações levam-nos a formular as seguintes perguntas de partida: existe uma harmonização gráfica dos Topónimos da Comuna do Ondjiva? Quais são os factores que estão na base das variações gráficas? Será que as respectivas variantes apresentam o mesmo aspecto socio-histórico? Qual é o impacto linguístico e social dessas variações gráficas?

Por conseguinte, esta investigação tem como objectivo geral fazer uma recolha dos topónimos da comuna de Ondjiva e propor uma harmonização gráfica dos topónimos expressos em Língua *Oshikwanyama*, segundo as normas gramaticais da referida língua.

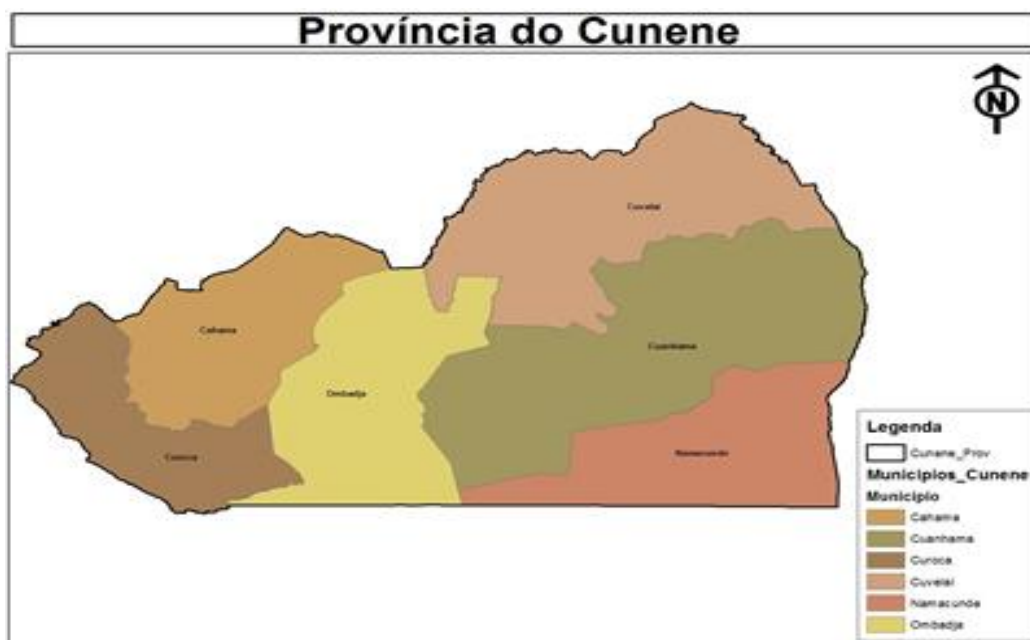
A investigação tem como objectivos específicos: a) a análise e a classificação taxonómica dos topónimos que constituem o desenho administrativo-político da comuna de Ondjiva; b) a descrição dos aspectos sociolinguísticos e históricos patentes nos topónimos; c) propor a criação de uma base de dados toponímica na AMK, a fim de servir de ferramenta auxiliar para os seus funcionários e para o público em geral de modo a garantir uma melhor gestão da informação toponímica local.

O presente trabalho encontra-se organizado em quatro capítulos: no primeiro capítulo é feita uma caracterização geográfica e sociolinguística do município do Kwanyama; no segundo capítulo é realizada uma revisão bibliográfica da Toponímia; no terceiro capítulo apresentamos a metodologia usada para atingir os objectivos deste trabalho; e, finalmente, no quarto capítulo, apresentamos os resultados, a proposta de harmonização gráfica da toponímia da Comuna de Ondjiva em fichas toponímicas e a proposta de uma base de dados toponímica para à Administração Municipal do Kwanyama.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIOLINGUÍSTICO DO MUNICÍPIO DE KWANYAMA

O Município do Kwanyama (*Oukwanyama*³) situa-se a leste da Província do Kunene e apresenta as seguintes fronteiras: a leste com a Província do Cuando Cubango, a norte o Município do Cuvelai, a oeste com o Município do Ombadja e a sul tem o Município do Namacunde. O mosaico político administrativo do Município do Kwanyama é composto por 6 comunas, nomeadamente, Comuna de Ondjiva, Comuna de Oshimolo, Comuna de Onehone, Comuna do Evale, Comuna da Mongua⁴ (cf. Joaquim, 2012:2). Possui uma extensão de 20.255 km², uma população aproximada em 361.000 habitantes, uma densidade populacional de 1,6hab/Km², o que corresponde a 37% da população total da província⁵



Mapa 2: Divisão Administrativa da Província do Kunene, fonte: INE-Angola⁶

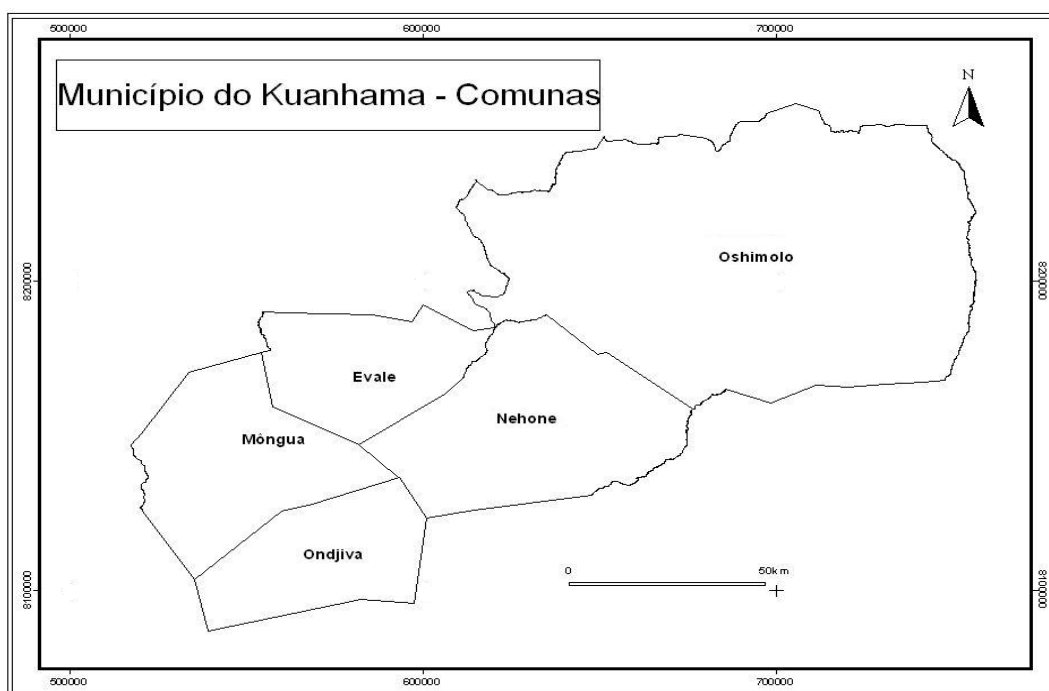
³ De acordo com Namolo (2010: 80) a expressão “Município de Oukwanyama” seria a correcta, visto tratar-se do espaço geográfico habitado pelo povo Ovakwanyama e outros povos que nele habitam. E não Município do Cuanhama, porque para além de indicar o município como um espaço pertencente a um único indivíduo, a ortografia “Cuanhama” não corresponde à fonologia da língua Oshikwanyama nem se percebe o que se pretende dizer. Este facto, leva-nos a adoptar a escrita “Município do Kwanyama” quando nos referimos àquele espaço geográfico. Consciente da expressão ou escrita que se joga ser a correcta do nome do Município pelos falantes e em consonância com o objectivo do nosso trabalho passaremos a usar em diante a expressão Município do Kwanyama.

⁴ Topónimo não analisado.

⁵ São dados preliminares do censo de 2014, obtido no portal do oficial do governo de Angola. Fonte: http://censo.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=censo2014&xpgid=provincias&provincias-generic-detail_qry=BOUI=10327758&actualmenu=10327758

⁶ http://censo.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=censo2014&xpgid=provincias&provincias-generic-detail_qry=BOUI=10327758&actualmenu=10327758&actualmenu=10493959 (22-10-2014).

O nosso trabalho confina-se exclusivamente à Comuna de Ondjiva, sede do Município do Kwanyama, que se situa na região Centro-Leste do Município, entre o coordenado 17° 04'S 15° 44'E, ocupando uma área de 1.995 Km²; estima-se que nela residam mais de 120.000 habitantes, com uma densidade populacional de 48 hab/Km², distribuídos por 40 aldeias e 22 bairros (cf. Veríssimo, 2005:20) e (cf. Joaquim, 2012:4).



Mapa 3: Divisão político-administrativa do Município do Kwanyama, fonte: Joaquim (2009:1).

1.1.2 - Condições climáticas, hidrográficas, solo, flora e fauna

A Província do Kunene é caracterizada pelo clima tropical seco, semi-desértico mesotérmico no Norte e megatérmico nas regiões do Sul e Sudoeste. O relatório do MADR⁷ TCP/ANG/2907 (2003:2) aponta que as temperaturas médias anuais são variáveis, aumentando do norte para o sul da Província, desde os 21°C aos 24°C, no

⁷ Relatório do Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, relatório sobre o diagnóstico rural rápido da zona agro-ecológica de baixa pluviosidade sistema pecuária – sorgo da Província do Cunene, produzido em Dezembro de 2003 nº 3. Foi elaborado pelo, MADR em parceria com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. O documento apresenta uma Revisão do Sector Agrário e da Estratégia de Segurança Alimentar para Definição de Prioridade de Investimentos, (TCP/ANG/2907).

Município do Kwanyama, no qual se inclui a Comuna de Ondjiva, a média anual é de 24°C. Com uma relativa escassez de precipitação e grande irregularidade na sua distribuição entre os meses de Outubro/Novembro até Março/Abril, com um máximo em Fevereiro a Março, variando entre os 600 mm, no norte, e cerca de 360 mm, na região sudoeste. A estação seca ocorre entre Maio e Setembro e a humidade relativa do ar anual é de 45 e 55%.

Segundo Lima (cf. 1977:89), a depressão tornou a região mais seca e árida, pois a evaporação, sendo maior que a precipitação da chuva, provoca o aquecimento da região. Estas precipitações dão origem às famosas cheias com o transbordar dos rios Cuvelai, Kunene, Kakuluvale, rio Mucope e o Kuvango (Okavango), inundando todo Município do Kwanyama, dando-lhe um formato de ilhas e isolando as populações umas das outras durante alguns meses.

Quanto ao solo, caracteriza-se maioritariamente pela grande peneplanície, por onde corre o rio Kunene, com uma ligeira inclinação para o sul que drena para a caldeira do Etosha (Namíbia). Na região de *Oukwanyama* o relevo é geralmente muito suave e dominado por grandes extensões de chanas, típicas do sul da província.

Segundo Guebe (2008:23) «...há predomínio de dois tipos de solos: solos arenosos formando quase a totalidade dos terrenos do Baixo Cunene⁸, Kwamatu e Coroca⁹ e solos argilosos arenosos encontram-se em menor extensão, no Kwamatu». O autor prossegue salientando que as formações geológicas de rochas eruptivas e metamórficas cobrem o norte e que o solo argiloso cobre o sul da província. Ainda Costa (1906:11) numa minuciosa caracterização da região, no âmbito das operações de ocupação do sul de Angola, acrescenta que «o solo é arenoso, não se encontrando rocha dura em todo o região, só nas proximidades do Humbe e Quiteve¹⁰», este terreno arenoso que forma muitas ilhas vai intercalando-se com as chanas que apresentam um terreno argiloso, dominando grande parte do Município do Kwanyama.

Relativamente, à rede hidrográfica, as chanas alagadas, as lagoas, os riachos temporários, as mini-hídricas artificiais e naturais são alimentadas pelas águas das

⁸ Escrevemos este nome com a letra “C” por ser uma citação fiel.

⁹ Escrevemos este nome com a letra “C” por ser uma citação fiel. Por outro lado, os nossos estudos não incluem esta região.

¹⁰ Escrevemos este nome com as letras “Q” por ser uma citação fiel. Por outro lado, os nossos estudos não incluem esta região.

cheias do rio Cuvelai¹¹, o maior causador das inundações no Município do Kwanyama. Segundo Ngenonye et al. (2010:10), “*também se cruzam no interior da Província do Kunene, os rios Kunene, o Kakuluvale e o rio Evale*”.

A flora é equilibrada e muito diferente da do resto do país, é caracterizada geralmente por um mosaico de bosque e de savana dominada principalmente pelos *om'fiati* ou “*colophaospermum mopane*” que oferecem uma paisagem de sonho no período pré-chuvoso. Encontramos imensas árvores frutíferas típicas, *munhandeiros* ou “*Dyospirus mespilifarmes*”, “*ficus hereroensis*” nos locais mais húmidos, palmeira leque ou “*hyphaene ventricosa*”, núcleos dispersos de espinheiros. Nos terrenos argilosos encontramos os *omupapa* ou “*spirostachys africana*”, acácia africana, imbondeiro “*adansonia digitata*” em terrenos não áridos, os *omive*. Existem também outras árvores de pequeno porte com bons frutos, maboqueiros “*strychnos spinoso*”, *omwoongo* ou gongueiro ou “*sclerocarya birrea*” (cf. Lima,1977:90-91). Também é notável o *girassonde* ou *pterocarpus angolensis* procurado para madeira, o *hyparrhenia spp* e *andropogon spp*¹².

Relativamente à fauna é muito rica e bastante distribuída pela diferente flora, com grande incidência no Parque Nacional da Mupa onde encontramos mabecos, hienas malhadas, leoas, leopardos, elefantes, zebras-das-planícies, hipopótamos, *potamoberos*, girafas, gungas, palancas vermelhas, caamas, impalas, avestruzes, cabra de leques e bâmbris (cf. Pedro & Mussili, 2012:13). Igualmente habitam perdizes, répteis, aves de rapina e outras, insectos variados, as famosas *omafuma* “rã-touro-africana” ou *pyxicephalus adpersus*, um dos pratos típico dos *Ovawambo*.

A fauna e a flora vão reduzindo consideravelmente o seu potencial, pois desde os tempos remotos que constituíam a principal ou secundária fonte de sustento de várias populações.

¹¹ Escrevemos este topónimo com a letra “C” porque não foi alvo de análise.

¹² Relatório do Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. MADR TCP/ANG/2907, (2003:4).

1.2. - Enquadramento sociolinguístico

1.2.1- Contexto Histórico do Município do Kwanyama

O Município do Kwanyama, assim como o resto da Província do Kunene, foi primeiramente habitado pelos antepassados dos povos *!Kung*¹³ ou *!Kun* pelos Vátua.

Este povo *!Kung* ou *!Kun* é conhecido pejorativamente por *Bosquímanos*, *Khoisan*, *Kamussequele*. No entanto, achamos melhor usar o termo *!Kun* ou *!Kung* por ser a designação pela qual se autodenominam. O sinal gráfico “ ! “ indica o clique que caracteriza a língua deste povo.

Os antepassados destes povos constituem o que os historiadores denominam, fundo do povoamento primitivo do continente africano, isto é, os povos mais antigos de África.

Perante essa questão, Reader (cf. 2002:136), ao analisar a “Declaração de Raça” da UNESCO e numa abordagem sobre as economias ancestrais de África, diz que [...] *«as atenções focaram-se sobre África, onde as mais antigas provas fosseis conhecidas das origens do homem têm sido postas a descoberto, e onde grupo de bosquímanos ainda vivem como caçadores e recolectores»*.

Os *!Kun* ou *!Kung* podem ser considerados o grupo antropológico mais antigo da África austral. Muito antes do século XII já ocupavam toda a região do sul do Zambeze, mas os seus sobreviventes foram pouco a pouco repelidos e posteriormente levaram “vida nómada”, apenas no Kalahari, onde não existem nem pradarias, nem terrenos férteis capazes de atraírem o colono e outros povos (cf. Estermann, 1983: 33) & (cf. Paulme, 1996:57).

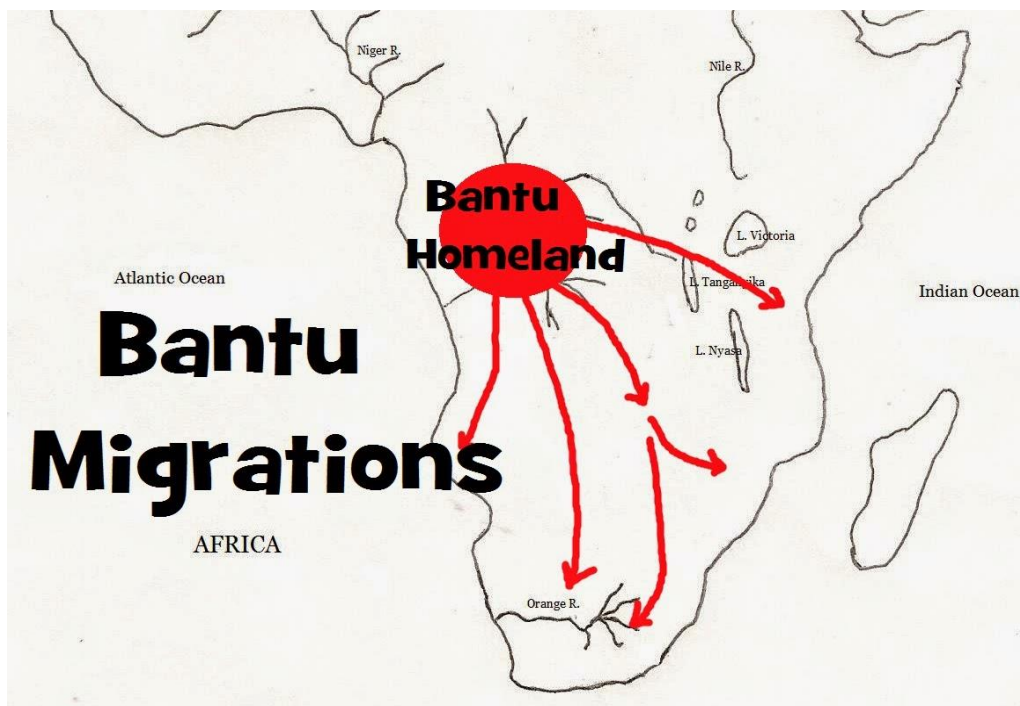
De acordo com Piçarra (2010:92-95),

“A investigadora Sara A. Tishkoff, da Universidade de Pensilvânia (EUA), em 2003, realizou um estudo genético de um grande grupo de populações humanas actuais, cujos resultados revelam que os !Kung ou !Kun possuem o mais elevado grau de

¹³ O ponto de exclamação que preceda representa um clique e pronúcia da letra “g” é nula.

diversidade do ADN¹⁴ mitocondrial de todas as populações humanas, o que indica serem uma das populações mais antigas na terra. O seu cromossoma Y encontra-se, do ponto de vista evolucionário muito perto da raiz da espécie humana, acreditando que vivem na região há mais de 100 mil anos”.

Com a emigração dos povos Bantu, vindos da região do Benué, hoje fronteira entre a República dos Camarões e a República da Nigéria, esta família dirigiu-se para as terras do Leste e Sul do continente africano; o grupo do itinerário sul alcançou a região da Bacia do Congo e a do itinerário Leste atingiu o Planalto Luba e a região dos Grandes Lagos, de onde partiu a expansão para os territórios da África Austral. No território angolano, a migração teve três direcções: pelo norte atingiu o Baixo Zaire; pelo oriente e pelo nordeste (ao longo do rio Zambeze e o Planalto de Katanga) e por último pelo sul, desde o norte do Kalahari até as terras do sudoeste de Angola (cf. Nzau, 2002:38).



Mapa 3: Migração dos povos Bantu¹⁵

¹⁴ Ácido desoxirribonucleico é o código da vida contida nos cromossomas. Também conhecido como património genético, o ADN. É a molécula orgânica que se encontra em todos os animais, plantas e na maior parte dos vírus, a qual contem a informação genética transmitida de uma geração à seguinte (Cf. Piçarra: 93).

¹⁵ Fonte: http://professormarcianodantas.blogspot.pt/2014_05_01_archive.html (14-10-2014).

Perante esta vaga de migração bantu, os !Kung ou !Kun foram pouco a pouco repelidos, o que os levou a refugiarem-se em zonas de difícil acesso como as regiões desérticas, montanhosas e estepes salinas dos confins do Sudeste africano, África do Sul, Botswana e Angola. Este facto foi possível porque os Bantu já dominavam a agricultura, a pastorícia, a cerâmica, eram portadores da metalurgia e possuíam uma melhor organização social e militar, o que lhes conferia superioridade militar. Também a pressão continuou com a presença europeia no âmbito da ocupação colonial.

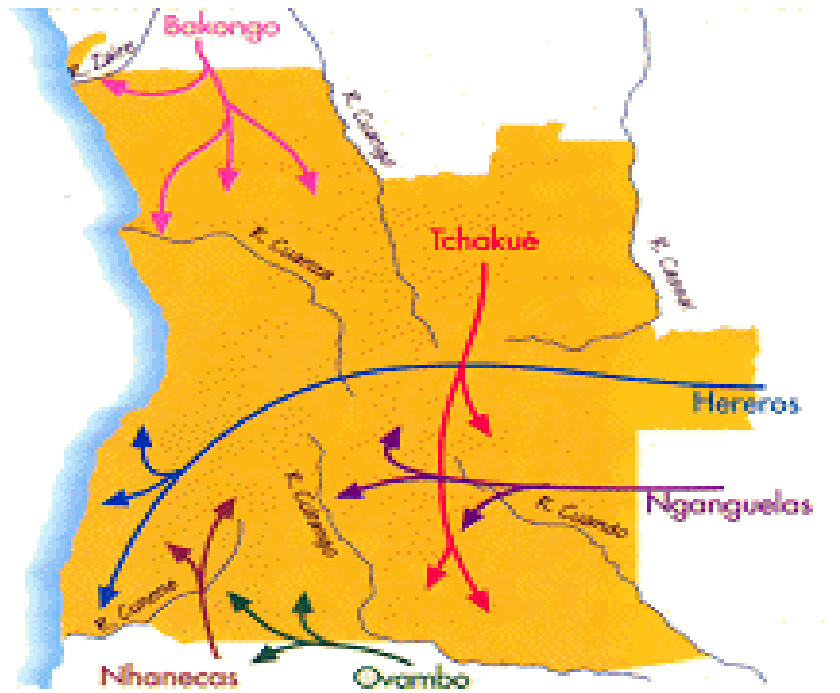
Reader (2002:136) afirma que,

[...] «na década de 50, dois mil anos de progresso sem escrúpulo por parte de pastores e lavradores tinha reduzido o território dos foragidos a uma fracção da sua primitiva extensão e o comportamento quase genocídio dos colonos europeus tinha reduzido o seu número a alguns milhares. [...] vivendo actualmente rodeados por comunidades agrícolas, pastores, urbana e industriais».

É de realçar que os !Kung ou !Kun e o grupo Ovawambo do Município do Kwanyama - Kunene não estão fora deste processo ou acontecimento histórico que envolveu, por um lado, grupos Bantu e europeus e, por outro lado, os grupos bantu e pré-bantu. O grupo etnolinguístico Ovawambo entrou pelo sul da Província do Kunene e do Kuando-Kubango, como mostra o mapa 5.

Alberto (1991), citado por Guebe (2008:28), traça o itinerário migratório obedecendo à seguinte direcção:

Vindos da terra do oriente atravessaram o território do actual Botswana, subindo o rio Cuvangu pela margem direita até as terras que ocupam, sendo os Kwanhamas no centro e sul da actual província do Kunene, os Ovakařimas ao nordeste e leste e os Ovakwamatu e Dombondola ao oeste e sudeste.



Mapa 5: Penetração de alguns povos bantu no território angolano¹⁶.

Segundo (AA.VV., 1965: 147),

Após terem atingido o seu actual habitat, entre o rio Kunene e o Kuvango (Kubango), a partir do século XVIII o grupo ergueu a chamada Nação Ovambo. No início, os clãs estavam mais ou menos distribuídos pelo território existindo um terreno desabitado entre eles. Pouco a pouco, os clãs foram perdendo força política e a subunidade étnica tornava-se cada vez mais forte; assim, era necessário um poder central, o «Ohamba». Os terrenos vazios entre os clãs foram portanto desaparecendo. Um dos clãs, que se apoderou do trono, foi ganhando mais força e foi assim que apareceram os reinos dos Ovambo, onde se inclui o dos Ovakwanyama, fundado pelo rei Kavongeka.

Antes da ocupação colonial, a etnia era o núcleo central da organização política de cada reino Ovambo. Como sistema político fortemente monárquico, por vezes, o *Ohamba* chega a governar despoticamente o seu povo, como senhor absoluto da terra e dos seus súbditos (cf. Costa, 1906:3) e (cf. Estermann, 1983a:30). Segundo Lima (1977:112), “alguns Ovambo tinham ficado na memória como justos”. Ele governava

¹⁶ Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mapa-de-angola/index.php> (18-10-2014).

com um conselho de que fazem parte os *omaleenga* (ministros - conselheiro), mas o poder deste conselho era muito limitado em comparação com o do rei. O reino estava dividido em *omikunda* (regiões) governados pelos *ovene vomikunda* (seculo) e o seu elenco administrativo, os *ovene vomikunda* (equivalente a administrador da Aldeia) eram membros da família real, caso que às vezes abrandava o poder ilimitado do *Ohamba* (cf. Estermann, 1983a: 30).

O desenvolvimento da força produtiva permitiu o surgimento de classes sociais: **Aristocracia:** constituída pelos grandes proprietários de terra, gado e de escravos (estes tinham o poder administrativo), os *omalenga* (ministro, conselheiro e chefe militar), os *Ondjai* (chefes militares) e os chefes religiosos; **Povo** (classe média): composto pelos pastores, pequenos produtores, e pequenos proprietários de gado, mulheres para praticar a agricultura, ferreiros e os artesãos; **Escravos:** que eram provenientes das guerras entre vizinhos e das expedições feitas pelo Ovawambo com o propósito de captura de escravos e gados (cf. Ngenonye, Vicente et al., 2010:23).

A base de vida dos *Ovakwanyama* era a criação de gado, a agricultura e o artesanato. Também praticavam a colheita de frutos, a caça, a pesca, o comércio interno e com outros povos, bem como execuções miliares periódicas para obtenção de gado.

Antes de 1917, o povo Ovawambo do actual território “angolano” ainda mantinha a sua soberania política. A conquista europeia nesta região vai ser marcada pela confluência de interesse dos portugueses e alemães a partir de 1880 e pela criação do protectorado Alemão no Sudoeste Africano (actual República da Namíbia). O acordo luso-germânico (30-12-1886) sobre a fronteira sul de Angola, não matou a esperança da Alemanha em conquistar essa parte do território angolano. Assim, era necessário que os portugueses procedessem à ocupação efectiva do território (como previa a Conferência de Berlim). Este conflito, segundo Pélissier (2013:141), foi «*a guerra sob todas as formas e por todos os motivos [...] a guerra com uma intensidade e uma participação dos contingentes europeus completamente invulgares a sul do Sara*». O autor ainda salienta que os portugueses nunca tinham reunido em Angola uma tal força desde as campanhas dos anos 60 (cf. Pélissier, 2013:188).

Os *Ovawambo*, grandes guerreiros comandados por chefes corajosos (Shihetekela; Mwatilefu ya Hautoni; Mandume e Shihula), começaram a derrotar os portugueses numa série de batalhas (Umpungo ou Vau do Pembe a 25/10/1904; Mufilu

a 27/08/1907; Mongua de 16 a 20/08/1915, 19/05/1916). Segundo Pélissier (2013:186), os portugueses viriam a conhecer a mais amarga derrota infligida às suas armas na África subsariana, obrigando-os a pedir reforços. Os *Ovawambo*, já com o exército reduzido devido à traição de alguns dos seus chefes militares, sofreram pressão dos ingleses a partir do Sudoeste Africano, o corte do fornecimento do material bélico por parte da Alemanha devido à sua derrota na Primeira Guerra Mundial. Os *Ovawambo* foram conhecendo sucessivas derrotas, partindo do Ombadja (*Ovakwamatu*), Evale até à conquista de Ondjiva por Pereira de Eça, a *Embala* do reino. Mandume, rei dos *Ovakwanyama* preferiu suicidar-se, em 1917, na localidade de Oihole, do que viver sob o domínio colonial, marcando assim o fim da independência *Ovawambo* e o início da dominação colonial portuguesa baseada numa política rígida de aculturação dos povos (cf. Pélissier 2013:186) & (cf. Guebe, 2008).

O sul de Angola foi quase "esquecido" em investimentos de desenvolvimento sociais e económicos em comparação com outras regiões de Angola, facto que só viria a acontecer depois de 1961 e que "estagnou" com a independência nacional em 1975. O conflito armado entre o MPLA e UNITA e, principalmente, a invasão das tropas sul-africanas (Agosto de 1975 a 1988) conduziram à destruição e esvaziamento da Província do Kunene para as Províncias da Huila e Namibe. A população só regressou ao Kunene entre 1989-1992. Apesar, desses acontecimentos (colonização e fluxo migratório), os aspectos sociolinguísticos e culturais continuam preservados, mesmo tendo sofrido as influências europeias e de outros povos bantu (cf. Veríssimo, 2005: 17-20).

Em 1992, começa a guerra civil em Angola que só terminou em 2002, com a assinatura do memorando de entendimento, a 4 de Abril. A paz permitiu o franco desenvolvimento social, urbanístico e económico da região.

1.2.2- Contexto cultural do Município do Kwanyama

Todas as sociedades têm o seu modo de vida, as suas crenças e valores, os hábitos e costumes que constituem património material e intelectual próprio que são transmitidos de geração em geração.

O nascimento de uma criança é uma grande alegria no seio dos Ovawambo. Cabe aos avós maternos do recém-nascido a atribuição do nome do primeiro filho de um casal. Os nomes são atribuídos segundo as circunstâncias sociais, pessoais, familiares em que surge a criança; é atribuído o nome de *Hamutenya* (se é rapaz nascido à tarde); *Nantenya* (se é rapariga nascida à tarde); *Haufiku / Naufiku* (à noite); *Hangula / Nangula* ao rapaz e às raparigas nascidos de manhã, e aos gémeos são obrigatoriamente atribuídos nomes dos reis e das rainhas. Os gémeos devem passar por uma cerimónia de purificação (*epasha*). A educação processa-se de forma prática, tendo em conta a divisão das actividades por sexo, os hábitos e costumes e a educação moral. Todos estes ensinamentos lhes são transmitidos a partir do *olupale*, isto é, para os rapazes (onde se acende o fogo sagrado) e para as raparigas é na *epata* (na cozinha). A *oyuo* (evento realizado pelos jovens de diversas aldeias) onde acontecem *oudano* (danças da raparigas). Os mais tradicionalistas conservam o casamento polígamo o que é visto como símbolo de poder; a acumulação ou produção de riqueza e a herança cultural é matrilinear (cf. Lima, 1977:137-143).

Para o casamento é exigido o *oyonda*: um dote costumeiro constituído por um boi, 3 enxadas canadianas, um cinturão de pele de boi e um garrafão de vinho.

Tradicionalmente a morte de uma criança, rapaz, rapariga, dona ou dono de casa e do rei obedecem a cerimónias de velório e enterro em lugares particulares (cf. Lima, 1977:147-149). A religião tradicional africana ainda é observada, assim como a difusão do cristianismo. *Kalunga* é criador do mundo, do homem e de todas as coisas; é o detentor do poder e da vida. Os “médicos e consultores espirituais” também fazem parte da cultura Ovawambo.

Relativamente à gastronomia Ovawambo, destacamos os seguintes pratos típicos: o *oshifimha* (funs de massango) acompanhado com *mafuma* (rã-touro), *oshifimha* com *dyove*, *oshifimha* com *omavanda*, *oshifimha* com carne de caça, *oshifimha* com leite. As bebidas são: o *oshikundo*, *omalunga* (marufo), *omahoongo*, *oshinhua*, *ombike* (aguardente feita à base de frutas), o *omalodo* (cerveja).

As principais cerimónias são: a *epasha* (cerimónia de purificação dos gémeos), *ekululo* (o primeiro corte de cabelo, aos 2-3 meses), *efundula* (cerimónia de passagem da puberdade), *ehombolo* (casamento). Todas as cerimónias terminam em grandes banquetes baseados na gastronomia acima descrita; os cânticos e as danças típicas de

cada cerimónia, onde as mulheres vêm trajadas com as famosas *odelela*¹⁷ cheias dos seus adornos e com as *ondyeva* (missanga que destinge uma rapariga de uma mulher).

1.2.3- Contexto etnolinguístico de Angola

O mosaico sociolinguístico de Angola é bastante diversificado, fruto dos diferentes grupos etnolinguísticos que nela habitam, formando um grande património sociocultural e linguístico. Com uma população estimada em 24.383.300¹⁸ de habitantes, com o maior peso demográfico a recair nos povos bantu.

O quadro da caracterização da população Angola é composto pelo povo Bantu; !Kun ou !Kung; Vátua e povos de origem Europeia. Segundo Wheeler e Pélissier (cf. 2013:32-36), o mosaico etnolinguístico de Angola é descrito pelos seguintes povos:

- 1.- Povo Bantu: Ambundu, Ovimbundo, Bakongo, Tucokwe, Ovaganguela, Ovanyaneka-nkumbi, Ovawambo e OvaHerero. São principalmente agricultores, pastores e comerciantes.
- 2.- Povos Vátua: Kwissi e os kwepe. São povos criadores-recolectores.
- 3.- Povos !Kung ou !Kun: “Khoi-khoi” e “San”. São povos caçadores-recolectores.
- 4.- Povo de origem Europeia.

Importa-nos salientar, aqui, que existe uma ínfima população de origem bantu, principalmente nos maiores centros urbanos, que não falam uma “língua de Angola”¹⁹ de origem Bantu”, isto é, são falantes somente do português.

¹⁷ Vestuário típico das cerimónias solenes dos Ovawambo, constituído por uma saia forte de algodão, com riscas verdes, azuis, brancas e vermelhas (*olukula* ou *oshide*).

¹⁸ Fonte INE:

<http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xid=ine&xpgid=boardmain2&xlang=PT&boardId=4424347> (02-10-2014).

¹⁹ Segundo a constituição da República de Angola, aprovada em 2010, no artigo 19º, o Termo línguas de Angola refere-se a todas as línguas de origem africana faladas no território angolano. Para sermos mais objectivos e claros, usaremos o termo línguas de Angola de origem africana.

Quadro 1: Distribuição dos grupos etnolinguísticos pelas respectivas províncias

Nº	Grupo étnico	Língua	Província
01	Bacongo	Kikongo	Cabinda, Uige e Zaire
02	Ambundo	Kimbundu	Luanda, Malanje e Bengo
03	Tucokwe	Cokwe	Luanda Sul, L. Norte, Cuando-Cubango e Muxico.
04	Ovimbundo	Umbundo	Bié, Huambo, Benguela, Huila, Cuanza Sul
05	Ovanyaneka-nkumbi	Olunyaneka-nkhumbi	Huila e Kunene
06	Ovawambo	Oshiwambo	Kunene e C. Cubango
07	Ovaherero	Oshihherero/	Kunene, Namibe
08	!Kun /!Kung	língua !Kun ou !Kung	Kunene, Huila e C. Cubango
09	Vátua	língua vátua	Kunene e Namibe
10	Vangangela	Ngangela	Quando –Cubango e Huila



Mapa 6: - Distribuição etnolinguística de Angola.

Por ser um país multilíngue, grande parte da população de Angola é bilingue ou trilingue, falando o Português e as “línguas de Angola” de origem africana ou somente “línguas de Angola de origem africana”.

1.2.4- Problemática das línguas nacionais

As línguas de Angola de origem africana constituem os símbolos etnolinguísticos do povo angolano e da identidade cultural de cada grupo ou povo. Apesar de as línguas de Angola de origem africana terem sido marginalizadas durante o período colonial, em detrimento da Língua Portuguesa, e quase “ignoradas” no período pós-independência, elas continuam firmes.

Com a independência, a 11 de Novembro de 1975, adoptou-se o Português como língua oficial, por razões sociopolíticas.

De acordo com Kukanda (2000:112),

“A língua portuguesa desempenharia um papel relevante como língua oficial de um Estado jovem, visto que o território é composto por vários grupos linguísticos, com a finalidade de terem o mesmo estatuto linguístico, assim como para aqueles que não se identificam com as diferentes línguas de Angola de origem africana”.

Este facto levou, talvez não intencionalmente, à negligência das línguas de Angola de origem africana, ou seja, tem-se feito pouco esforço com vista a elevar o seu estatuto, ou em prol da sua protecção enquanto património cultural mundial (Chivinga, 2014: 11):

“Os jovens angolanos estão a perder a competência nas línguas angolanas de origem africana faladas pelos seus progenitores devido à perda paulatina das suas competências linguísticas, motivadas pelo fluxo migratório forçado pelo conflito armado.

Apesar de verificar-se a implementação no sistema de educação, do ensino das línguas de Angola de origem africana, o contributo do INL e de outras instituições envolvidas, acreditamos que não tem sido suficiente o investimento relativamente à “questão das línguas de Angola de origem africana”, em comparação com outros países da África Austral, em que até é notável a transmissão de conhecimentos científicos por via de línguas africanas”.

Perante este perigo com que as línguas angolanas de origem africana se deparam, o autor defende a necessidade urgente das instituições angolanas de direito, criarem políticas mais coerentes, mais pragmáticas, mais ambiciosas e mais abrangentes, susceptíveis de intensificar o nível de protecção e valorização de todas as línguas faladas em Angola, de forma a preservar a herança sociocultural e a nossa identidade.

1.2.5- A língua Oshikwanyama no contexto das línguas Bantu

De acordo com Ngunga (2004:26), Greeberng classifica «as línguas africanas em quatro grandes famílias identificando em cada uma delas as famílias que variam em número de uma família para outras». A referida classificação é representada da seguinte maneira:

- 1.- Afro-asiático (subfamílias: Semita, Egípcia, Cushitica, Berber, Chádica).
- 2.- Nilo-sahariana (subfamília: Sonhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari, Koman).
- 3.- Congo-kordofaniana (subfamília: Niger-Congo e Kordofaniana).
- 4.- Khoi e San (subfamília: Khoi, San, Sandawe, Iraqw, Hatsa ou Hadza).

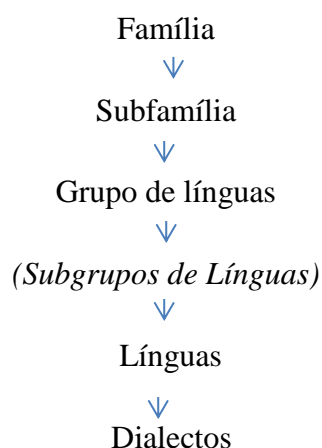
O mesmo autor ainda afirma que,

“Greeberng partiu de uma análise comparativa dos sons, de morfemas (lexicais e gramaticais) de línguas africanas, onde

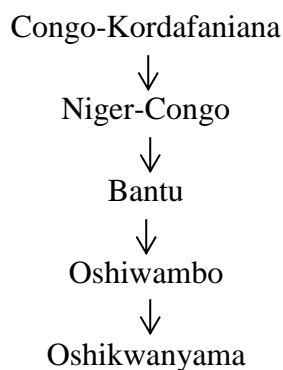
observou um conjunto de elementos particulares entres estes grupos, assim como os seus princípios de mudanças fonéticas usando cognatos linguístico”²⁰ (Ngunga, 2004:26).

Este estudo de Greeberng enquadra-se no campo da Linguística Comparada, onde se destacam o uso dos métodos tipológicos (análise de traços particulares que compõem a estrutura da língua em estudo) e do método genealógico (consiste na reflexão das línguas baseando-se num processo histórico de fragmentação de uma proto-língua ancestral em que elas têm origem) para o estudo das referidas línguas (cf. Ngunga, 2004:26-27).

O modelo de Greeberng é ilustrado da seguinte maneira²¹:

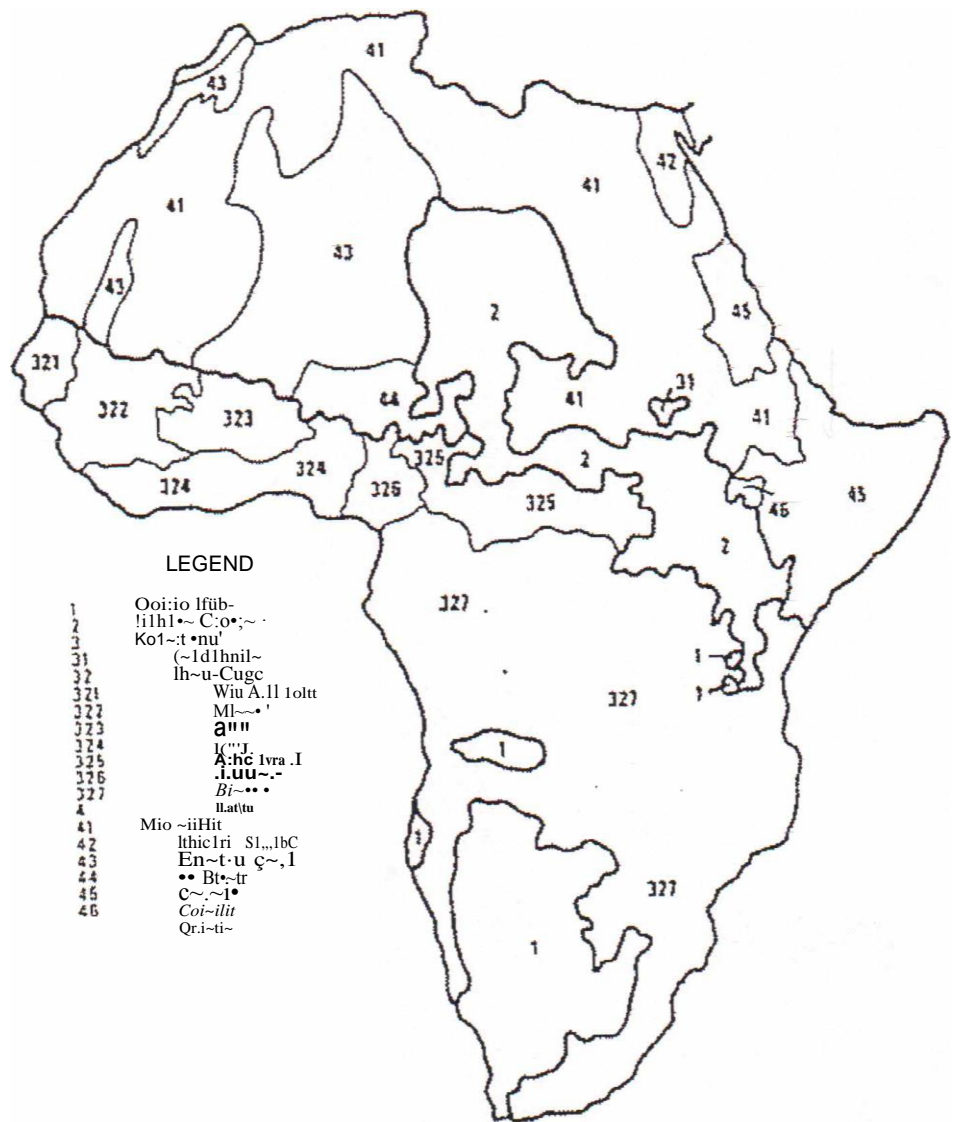


Partindo da classificação linguística apresentado por Grenberg, a língua Oshikwanyama, segundo (H. Silva, 2008:19), obedece ao seguinte enquadramento.



²⁰ Segundo Ngunga (2004:26), cognatos linguísticos são itens linguísticos que, pela sua correspondência fonética, podem ser considerados da mesma origem.

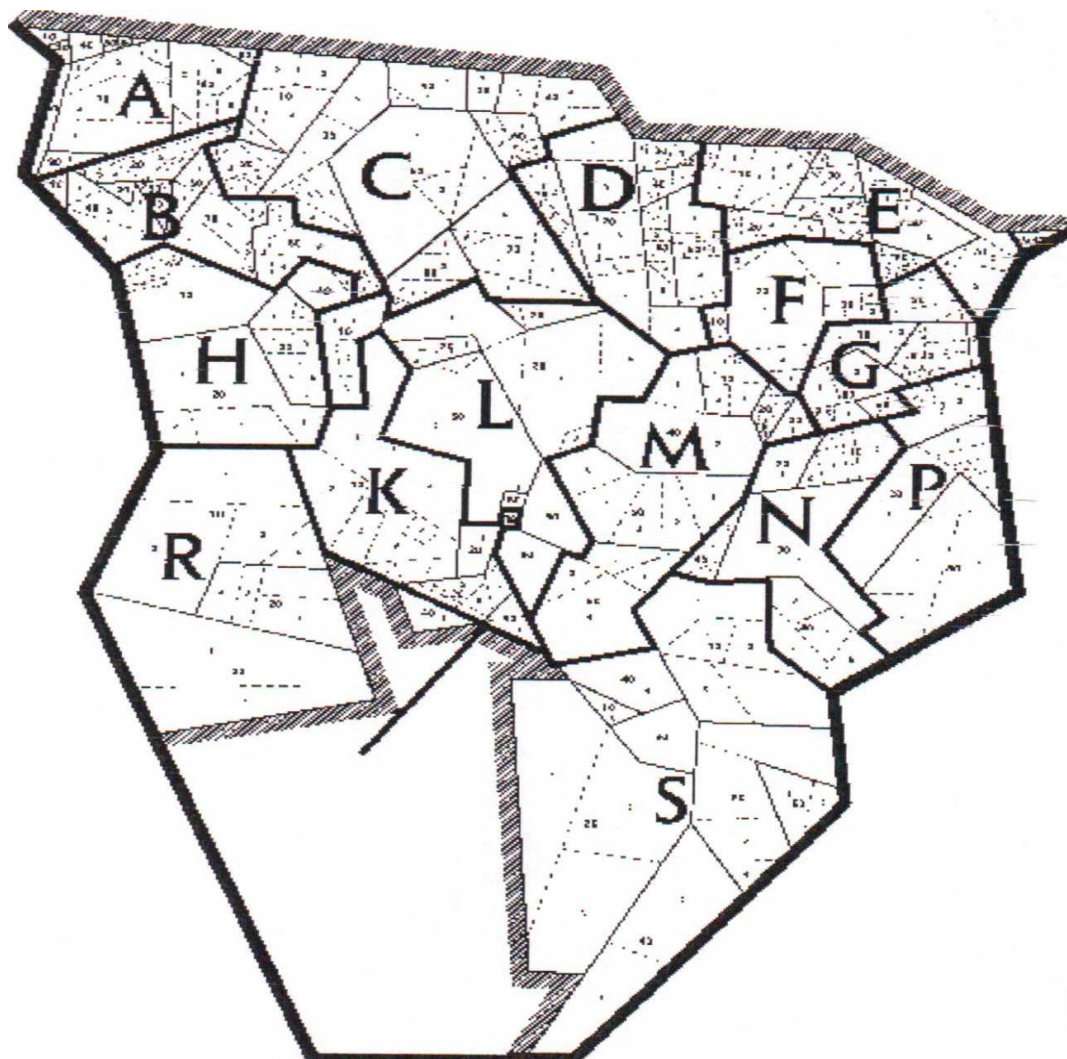
²¹ Ver o mapa de classificação das línguas africana segundo Greenberg na página a seguir.



Mapa 7: Famílias das línguas africanas, a classificação de Greenberg (1963). In Silva (2008:19)

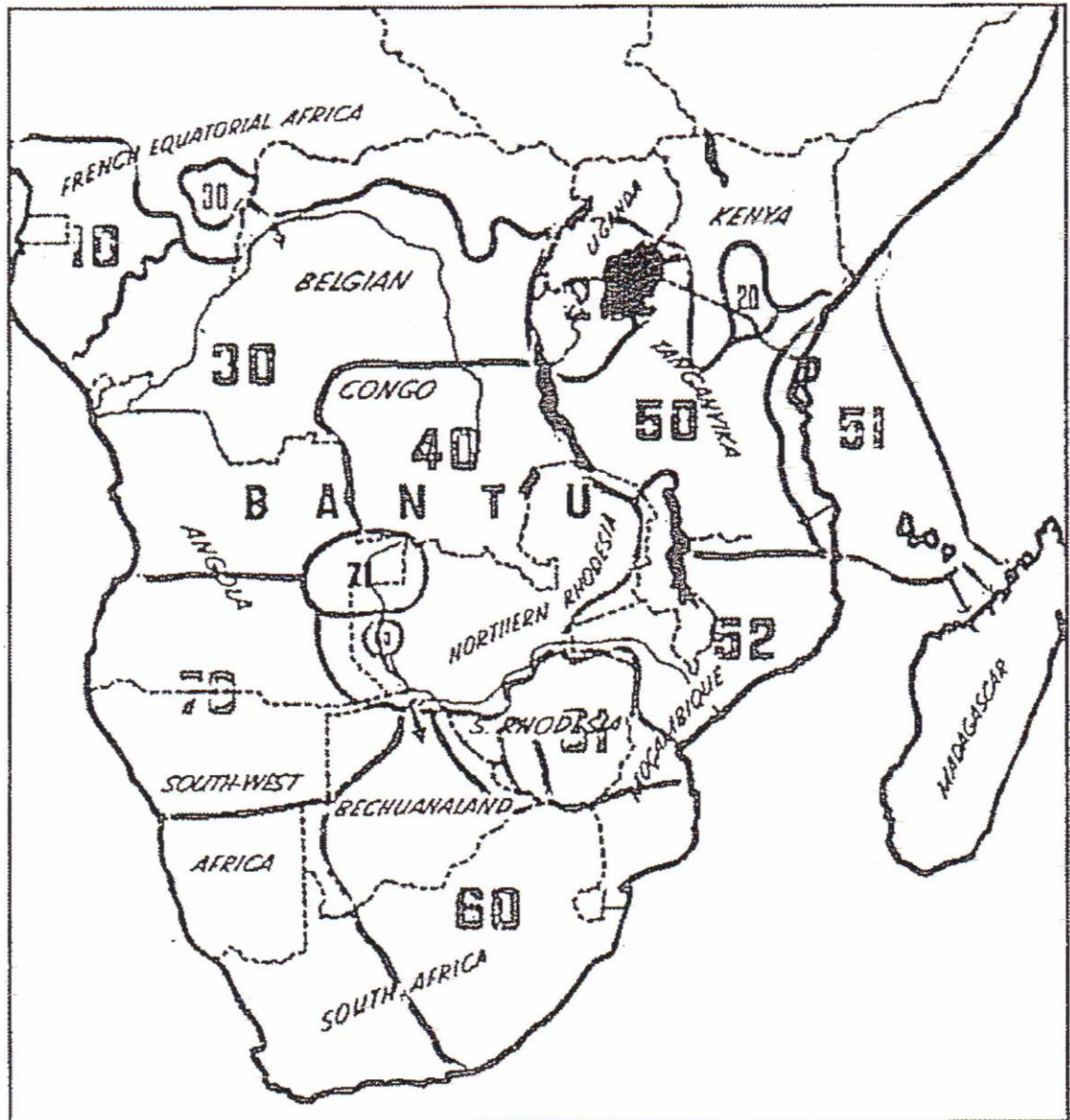
1.2.6.- Classificação das línguas bantu segundo outros autores (Gruthrie e Doke)

Baseando-se em princípios e métodos da linguística comparativa e geográfico-genealógico das línguas, Gruthrie classifica as línguas bantu em 15 subgrupos num sistema de letras maiúsculas (A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S) que representam uma zona linguística, associadas a números decimais que representam as variantes (cf. Ngunga 2004:43). Segundo H. Silva (2008:23), «a língua Oshikwanyama na classificação de Guthrie enquadra-se no grupo 21 da zona R».



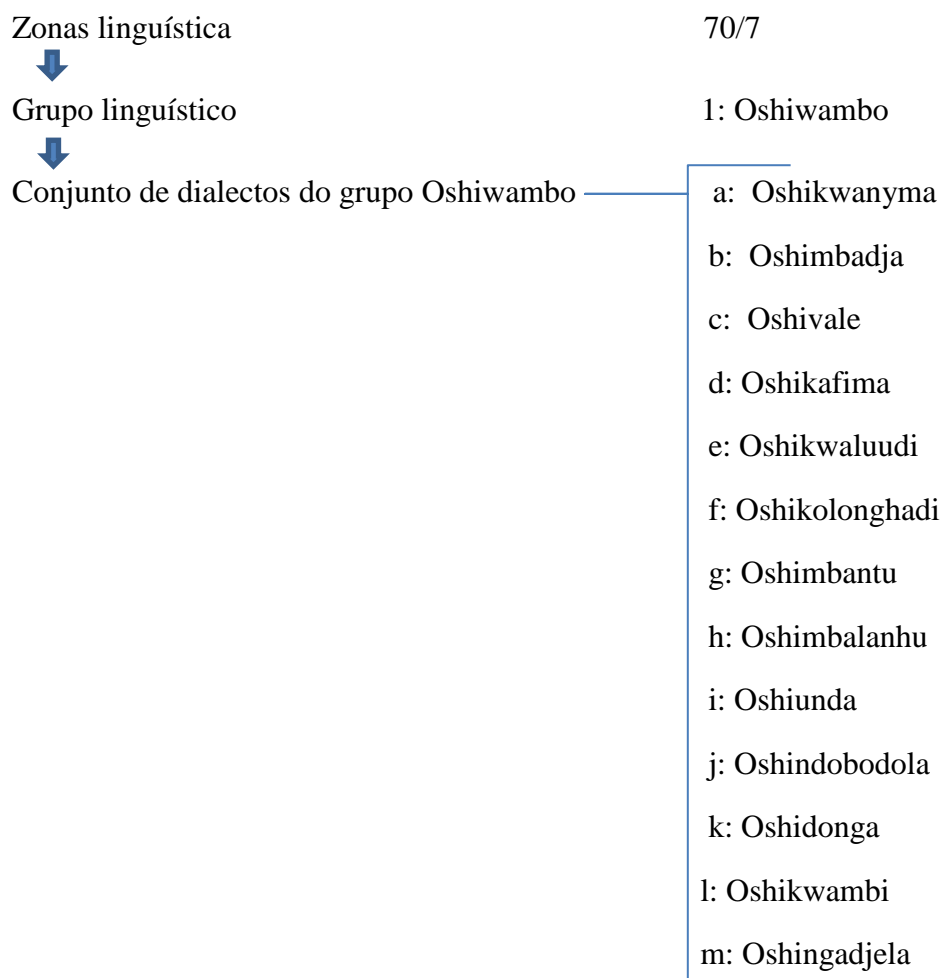
Mapa 8: Zonas e grupos das línguas bantu, classificação de Guthrie, in H, Silva (2008)

O critério de classificação de Doke não se distancia muito da classificação de Guthrie. Segundo Ngunga (2004:37), *Doke leva em consideração o afastamento da estrutura gramatical das línguas*. H. Silva (2008:20) avança que a mesma classificação tem uma base geográfica.



Mapa 8: Classificação das línguas bantu segundo Doke, in H. Silva (2008)

A seguir temos a classificação das línguas bantu, segundo Doke, e o enquadramento do oshikwanyama na estrutura de Doke segundo H. Silva (2008:22).



Neste caso a variante²² Oshikwanyama na classificação de Doke corresponde ao código 70/7/1a.

²² Neste trabalho adotamos o termo variante, pelo facto de termo dialecto ter uma interpretação pejorativa no seio a sociedade angolana, contrariando o conceito apresentado pelo dicionário de termos linguístico, Associação Portuguesa de Linguística, Volume I, 190:126), considerando ser uma das divisões que se podem aplicar a uma determinada língua, tomando por critério a região geográfica ou a camada a que pertencem os falantes.

1.2.7 - Caracterização sociolinguística do Município do Kwanyama

A Província do Kunene é uma das que melhor representam esta diversidade etnolinguística, pois nela estão presentes grupos Bantu e grupos “não Bantu”. Entre os Bantu, encontram-se os grupos falantes das línguas *Oshiwambo*, *Oshiherero*, *Olunyaneka-nkhumbi* e *Ngangela*. E entre os povos “não-Bantu”, temos os falantes da língua Vátua e os falantes da língua !Kung ou !Kun.

O Município do Kwanyama é constituído por dois grupos falantes da língua !Kun e os falantes do *Oshiwambo*. A Comuna de Ondjiva, palco dos nossos estudos, é habitada unicamente pelos *Ovakwanyama* (falantes da língua *Oshikwanyama*, variante da língua *Oshiwambo*).

De acordo com Estermann, um dos etnógrafos e antropólogos mais conceituado do sul de Angola,

“A nação *Ovawambo*, cuja língua é o *Oshiwambo*, agrega doze subgrupos: *Ovandong*a, *Ovakwambi*, *Ovangadjela*, *Ovakwaluudi*, *Ovakolonghadi*, *Ovambantu/ Ovambalanhu*, *Ovaunda*, *Ovandobodola*, *Ovambadja*, *Ovakwanyama*, *Ovavale* e *Ovakafima*” (Estermann, 1960:77).

Este quadro é corroborado por Namolo (cf. 2010:87), Hasheela (cf. 2013) e por Fernandes e Ntondo (cf. 2002:52), alguns dos mais considerados antropólogos e o linguista da variante *Ovakwanyama / Oshikwanyama* da actualidade, ao contrário de outros que consideram os *Oshindoga* como um grupo distinto.

Do ponto de vista linguístico, a língua *Oshiwambo* congrega as seguintes variantes: língua *Oshindonga*, *Oshikwambi*, *Oshingadjela*, *Oshikwaluudi*, *Oshikolonghadi*, *Oshimbantu/Oshimbalanhu*, *Oshiunda*, *Oshindobodola*, *Oshimbaja*, *Oshikwanyama*, *Oshivale* e *Oshikafima* (cf. Namolo, 2010:87).

Destacamos que de entre as variantes do grupo *Ovawambo* só os *Ovambaja*, *Ovakwanyama*, *Ovavale* e *Ovakafima* habitam o território angolano (cf. Namolo, 2010:87), que segundo Nzau (cf. 2002:66) correspondem a cerca de 30% da população Ovambo e os outros 70% habitam o norte da República da Namíbia.

De acordo com Namolo (2010:87), o subgrupo etnolinguístico *Ovakafima/Oshikafima* não existe como tal, segundo o autor «...trata-se apenas dos *Ovambokwanyama* instalados na região de «*Oshimolo*» e não de um grupo à parte diferente, como pretendem os historiadores».

Esta versão é contrária à versão defendida por Lima (cf. 1977:100-101); a autora fixa o povo *Ovakwanyama* como uma fracção do subgrupo *Ovandong*a do território namibiano, que teria deixado a sua terra natal indo para o norte, em busca de alimentos, depois de ter encontrado uma zona rica em caça acomodaram-se e já não voltaram à região dos *Ovandong*a, facto que levou os *Ovandong*a a denominarem aquele povo de *Ovakwanyama*, isto, é pessoas que gostam muito de carne.

Perante estas opiniões acima apresentadas acreditamos que é uma questão bastante pertinente que merece ainda um grande estudo para se chegar à realidade histórica desta questão.

1.2.8 - Etimologia de alguns termos

Salientamos aqui que o grupo *Ovawambo* é conhecido erradamente por “*Kwanyamas*” ou *Ovakwanyama* (s), e um indivíduo do grupo *Ovawambo* é conhecido por *Kwanyama*, facto que nos leva a clarificar um conjunto de termos da linguística *Oshiwambo-Oshikwanyama* que têm sido perturbados fonologicamente e graficamente, talvez, por falta de conhecimento. Eis alguns termos: *Ovakwanyama*, *Kwanyama*, *Oshikwanyama*, *Oukwanyama*, *Oshiwambo*, *Ovawambo*, *Ouwambo* e Bantu.

De acordo com Himmermam e Hasheela (1998:48), o nome *kwanyama* compreende os morfemas *kwa* + *onyama*, e significa na língua *oshindonga* "vindo ou proveniente de carne", ou "os da carne". A expressão correta para apontar um indivíduo é *Omukwanyama* [*omkwanyama*], isto é, o indivíduo que pertence ao grupo *Ovakwanyama*.

Isto implica que o termo lhes foi atribuído por habitarem uma zona rica em caça, alimentos muito apreciados por este grupo, facto que os leva fixarem-se nesta região definitivamente.

Oshi + kwa + (o)nyama
Língua + dos da + carne²³

Oshi + wa + ambo
Língua + dos da + avestruz²⁴

ou + kwa + (o)nyama
terra + dos da + carne

Ova + kwa + (o)nyama
povo + da + carne²⁵

Ova + wambo
povo + avestruz²⁶

Segundo Himmermam e Hasheela (1998:48)

“Na língua «Oshikwanyama» actual a palavra «onyama» significa carne, assim como é usada por todos os outros Ovawambo. Anteriormente, ou seja no «Oshikwanyama» vernáculo, o uso da palavra onyama para designar “carne” era um tabu, pois ombelela ou «oshivelelwa» eram as palavras mais usadas pelos «Ovakwanyama». A palavra ombelela é derivada do verbo «velela» (mergulhar pedaços de alimentos, por exemplo, mingau, em molho ou carne)” [tradução nossa].

Ovakwanyama: é o nome do subconjunto do grupo *ovambo* que habita a região de *Oukwanyama*.

Omukwanyama: é o singular de *Ovakwanyama*, isto é, refere-se a um único indivíduo que pertence ao grupo *Ovakwanyama* e identifica-se com tal (cf. Namolo, 2010:80).

Oshikwanyama: estamos perante uma das variantes da língua Oshiwambo, falada exclusivamente pelo subgrupo *Ovakwanyama*.

²³ A palavra foi-lhes atribuída pelo povo *Ovandong*a, literalmente significa língua daquele povo que gosta da carne.

²⁴ Significa língua do povo que tem um andar idêntico ao andar de avestruz.

²⁵ Literalmente significa língua do povo ou humanos que gostam de alimentar-se da carne.

²⁶ É uma palavra atribuída pelos seus vizinhos os *Ovaherero*, significa terra do povo que habita na região onde abundam avestruzes. O que nos parece mais lógico é a versão que traduz terra do povo que tem um andar semelhante ao da avestruz, isto pela sua estatura robusta, altos e fortes que caracterizava a aparência física deste povo.

Oukwanyama: trata-se do espaço geográfico habitado pelo povo *Ovakwanyama*. Exemplo: região de *Oukwanyama* (cf. Namolo, 2010:80), não exclui as regiões ou Comunas do mesmo Município cujo povo não é falante da língua *Oshikwanyama*.

Kwanyama: no contexto actual, propomos tratar-se da divisão política administrada da Província do Kunene, segundo os princípios consagrados na constituição da República de Angola, isto é, Município do Kwanyama é a área que incluiu as comunas de Ondjiva; Evale; Oshimolo; Onehone e Omongua, sem levar em consideração a fronteira étnica.

Oshiwambo: é uma palavra usada para designar uma ou mais variantes do conjunto linguístico aparentado do grupo Ovawambo. É de fazer menção neste ponto que a língua *Oshiwambo* como tal não existe, o que existe é um termo “*Oshiwambo*” que designa o agregado de línguas.

Ovawambo: refere-se ao grupo falante da língua *Oshiwambo*, composto por diversos subgrupos como demonstrámos anteriormente.

Ouwambo: trata-se da envoltura geográfica habitada pela conjuntura da nação Ovambo.

Bantu: é a combinação do prefixo de plural *ba+* o substantivo *ntu* o que significa homens, pessoas, ser humano. Segundo Kukanda (1986:5),

“O termo foi cunhado pelo alemão Wilhelm Bleek em 1862, depois de ter constatado características fonéticas, morfológicas, semânticas e lexicais semelhantes entre todas as línguas faladas desde o sul de Camarões até à África do Sul”.

Olunyaneka-nkhumbi	omuntu (sing.) / ovantu (pl.)	Nganguela	omunu (sing.) / omanu (pl.)
Kimbundu	muthu (sing.) / athu/ (pl.)	Oshikwanyama	omunhu / ovanhu
Zulu	munt’u (sing.) / abant’u (pl.)	Umbundu	omunu (sing.) / omanu (pl.)

Ao constatar estas semelhanças gramaticais no que respeita à palavra *pessoa*, ser humano ou homem, Wilhelm Bleek decidiu atribuir o nome de Bantu a este grupo linguístico, excepto aos !Kun e aos Vátua (cf. Namolo, 2010:88).

1.2.9 - Algumas características gerais das línguas Bantu

- A indicação do plural e do singular obedecem ao princípio de prefixação;
- Os substantivos são classificados segundo os prefixos do singular e do plural;
- Não existem artigos²⁷

1.2.10 - Estudos e produção de documentos da linguística Oshiwambo

Antes de mais é útil frisar que, apesar do grupo linguístico ter doze variantes linguísticas, os estudos da linguística do grupo *Ovawambo* são feitos e representados em duas variantes deste grupo linguístico (em *Oshikwanyama* e em *Oshindonga*), mas as leituras são feitas em qualquer uma das 12 variantes.

A escolha destas duas variantes deve-se a factores socio-históricos, isto é, serem os que possuem um maior número de falantes e por terem sido as variantes que têm mais literatura e produtos bibliográficos (científicos e religiosos); estes povos foram os primeiros povos a ser alfabetizados por missionários europeus nas missões de Omupanda e do Ndonga, também por apresentarem semelhanças na estrutura e funcionamento e pelo grande grau de parências que elas apresentam.

A decisão desta escolha foi possível após acordos firmados entre representantes da comunidade linguística da Namíbia e da Província do Kunene, para evitar o começo do “zero” dos estudos de outras variantes; assim, dar-se-ia uma sequência ao que já existe, visto que todas possuem a mesma estrutura gramatical e características linguísticas.

Assi, um diploma em *Oshikwanyama* ou em *Oshindonga* vale para todas as variantes do grupo *Oshiwambo*, tendo em conta as variantes mais próximas entre si. Por este facto diz-se que se «aprende a escrever em *Oshiwambo* através do *Oshikwanyama* ou através do *Oshindonga*, ou através das duas línguas».

²⁷ Para mais informações consulte Fernando e Ntondo, (2002:68) e / ou Ngunga, (2004:50).

1.2.11.- Características Específicas da Língua Oshikwanyama

Neste ponto apresentaremos alguns elementos particulares que caracterizam a *Oshikwanyama*. Geralmente na língua *Oshikwanyama*, o uso do gerúndio é pouco comum, a sua aplicação é feita em casos excepcionais e esses pouquíssimos casos regem-se pela sufixação. A aplicação do singular e do plural rege-se sempre pela prefixação. O mesmo acontece com os verbos e com os substantivos, facto que é observado nos topónimos expressos em língua *Oshikwanyama*, como veremos no posteriormente.

1.2.12- Escrita conjuntiva ou disjuntiva?

De acordo com H. Silva (2008: 49),

“As línguas Bantu podem apresentar o sistema conjuntivo ou sistema disjuntivo. O sistema conjuntivo consiste na ligação do morfema ao verbo dentro de uma frase, formando uma única palavra. Ao passo que a escrita disjuntiva implica a separação do morfema do verbo, locativos e palavras que compõem uma determinada frase”.

Essa união ou separação de morfemas reflectem os prefixos do verbo e das locuções. Estes dois sistemas dividiram por muito tempo os praticantes da língua *Oshikwanyama* da República da Namíbia, que usavam o sistema disjuntivo e os da República de Angola que usam o sistema conjuntivo.

O sistema conjuntivo consiste em escrever tal como a língua é falada, visto que o *Oshikwanyama* é uma língua de “ataque”, como referimos nas características específicas.

Exemplo de escrita disjuntiva: *“ohave shi pitifa nande nashi kale shihe li mondjila”*

Exemplo de escrita conjuntiva: *“ohaveshi pitifa nande nashikale shiheli mondjila”*

1.2.13-Morfologia

a)- substantivos

A língua *Oshikwanyama* é constituída por 9 classes substantivais que constituem 19 prefixos (Hasheela, 2013:39). A sua ortografia obedece ao sistema conjuntivo, isto é, os prefixos são escritos ligados aos substantivos, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 2: Classificação de prefixos segundo Hasheela (2013: 39).

Classe	Prefixos (sing. e pl.)	Exemplo	Língua portuguesa
1	omu- ova-	omunhu ovanhu	peessoa peessoas
1 (a)	- -	nima oo-inima	coiso, coisa, objecto coisas, coisos, objectos
2	omu- omi-	omutwe omitwe	cabeça cabeças
3	e- oma-	eliko omaliko	riqueza riquezas
4	oshi- oi-	oshikombo / oshiti oikombo	cabrito/ pau cabritos
5	o (n)- ee (n)-	ondungu eendungo	poço poços
6	olu- omalu- ee (n)-	olumenu omalumenu eelumenu	homem homens homem grande
7	oka- ou-	okaana ounona	criança crianças
8	ou- omau-	outa omauta	arma armas
9	oku-	okuoko	braço

	omaku-	omakuoko	braços
Classes locativas²⁸			
10	p(u)	Pokati	no meio
11	k(u)	Koushilo	no leste
12	m(u)	Monima	atrás

Todos os prefixos têm, geralmente, no início da palavra, a vogal “e” ou a vogal “o”, essas vogais são as que regem os sistema de substantivação na língua Oshiwambo.

A escrita ou pronúncia dos substantivos, verbos e locativos, em *Oshikwanyama*, sem as vogais “e” ou “o”, equivale à ausência de significado das respectivas palavras, ou seja, não existem dentro do sistema linguístico do *Oshikwanyama*.

De acordo com Ntondo (cf. 2014:106), todos os prefixos são antecidos de uma vogal (denominada aumento), excepto nas classes 1a, 3, 5 (do quadro de Hasheela) e nos prefixos de classes locativas (10, 11, 12). A presença de aumento nas classes 1a, 3, 5 não pode ser interpretada como representando aumento, mas simplesmente como prefixos.

Quadro 3: Descrição do plural e singular, segundo Ntondo (2014:106).

Classe	Exemplo (sing. pl.)	Língua portuguesa
1 ^a	Tate Ootate	Pai Pais
5	Ondungu Eendungu	Poço Poços

Continuando na senda da descrição das classes de prefixos, Ntondo (cf. 2014:109-118) faz uma descrição das características das classes que apresentamos no parágrafo seguinte.

A 1^a classe reúne substantivos cujos lexemas designam seres humanos. A 2^a classe agrupa diversos substantivos como vegetais, animais, partes do corpo e objectos

²⁸ Fernandes e Ntondo (2002:74), *Angola: povos e línguas*.

diversos. A 3ª classe agrega os substantivos relacionados com o ser humano, vegetais, animais e objectos diversos, e o seu plural tem a particularidade de reunir substantivos que reflectem elementos não quantificáveis, não contáveis que não conhecem o singular. Na 4ª classe incluem os substantivos que exprimem diversos conceitos. A 5ª classe reúne todos os substantivos não derivativos e alguns com consoante surda no início do radical. A 7ª classe é a dos substantivos que designam animais de pequena porte e realidades abstractas, e substantivos diminutivos e os substantivos desclassificados. A 8ª classe reúne substantivos que designam realidades diversas, qualidade e abstracção. A 9ª classe é a dos verbo-nominal, pois reúne a totalidade de verbos e uma parte dos substantivos, indicando as partes do corpo. As classes 10, 11, 12 veiculam a noção de lugar, específica e respectivamente a de superfície, direcção e interioridade (cf. Ntondo 2014:109-118).

1.2.14 - No ponto de vista semântico

As classes 1 e 1(a) são reservadas para substantivos que indicam o grau de parentesco. As outras classes reúnem categorias conceptuais diversas. Existem substantivos que designam seres humanos, mas que morfologicamente não pertencem às classes semânticas de seres humanos (cf. Ntondo, 2014:109-118).

1.2.15 – Fonologia e ortografia da língua Oshikwanyama

Ao debruçarmo-nos sobre a harmonização ortográfica da toponímia expressa em língua *Oshikwanyama*, caso da comuna de Ondjiva, devemos, antes de mais, analisar as características do sistema fonológico da referida língua. A língua *Oshikwanyama* usa o alfabético fonético internacional, desenvolvido pela Associação Fonético Internacional.

Fernandes e Ntondo (2002:80) referem que,

A língua Oshikwanyama assim como outras línguas da zona R apresenta uma vogal chamada de “aumento”, que precede sempre

o prefixo nominal em todas as classes, excepto a classe 3, onde a vogal (e) desempenha, simultaneamente, a função de aumento e de prefixo.

O autor prossegue ainda, salientando que na língua *Oshikwanyama* também existem sílabas nasais (cf. Ntongo, 2002:90). Como mostra o quadro abaixo.

Quadro 4: Exemplo de sílabas nasais, segundo (cf. Ntongo, 2002:90).

Oshikwanyama		Significado em Português
Ontwe	Omutwe	Cabeça
Ommati	Omumati	Rapaz

1.2.16 - Alfabeto da língua Oshikwanyama

O alfabeto da língua *Oshikwanyama* apresentada de forma experimental pela lei 3/87 de 23 de Março, aprovado pelo Conselho de Ministros não foi aceite pela comunidade de falantes, talvez por estar à margem de alguma realidade, facto que levou o Instituto de Línguas Nacionais (ILN) a decidir adoptar o alfabeto oficial namibiano usado para a língua *Oshikwanyama* na Namíbia, mas com recomendação do uso do sistema ortográfico conjuntivo. Isto foi possível, após um diálogo com a comunidade de especialistas da linguística *Oshikwanyama* e com as autoridades governamentais da Província do Kunene e da República da Namíbia²⁹.

Devido à questão acima aludida, o nosso trabalho será elaborado em torno daquele alfabeto, ou seja, dentro das actualizações introduzidas pelo GTPPEDELO (Grupo Técnico para a Padronização da Escrita e Correção de Documentos Escritos na Língua *Oshikwanyama*) e pelo CPLNK (Comité Provincial das Línguas Nacionais-Kunene). Acreditamos que o maior desafio e intenção destas instituições e da comunidade dos falantes é a uniformização da escrita da língua *Oshikwanyama* usada na Namíbia e em Angola, baseando-se no princípio de «uma língua, uma escrita única».

²⁹ Halme, Riikka. Acta do encontro sobre a questão do alfabeto e ortografia de *Oshikwanyama*, (2006: 1), realizado em Ondjiva, ver em anexo.

Quadro 5 - Alfabeto da língua *Oshikwanyama* segundo Hasheela

Letras	Valor fonético	Exemplo		Português
A	[a]	/fyaala/ – /tala/	[fja:ʎa] – [taʎa]	fica – veja
B	[b]	/ondobe/	[ondɔbe]	charco, lagoa
D	[d]	/dula/	[duʎa]	Despe
E	[e]	/eena/	[ɛ:na]	Piolhos
F	[f]	/fula/	[fuʎa]	Penteia
G	[ɣ]	/mbelegenyā/	[mbɛʎɣɛɣɣna]	
H	[ɦ]	/ohole/	[ɔɦɔʎe]	amor /
I	[i]	/minikila/	[mimikiʎa]	Ilumina
J	[ʒ]	/djala/;/ondjaba/	[dʒaʎa]; [ɔdʒaba]	veste; elefante
K	[k]	/kula/	[kuʎa]	Dorme
L	[ʎ] = [l]	/ileni/ /nale/	[iʎeni] [naʎe]	venham /há muito tempo
M	[m]	/mana/	[mana]	Termina
N	[n]	/nano/	[nana]	Nove
O	[o]	/toola/	[to:ʎa]	apanha, colhe, recolhe
P	[p]	/pepa/	[pɛpa]	Supra
S	[s]	/sikola/	[ʃikoʎa]	Estude
T	[t]	/tala/	[taʎa]	Veja
U	[u]	/shuuka/	[ʃu:ka]	Fuja
V	[v]	/evava/	[ɛvava]	Asas
W	[w]	/ouwa/	[ɔuwa]	gostar, bom, bonito, lindo
Y	[j]	/yela/	[jɛʎa]	Limpo
consoantes que resultam de combinações				
NY	[ɲ]	/nyoko/	[ɲɔkɔ]	“mãe”
MH	[m]	a letra /h/ precedida por /m/ é nulo		Mimo
		/omhelo/	[ɔmhɛʎɔ]	
NG	[ŋ]	ongudu/	[ɔŋgudu]	Grupo
NH	[n]	/h/ precedida de /n/ é nulo		pessoas, povo
		/ovanhu/	[ɔvanhu]	
NGH	[ŋ]	/onghenda/	[ɔŋhenda]	Piedade
SH	[ʃ]	/oshiima/ -- /shila/	[oʃima] - [ʃiʎa]	a coisa -- puxe
KH	[χw]	/ eekhuiki/	[eeχwiki]	Cabelo

Vogais

Na língua *Oshikwanyama* existem dois grupos de vogais:

- 1) Vogais curtas ou breves: /a, e, i, o, u/ são representadas pelos grafemas <a, e, i, o, u>.
- 2) Vogais longas: aa, ee, ii, oo, são representadas pelos grafemas < aa, ee, ii, oo> (AA., 2012:4)

Ex. aa [a:]	okaana	o-ka-a-na	(criança)
Ex. ee [e:]	heeno	he-e-no	(sim)
Ex. ii [i:]	okushiiva	o-ku-shi-i-va	(conhecer)
Ex. oo [o:]	toola	to-o-la	(colher)
Ex. uu [u:]	shuuka	shu-u-ka	(fuga)

É evidente que vogais seguidas ou duplicadas para além de formarem sílabas separadas³⁰, também podem mudar o significado das palavras.

Ex.A1	eembwa	ee-mbwa	(cães);
Ex. A2	eemadi	ee-ma di	(pés)
Ex. B1	dipa	(mata “verbo matar no sing”);	
Ex. B2	dipaa	(mata ele ou mata-o)	
Ex.B3	engobe dipaa	dinwe	(dê de beber aos bois)

Segundo AA, (2012: 4), as letras W e Y dentro do alfabeto da língua *Oshikwanyama* têm o estatuto de semi-vogais.

O “w” é usado na representação no fonema bilabial contínuo. Exemplo *eewa* (sim); *pewa* (ser dada). O “y” é usado na representação de «voiced palatal fricative continuante». Exemplo *efiya* (fugão); *ekiya* (espinho/ pico); diferente de *eefia* (óbito).

³⁰ Halme, Riikka. Acta do encontro sobre a questão do alfabeto e ortografia de Oshikwanyama, (2006: 2), realizado em Ondjiva.

Consoantes

O alfabeto do *Oshikwanyama* é composto pelas seguintes consoantes:

B D F G H J K L M N P S T V

A língua tem um carácter dinâmico; qualquer língua está sujeita a receber influências de outras línguas, facto que leva ao enriquecimento do léxico.

Nesta perspectiva, somos a favor de uma revisão e actualização do alfabeto da língua *Oshikwanyama*, ou seja da adopção do alfabeto latino (romano), a fim de colmatar algumas insuficiências verificadas na representação gráfica de certos sons, assim como para não colocar problemas em certos casos como o dos estrangeirismos. Como exemplos temos Carlos Queirós: será que alguém acharia normal ver o nome “Carlos Queirós” ser representado por «Kalusho Keloshi»; ou ver o nome “Shiwanifeni Kwatouta” ser escrito «Xiwani-feni Cuatouta»; “Zacarias” por «Dyakalia»?

As representações dos grafemas, como em qualquer língua, são feitas por umas das grandes ferramentas da linguística: “o consenso”. Pode chegar-se a um consenso perante a expressão do grafema /ce/ nas línguas *Oshikwanyama*, à qual não corresponderá o fonema [tche], como se tem verificado noutras línguas angolanas de origem africana.

Por isso, sugerimos o Alfabeto seguinte: A B C D F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Z de modo a poder grafar os topónimos e antropónimos de origem portuguesa e, eventualmente, de outras línguas bantu e não bantu.

No quadro 6 apresentamos uma caracterização fonológica da língua *Oshikwanyama*, segundo Ntongo (2014:35).

Quadro 6: caracterização fonológica da língua *Oshikwanyama*

MODO DE ARTICULAÇÃO		PONTO DE ARTICULAÇÃO		
		Labial	Dental	Posterior
Nasal		M	n	ŋ/ ɲ
Oclusivo	Surdo	P	t	K
	Sonoro	B	d	G
Fricativo	Surdo	F	ʃ(sh)	H
	Sonoro	V		
Contínuo		W		Y
Lateral			l	

Segundo Ntondo (2014:35), «os traços bilabiais e labiodentais foram reagrupados num só traço labial; os traços apicoalveolares e retroflexos foram reunidos num traço dental; e os traços velar, labiovelar e glotal foram reagrupados num único traço velar»

É de salientar que na língua *Oshikwanyama* o fonema [ʃ] é representado pelo grafema /sh/, exemplo *oshikwanyama* e não *oxikwanyama*, como tem sido grafado, muitas vezes. Os grafemas /khu/ representam o som aspirado, exemplo *okhukhwa* e não *oxuxua* para designar «galinha».³¹

Não fazem parte do alfabeto da língua *Oshikwanyama* os grafemas:

C, R, X e Q³².

1.2.17- Pronomes da língua Oshikwanyama

Quadro 7: Pronomes da língua *Oshikwanyama*

Pronomes pessoais			Pronomes possessivos	
Singular		plural	Plural	Singular
1ª pess.	Ame	Fye	Lange (meu/minha) embo langa (meu livro)	Letu (nosso/nossa) Eumbo letu (casa é nossa)
2ª pess.	Ove	Nye	Loye (teu/seu) Elonga loye (seu prato)	Leni (vosso/vossos) Eumbo leni (vossa casa)
3ª pess.	Ye	Vo	Laye (dele/dela) Embo laye (o livro dele)	Lavo (deles) Elonga lavo (prato deles)

³¹ Reunião do GTPPEDELO - Grupo técnico para padronização da escrita e correcção de documentos produzidos na língua Oshikwanyama. Aos 15-09-2014.

³² Reunião do GTPPEDELO - Grupo técnico para padronização da escrita e correcção de documentos produzidos na língua Oshikwanyama. Aos 15-09-2014, em consonância com o Comité Provincial das Línguas Nacionais – Kunene. Impota realçar que a letra “J” até ao momento não teria sido confirmada a sua inclusão no alfabeto da respectiva língua.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: TOPONÍMIA E LEXICOLOGIA

2.1- A Toponímia: objecto de estudo e campo de actuação

Segundo o Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa, Porto Editora (2013), a palavra Onomástica deriva da palavra grega “ *onomastiké [tékhne]*”, que significa arte de explicar nomes. Este campo do saber (Onomástica) tem como objecto de estudo os nomes próprios, como dizem, Sádaba e Rodríguez (2005: 852), ao definirem que

“ la onomástica se ha definido como la ramo de la lexicologia que estudia el origen de los nombres propios, por lo gerner al desde una perspectiva fundamentalmente histórica. Pero, además del interés lingüístico inherente a la lexicologia, la onomástica se ha utilizado como una ciencia auxiliar de la historia, capaz de explicar qué grupos étnico ocuparam un determinado espacio en función de la lengua a que pertencen los nombres”.

Este ramo da Lexicologia encarrega-se de explicar a etimologia e evolução dos nomes e está dividido em duas perspectivas: a Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes de lugares).

Tavares e Isquierdo (2006: 274) definem a Toponímia, *como o ramo da Onomástica que se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares, que mantém interfaces com outras áreas dos conhecimentos, como a História, Geografia, Antropologia, dentre outras.* Os autores prosseguem afirmando que,

“Na dimensão linguística, o estudo dos topónimos (nomes de lugares) pode ser realizado sob diferentes perspectivas: Análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxonómica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrónico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topónimos” (Tavares e Isquierdo 2006: 274).

Perante esta perspectiva linguística da Toponímia, procuraremos abordar no presente trabalho, os aspectos ligados à classificação taxonómica dos nomes, analisar as taxes predominantes, analisar os estratos linguísticos evidenciados pelos designativos

(discussão da motivação semântica dos nomes), analisar a estrutura morfológica e etimológica dos topónimos, nos parâmetros dos estudos lexicológicos.

Apesar do nosso trabalho ter uma perspectiva linguística, devemos reconhecer o carácter interdisciplinar do topónimo, pois o seu estudo envolve uma dimensão mais inclusiva de outras áreas de conhecimentos, uma vez que os topónimos encontram-se revestidos de aspectos sociais, históricos, migratórios, meio geográfico, étnico de uma determinada região, como descreve Trapero (1997:1)

«La toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la lingüística, la geografía, la historia, la botánica, la arqueología, la antropología...».

Nesta perspectiva, o estudo dos topónimos não é simplesmente um estudo etimológico dos nomes dos lugares; é uma análise mais abrangente porque os topónimos são marcas de um povo, constituem um acervo sociocultural e linguístico. Os nomes de lugares descrevem os percursos sociopolíticos, históricos, o valor cultural e económico, assim como a estrutura da língua de um povo.

2.2 - Importância da Toponímia

Podemos evidenciar que os topónimos são uma marca que reflecte uma região e representam um acervo cultural e linguístico de um determinado povo, pois para além de servirem de orientação, os topónimos são elementos de referência e de organização dos acidentes naturais e artificiais, e permite-nos também compreender o percurso histórico, os valores culturais e a estrutura linguístico de um povo. Ainda nesta óptica, Quintino (1997: 88-90) enfatiza que,

“ A função fundamental da Toponímia será sempre a de contribuir para organização e localização a vida da Cidade e de um povo. A segunda função refere-se a uma utilidade imediata espelhando os momentos de vida comum, emanante de um quotidiano partilhado, dado o peso introduzido por via da organização de todo o corpo social”.

A toponímia tem uma grande importância em diversas áreas da sociedade. Importa-nos apenas apresentar de forma resumida a sua relevância dentro da visão de Silva (cf. 2011:56-57).

Segundo o mesmo autor, na cartografia permite a elaboração de mapas; na área jurídica os nomes das propriedades públicas ou privadas podem levar a sérios problemas de ordem legal, caso não tenham uma base toponímica; na Geografia ajuda-nos na identificação dos acidentes naturais e artificiais; nas actividades político-administrativas permite-nos fixar as referências dos limites de um município, distrito, estado e até limites internacionais; na História ela oferece-nos dados para reconstruir o passado histórico de um povo, conhecer as características culturais; na Linguística representa um dos meios fundamentais para o estudo da língua de um povo; na área de viação e trânsito, as placas toponímicas constituem um meio de orientação dos viajantes e no contexto social os topónimos podem ter um significado afectivo importante para os habitantes de uma determinada comunidade, difícil de ser compreendida por alguém que não pertence a esta comunidade.

Por outro lado, a Toponímia pode ajudar na reconstrução da fauna ou flora de uma determinada região alterada pela acção do homem ou pela acção natural, através do nome patente. Podemos confirmar este caso em alguns topónimos da Comuna de Ondjiva que na sua maioria apontam para os aspectos naturais das localidades que a compõem.

De igual modo, a Toponímia permite reconhecer características físicas e geográficas dos lugares bem como a motivação semântica original que lhes está associada e que, com o tempo, vai desaparecendo da memória dos falantes. Contribui para o melhor conhecimento dos povos, da sua história, política e social, suas crenças religiosas e outras realidades de natureza social e económica (cf. Raposo e Nascimento, 2013:1005).

Podemos afirmar que os topónimos resultam da acção do pensamento, isto é não existe topónimos sem pensamentos. Pois esta relação nos remete ao pensamento de Dick afirmando que *«apenas o emprego dos singos linguísticos é que se torna especial*

nas ciências onomasiológicas; ou; em outras palavras, a função significativa dos nomes é que se firerencia quando a Toponímias dos transforma em seu objecto de estudo» (Dikc, 1990:36).

Pois estes sons ou sequências de sons, os topónimos, constituem um instrumento de comunicação num determinado sistema linguístico, estabelecendo uma relação entre significado e significante.

2.3 - Toponímia como signo linguístico

O processo de atribuição dos nomes aos lugares, geralmente, envolve factos naturais e sociolinguísticos que ligam a referida região a quem a denomina. Tais nomes representam um recorte do léxico de uma língua, inserida no ramo da onomástica e possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico, como afirma Antiqueiro (2011: 32)

«a Onomástica, ciência que se subdivide em Antroponímia, a qual tem como objectivo de estudo os nomes próprios de pessoas, e Toponímia, que tem como objecto os estudos de nomes de lugares, está directamente ligado à Linguística».

A Toponímia é uma parte da linguística que se preocupa com os estudos dos nomes de lugares, de suas relação com a língua de um país, com as línguas activas ou desaparecidas, podendo influenciar de várias maneiras o enriquecimento do léxico português (cf. Dargel, s/d: 2597).

De acordo com Trindade (1997:90),

“O topónimo é uma interpretação linguística dos signos transmitidos pelos «lugares»; assistimos a um processo de criação que se pode considerar poético. Ao estarmos perante esses «nomes de lugares», estamos perante o cruzamento de três variáveis

fundamentais – tempo, espaço e matéria. A palavra faz-se através da metáfora e/ou metonímia”.

Um topónimo é u sinal linguístico, é uma unidade que possui um significado e um significante, unidos por uma relação indissociáveis.

O autor ainda descreve que a criação de topónimo torna-se inseparável do mesmo, havendo uma relação recíproca entre ambos, isto é, a palavra é a interpretação do lugar. Tudo se resume à memória do espaço construída pela língua. A atribuição de topónimo é sempre um acto de criação linguística, pela acção do pensamento (cf. Trindade, 1997:89).

2.4 - Importância da Lexicologia para o estudo da Toponímia

O nosso estudo recai sobre um léxico específico da língua *Oshikwanyama*, ao tratar de algumas denominações usadas pelos falantes do *Oshikwanyama*. Tratamos de uma microtoponímia, uma vez que nos referimos a uma categoria ínfima da Toponímia da Comuna de Ondjiva: nomes de lugares relacionados com ruas, bairros e aldeias.

De acordo com Lino (1979: 12), *o léxico não é um simples aglomerado de vocabulários isolados, mas um sistema*, citando Dubois 1962, a autora diz que « *formé d'un ensemble d'unités significatives où tout se tient où les éléments se délimitent réciproquement et tirent leur valeur de la position qu'ils occupent à l'intérieur de ce système*». Dentro desta visão podemos afirmar que o léxico é um património vocabular de uma língua natural, ele pode ser compreendido como o saber interiorizado pelo falante de determinado grupo sociolinguístico e cultural. Constitui, a totalidade das palavras da língua de um povo.

De acordo com Lino, o léxico pode se definido “*comme une combinatoire syntaxique et sémantique partiellement ouverte, que l'activité métaphorique s'y déploie nécessairement, et que toute lecture ou toute production d'énoncés est à la fois une obéissance aux règles de la langue et une création à partir de ces ègles: cration qui bien sûr ouvre un large champ à l'activité discursive*” (Bastuji 1978, citada por Lino, 1979:13).

Dentro desta visão podemos considerar o léxico, como objecto de análise da Lexicologia, está intimamente ligado ao estudo do signo toponímico, cuja função principal reside na especificação e na identificação de lugares, pode fornecer ao estudioso da língua elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, económica, social e cultural de uma região.

Considerando esta perspectiva, a análise dos topónimos seleccionados para o presente estudo tenciona verificar em que medida esse tipo de signo pode revelar aspectos socioculturais específicos de uma comunidade linguística, no nosso caso, o falar do seringueiro da Comuna de Ondjiva.

Enfim, procuramos analisar, além das motivações das denominações, do ponto de vista individual ou colectivo, o tempo de surgimento dos topónimos, os aspectos antropológicos, históricos, económicos e naturais presentes nas denominações e a sua respectiva representação gráfica.

Partindo do pressuposto que os topónimos são alguns elementos que constituem o léxico de uma língua, deste modo a Lexicologia na qualidade da ciência que estuda de unidades lexicais de uma determinada língua, do ponto de vista etimológico, fonético, morfológico, fonológico, sintáctico e semântico, por meio dela os topónimos deixam de ser um simples instrumentos de marcação ou identificação de lugares para se transformar num fundo de memória de natureza documental tão valioso e significativo como os textos escritos (cf. Melo, 2012:4).

“Dentro do quadro conceitual e histórico da Ciência Onomástica, hoje é considerado um sub-grupo da Lexicologia, traduzindo, assim uma outra forma de dizer e pensar o léxico; ao mesmo tempo, contribui para a sua própria expansão terminológica difundindo expressões regionalistas e formas individualistas do fazer nominativo” (Dick, 2006:218).

Os topónimos constituem uma fonte de enriquecimento do léxico de uma determinada língua. Nesta perspectiva, os topónimos expressos na língua *Oshikwanyama* contribuem para o enriquecimento da língua *Oshikwanyama* e da língua *Oshiwambo*.

A Lexicologia desempenha um papel importante no estudo dos topónimos ao analisar, cientificamente, os topónimos dentro de vários níveis gramaticais, como uma unidade do léxico, desde a sua estrutura, funcionamento e mudança, de modo a compreender a evolução da língua e da sociedade. Para além de revelar os aspectos culturais e sociais de um determinado povo, permite também examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural. A Lexicologia faz uma análise das palavras de maneira a compreender a construção e detenção de uma visão do mundo, da ideologia e de valores, e descreve e analisa as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenómenos que ocorrem. O léxico para além de ser um património social e cultural, constitui um elemento essencial de uma determinada língua.

2.5 - Função social da toponímia

As pessoas de uma determinada comunidade identificam-se com os topónimos daquele espaço, não só por reunirem informações, mas também por facilitarem a comunicação e a organização do espaço. Portanto, os topónimos de uma região desempenham funções de coesão social e de identidade da comunidade. Eles também funcionam como um verdadeiro ecomuseu que a partir dos pontos-chave, podem contar a história de uma comunidade, aludir à sua natureza e dela retirar os seus assuntos, transmitindo o conjunto de saberes acumulados durante séculos (cf. Ferreira, 2013: 287-289).

2.5.2 - Importância da Toponímia na construção da memória colectiva

Salazar (2011:10) escreve que

La toponímia es una disciplina que muestra aspectos fundamentales en la vida de los seres humanos, en ella convergen una gran gama de factores físicos, sociales, económicos, culturales y filosóficos que señalan hacia el surgimiento de un nombre geográfico, primer elemento relacional entre el hombre y el medio.

Partindo desta definição da toponímia podemos afirmar que ela também constitui um meio útil para a recuperação e reconstrução do processo histórico, cultural e linguístico de um grupo humano e de uma região. Nesta perspectiva podemos também salientar que ela, actualmente, constitui um «arquivo vivo» de memória colectiva.

De acordo com Quintino (1998:21), *a problemática da toponímia representa um modelo social, pois ela nos tempos de hoje representa uma atitude ou um momento alto do nosso percurso histórico corporizado por sua vez no topónimo escolhido.*

Por outro lado, em Angola, é vulgar em vários discursos políticos dos últimos anos referir-se a preocupação pelo resgate dos valores culturais e patrióticos. Nesta perspectiva, a toponímia de uma região ou de um país contribui para a construção da memória colectiva de uma nação, influenciando as novas gerações dando-lhes uma educação cultural e patriótica através das acções exemplares de uma ou várias figuras históricas.

O desenraizamento progressivo das populações leva a que o seu quotidiano seja menos partilhado, sugerindo, cenas menos marcantes, talvez porque a escola de valores se alterou. A verdade é que as ruas passaram a ser por excelência uma forma de homenagear homens ou momentos altos da vida nacional. A toponímia é uma forma de criar um arquivo de pessoas e momentos, que constituem efectivamente memória colectiva que codificamos; conseguimos reter e muitas vezes damos a conhecer protagonistas do avanço da nossa história, de uma forma mais simples; arranjam maneira de conviver directamente com grandes figuras históricas, mantendo vivo, de uma dada forma, um valor que é considerado importante (cf. Quintino,1997:89).

Em conformidade com esta perceptiva, Silva (2011:67) acrescenta que *“para os habitantes de uma determinada localidade não é cabível alterar nomes usados em honra a pessoas proeminentes da história local, em memória de factos históricos e do cotidiano, [...] não se altera o topónimo sem que os habitantes o permitam ou sem o consentimento da própria pessoa”*.

Do ponto de vista histórico, os topónimos possibilitam a identificação e a reconstrução de aspecto histórico-socia-culturais de um povo, através dela chega-se às causas ou motivos de denominação. Assim, cabe ao pesquisador *“reconstruir a toponímia das localidades e revelar as motivações e as causas que levaram à formação*

deste nome relacionando as circunstâncias de formação dos aglomerados humanos e as alterações ocorridas na região” (cf. Tizio citado por Melo, 2012:4).

2.5.2 - Toponímia como património cultural

O léxico toponímico serve como referência cultural de um povo, pois nele está patente a língua e os aspectos do mundo real, elementos que podem ser considerados como riqueza de um determinado povo. Os topónimos da Comuna de Ondjiva apontam sempre, directa ou indirectamente, para uma realidade sociocultural e natural. A preservação dos mesmos implica a preservação e valorização da cultura deste povo e do seu espaço geográfico.

De acordo com Melo (2012:4),

“Os signos toponímicos adquirem valores que transcendem o próprio acto de nomear, uma vez que o léxico presente na língua de um povo reflecte o seu modo de ver a realidade e a forma como os seus membros organizam o mundo que os rodeia”.

A toponímia é fruto da relação do homem com o meio natural, ela leva-nos à etnologia, história e etnolinguística, sendo assim uma fonte de conhecimento científico e patriótico de um país, pois através dos topónimos podemos identificar uma nação. Ela constitui uma personalidade particular de uma região, assim como permite conhecer as características culturais dos habitantes de uma determinada região.

Concluindo a toponímia de uma região constitui um património cultural nacional, municipal ou comunal, pois representa um acervo cultural do respectivo povo.

2.6 - Motivação toponímica

As motivações dos topónimos estão sempre associadas a um conjunto de factores geográficos, naturais, ambientais e sociais de um determinado povo.

A denominação de um topónimo reflecte o contexto de factos culturais, características geográficas (fauna, clima, relevo e flora), fenómenos naturais, fenómenos sociais, históricos individuais ou colectivo dum determinado espaço.

O homem, ao longo do seu percurso socio-histórico e migratório, sentiu desde sempre a obrigação de denominar o seu habitat e o meio natural que o rodeiam. Este processo não é um simples acto de nomear, pelo contrário pressupõe determinados factores.

Dentro desta perspectiva, Dick, (2006b:215) descreve

“Devem ser entendidas, pelas circunstâncias do próprio registo, seja em narrativas míticas, transmissões orais, lendários, cosmogónicos, mais como vivências humanas extraídas do quotidiano grual, do que práticas historiográficas paralelas, para fins determinados. O conhecimento obtido dessas descrições indicativas do surgimento dos lugares reveste-se de um valor inestimável por significar os primeiros dados de uma organização nominativa, que viria a se firmar, depois, no código de comunicação utilizado”.

2.7 - Percurso histórico dos estudos da Toponímia

A arte de atribuir nomes às coisas e a tudo aquilo que nos rodeia é tão antigo quanto a Humanidade, ela sempre acompanhou o homem desde os tempos mais remotos. Pois, ela servia para que o homem se situasse e comunicasse.

Segundo Dick (cf. 2006: 96), os primeiros estudos sobre elementos gramaticais na área da Toponímia remontam à antiguidade clássica, na pessoa de Dionísio de Trácio no século II a.C.

A toponímia como disciplina sistematizada dentro uma grelha curricular académica apareceu na França por volta de 1878, introduzida por Auguste Longnon, que viria a publicar a clássica obra para o conhecimento das nomenclaturas dos lugares, “*Les noms de liceu de france*” em 1912. Com a sua morte, Albert Dauzat deu sequência ao seu estudo com um amplo programa científico, que incluiu investigações, congressos e fundação de revistas que abordam questões da Onomástica, facto que deu um grande impulso ao estudo e compreensão da problemática da Toponímia, que logo se expandiu para os EUA, Canadá, Rússia, Brasil, Espanha, Venezuela e resto do mundo (cf. Dick, 1987: 93-100). Estes países podem oferecer grandes obras para a compreensão da problemática da Toponímia e da Antroponímia.

Em Angola, os estudos e apontamentos concernentes à actividade toponímica estão ligados à presença e ocupação portuguesa, relatados nos escritos dos vagantes, comerciantes, missionários, no Boletim Geral das Colónias, Boletim do Instituto de Angola e no Boletim Cultural. Grande parte destes estudos tinha finalidades coloniais, isto é, para dominar os povos era preciso antes de mais conhecer multilateralmente a realidade da conjuntura humana e geográfica em causa. Apesar destas particularidades estes produtos bibliográficos servem-nos muitíssimo para a compreensão da Toponímia do local.

A política colonial de imposição do unilinguismo levou o português a sobrepor-se às línguas regionais. Esta é a razão pela qual os nomes das localidades apresentam uma estrutura fonémica e ortográfica aportuguesada, levando à pronúncia de um eufemismo que se acomoda na língua portuguesa. Este facto é apontado por Ntongo (s/d:97-98), como uma das razões do surgimento das variações ortográficas dos nomes das localidades.

No período pós-independência são pouquíssimos os estudos recentes que tratam de forma sistemática a problemática da toponímia em Angola, em realce estão as obras de Berta M. Jacob (2012); Geraldo Namolo (2010) e a obra de Zovani Ntongo (s/d). Esta última faz uma análise gramatical profunda sobre os topónimos e oferece grande subsídio para uma normalização da toponímia de origem bantu. Sobre a comuna de Ondjiva, quase não existem obras bibliográficas que analisem a questão em estudo.

2.8- A interdisciplinaridade da Toponímia

É bem visível a função que Toponímia desempenha no seio das ciências humanas e naturais. De igual modo, assumimos o carácter indisciplinar da Toponímia, pois o estudo da problemática toponímica envolve um conhecimento de outros campos do saber a fim de concretizar de forma satisfatória e completa os seus propósitos.

Isquierdo (1998:493), citando Quijada, define a Toponímia como o ramo da

“Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en tiempo, de los aspectos: geo-histórico, socio-económico y antropolingüísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”.

Os dois autores mostram a interligação da Toponímias com diversas áreas do conhecimento, isto é, o seu objecto que implica o princípio da interdisciplinaridade, o que leva à existência de perspectivas diferentes.

De acordo com Isquierdo (1998:493), *“trata-se de uma concepção abrangente e dinâmica que considera a interdisciplinaridade necessária à análise dos designativos de lugares”.*

Assim, verifica-se que alguns autores apresentam nos seus trabalhos sobre toponímia uma abordagem na área da linguística, concretamente, no campo da lexicologia e da lexicografia, fundamentando a sua utilidade na resolução de problemas de carácter gramatical que afligem os topónimos, encarando-os como um signo linguístico.

A interdisciplinaridade da Toponímia também é abordada por Raposo e Nascimento (2013:1005) ao referirem que

O estudo da origem e da motivação dos nomes de lugares chama-se Toponímia, que é uma área interdisciplinar por excelência, pois nela se projectam conhecimentos muito diversos como a geografia física e a geografia humana, a história e a arqueologia, a botânica e a zoologia, entre outras ciências.

Pode analisar-se a problemática da toponímia com maior incidência numa perspectiva sociogeográfica e histórico-cultural. Esta “corrente” considera que a função principal da toponímia está ligada à localização e organização dos lugares. E os nomes

atribuídos a esses lugares passaram a ser, por excelência, uma forma de homenagear homens ou momentos altos da vida nacional; constituem efectivamente uma memória colectiva, servindo assim para manter vivo, de uma dada forma, um valor considerado importante que possa servir de modelo para as futuras gerações.

Apesar de certos autores se distinguirem por defender uma ou outra perspectiva, torna quase impossível uma abordagem da problemática da Toponímia exclusivamente numa única perspectiva, por ser uma questão multidisciplinar, pois, ambas as correntes estão interligadas. Isto é, não existem toponímias sem um reflexo linguístico, ou sem reflexo sociogeográfico e histórico-cultural, como bem esclareceu Dick,

É certo que, em qualquer uma dessas perspectivas, realiza-se uma análise de fatos toponímicos, bastando, para tanto, a comprovada formação intelectual do pesquisador. Mas é certo também, que, em nenhuma dessas posições, tomando isoladamente ou com exclusivismo, será possível atingir a plenitude do fenómeno toponomástico, em seu conjunto (Dick,1990:35).

Os estudos toponímicos estão ligados a diversas áreas do conhecimento, de maneira interdisciplinar, inseridos nos contextos linguísticos e socioculturais.

2.9 - Taxionomia toponímica

Para melhor compreensão e estruturação do campo conceptual, os topónimos estão organizados em taxes. De acordo com Dick (cf. 2006b:220), o surgimento dessa classificação está intimamente ligado a dois aspectos: o primeiro refere-se à organização do acervo conceptual da Toponímia, tal como acontece, qualquer ciência deve ter o seu conhecimento logicamente estruturado e a sua terminologia muito bem estruturada e definida; e o segundo refere-se aos aspectos que motivaram as respectivas nomeações.

“Não há dúvida de que a questão terminológica era o pano de fundo de toda essa actividade: Consciente, portanto, da necessidade de buscar modelos taxionómicos para os vários conjuntos de topónimos, em agrupamentos macro-estruturais, procura-se (...) os elementos que permitissem a apresentação de

um quadro classificatório, da maneira a satisfazer a demanda das pesquisas (...) levando à formulação de uma terminologia técnica de elementos genéricos de classe onomástica” (Dick, 2006b:220).

No modelo taxinómico de Dick (1992), segundo Sousa (cf 2007:118-120), os topónimos são agrupados em categorias distintas. Taxionomias de Natureza Física (11): topónimos relacionados com o ambiente físico e geográfico; e Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural (16): inclui os topónimos que reflectem aspectos sociais, históricos e culturais que envolvem o homem.

2.10 -Taxionomia de Natureza Física

a)- *Astrotopónimos*: são topónimos reactivos aos corpos celestes. Exemplo: Estrela Azul.

b)- *Cardinotopónimos*: são topónimos reactivos às posições geográficas em geral. Exemplo: Aldeia Outokelo e Amadora Este.

c)- *Cromotopónimos*: topónimos reactivos à escala cromática. Ex.: Bairro Azul e rio branco.

d)- *Dimensiotopónimos*: topónimos relativos às características dimensionais de acidentes geográficos. Exemplos: Bairro da ilha e Senhora do Monte.

e)- *Fitotopónimos*: topónimos relativos aos elementos vegetais. Exemplos: ruas das mangueiras e Omwoongo.

f)- *Geomorfotopónimos*: topónimos relativos à características topográficas (elevações, depressões). Exemplo: Morro do Moco, no Huambo.

g)- *Hidrotopónimos*: topónimos relativos a acidente hidrográficos em geral. Exemplos: Cascata da Huila, Kakulvale, Kunene e Cataratas de Ruacaná.

h)- *Litotopónimos*: são os topónimos referentes aos minerais e à constituição do solo. Exemplo: Mercado das pedrinhas.

i)- *Meteorotopónimos*: topónimos referentes a fenómenos atmosféricos. Ex.: Chuisca.

j)- *Morfotopónimos*: são topónimos relativos às formas geométricas (em forma de círculo, curva e etc.). Exemplo: Volta Redonda.

k)- *Zootopónimos*: topónimos referentes aos animais. Ex.: Baía dos Tigres e Omhinda.

2.11 -Taxionomia de Natureza Antropo–Cultural

a)- *Animotopónimos* (ou *Nootopónimos*) topónimos relativos à vida psíquica e à vida cultural. Exemplos: Victória, saudades e belo.

2)- *Antropotopónimos*: são os topónimos referentes aos nomes exclusivos de indivíduos. Exemplos: Angelina Tavares Carina e Morais Soares.

a)- Pronome: Gil

b)- Hipocorístico: Betinho

c)- Pronome + alcunha: Fernando Velho.

3)- *Axiotopónimos*: topónimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios de indivíduos. Exemplos: Rei Mandume ya Ndemufao, Doutor António Agostinho Neto e Comandante Kow-Boi.

4)- *Corotopónimos*: topónimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Exemplos: África, Angola e Luanda.

e)- *Cronotopónimos*: topónimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjectivos novo(a), velho (a). Exemplo: Kahama velha.

f)- *Ecotopónimo*: topónimos relativos às habitações em geral. Ex: “Jango ” e “casa de pau-a pique”.

g)- *Ergotopónimos*: topónimos relativos aos elementos da cultura material. Exemplo: Ondyiva.

h)- *Etnotopónimos*: topónimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, castas, grupos étnicos). Exemplo: Kwanyama; Ombadja.

- i)- *Dirrematopónimos*: topónimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Exemplo: Omufito Kaana Mwena.
- j)- *Hierotopónimos*: topónimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, e efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Exemplos: capela Leonardo Shikufinde, Cristo Rei. Esta categoria divide-se em:
- 1.- *Hagiotopónimos*: nomes de santos ou santas. Exemplo: Santa Maria de Assunção.
 - 2.- *Mitotopónimos*: entidades mitológicas. Exemplo: Huila.
- k)- *Historiotopónimos*: topónimos relativos aos movimentos de cunhos históricos, sociais, aos seus membros e às datas comemorativas. Exemplos: Avenida 11 de Novembro, memorial do rei Mandume.
- l)- *Hodotopónimos* ou *Odotopónimos*: topónimos referentes às vias de comunicação urbanas ou rurais (estradas, travessias). Exemplo: kaponte, três pontes.
- m)- *Numerotopónimos*: topónimos relativos aos adjetivos numerais. Exemplo: bairro Cinco.
- n)- *Poliotopónimos*. são topónimos referentes aos vocábulos vila, cidade, povoação, arraial. Exemplos: Cidade do Kilamba, Serra da Vila.
- o)- *Sociotopónimos*: topónimos relativos às actividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro de membros de uma comunidade, aglomerados humanos. Exemplos: pracinhas, discoteca, tribuna.
- p)- *Somatopónimos*: topónimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou de animais. Exemplo: Pé do Boi.

2.12- Problemática da Toponímia de Angola – caso do Município do Kwanyama

Tal como referimos no primeiro capítulo, relembramos que Angola foi uma colónia portuguesa até 11 de Novembro de 1975, baseada num modelo de assimilação dos povos. Após os 57 anos da ocupação colonial portuguesa da região, que actualmente constitui a província do Kunene, deixaram fortes influências no modo de vida das populações e na sua cultura material e imaterial. Esta forte influência também é notável na toponímia angolana. Algumas regiões foram forçadas a mudarem os seus nomes, foram rebaptizadas com nomes que reflectem a realidade social e histórica portuguesa.

O município do Kwanyama é uma das poucas regiões de Angola que viram muito pouco os seus topónimos pré-coloniais serem alterados pelo governo colonial. O

fenómeno que mais se verifica nos topónimos que são fruto do contacto com os portugueses é o seu aportuguesamento. Podemos aqui recordar que na maior parte da toponímia do Município do Kwanyama, particularmente, da Comuna de Ondjiva, persistem as denominações originais.

Os casos de aportuguesamentos permitiram eliminar uma possível influência fonética das línguas angolanas de origem africanas presentes em determinados topónimos (cf. Costa, 2013: 46). Entre vários exemplos citamos o caso do topónimo Giva ou Ondjiva e Naipalala.

Outro facto a salientar é a variação escrita dos topónimos originários da língua Oshikwanyama ou da língua Oshiwambo, questões que também nos levaram a empreender este estudo, como objectivo de apresentar uma harmonização ortográfica dos topónimos.

2.13- Necessidade da Harmonização dos Topónimos

Sendo a língua (escrita e/ou verbal) o elemento vector na transmissão e manifestação dos nossos pensamentos, sentimentos e de todo o complexo sociocultural e histórico de um povo, devemos ter certa prudência e consideração, como refere Namolo (2010:13), *«cada língua falada e/ou escrita tem o seu código peculiar, isto é, os seus padrões, parâmetros e regras estereotipados»*. Por isso, ainda diz o autor que, *«é obrigação moral, pessoal e respeito pelo público, ter a peito o cultivo e o uso correcto, preciso e conciso da língua»*.

Não estamos a refutar o carácter dinâmico da língua, pelo contrário, estamos perante uma nobre e mais pertinente questões que afecta esta área linguística (a onomástica) regional e nacional.

Segundo Namolo (2010:15), *«os nomes devem ser pronunciados com alma e arte [...] a não pronúncia exacta destes vocábulos leva, necessária e obviamente, à confusão, à deturpação, à equivocação e à ambiguidade do auditório, além de “ferir” imenso o ouvido»*.

Por outro lado, a escrita e pronúncia incorrecta dos topónimos levam a má interpretação dos aspectos sociais, linguísticos e históricos; podem pôr em causa a

transmissão dos respectivos valores para as futuras gerações, com podem também “ferir” moralmente e/ou criar irritações nos habitantes e/ou na comunidade de falantes e utentes da língua.

De acordo com Silva (2011:67), *«os erros de ortografia e da pronúncia do nome da localidade podem provocar situações constrangedoras pelo facto dos nomes constituírem um sentimento social de orgulho pela ligação do topónimo com o lugar»*.

A necessidade de harmonização dos topónimos também está ligada à própria natureza da língua como arte. Posição já defendida por Namolo (2010:86) ao salientar que

“A língua é com uma «arte colectiva» de expressão (escrita ou oral), isto é, ela constitui uma combinação de elementos, fonológico, eufémico, rítmico, simbólico e morfológico da língua de um povo ou grupo humano [...] a ignorância desta realidade é estar muito próximo da continuidade da adulteração ou “lesa-majestade” da realidade que foi deturpada ao longo dos tempos, devido ao choque de civilizações e de culturas”.

Importa aqui salientar que não é somente a questão da harmonização gráfica que merece atenção, existem também outros problemas com os quais nos deparamos no dia-a-dia no que tange os topónimos, a saber: 1- A denominação da rua a partir de uns indivíduos ou uma instituição de referência que mora ou se localiza naquela rua, em vez de referir o nome próprio do sítio; 2 - Lugares, principalmente ruas, sem nomes próprio ou sem qualquer nome.

Santos, C. (2008:84) descreve que *“o governo desempenha um papel importante na harmonização e no registo dos topónimos, pois permite a promoção, a eficácia e a utilidade dos nomes geográficos correctamente e para fornecer localizações inequívocas”*.

Portanto, é necessário empreender os mecanismos necessários que visam a boa gestão da informação toponímica na administração comunal de Ondjiva, assim como nos painéis toponímicos, a fim de que os topónimos possam desempenhar sua função social, tal como se pretende.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1- Constituição do *corpus* de análise

O corpus de análise dos topónimos foi constituído por:

- Documentos escritos recolhidos nos arquivos da AMK, CRCK – Ondjiva, ACO, INE, CME, EFPO, DPE-Cunene;
- Suporte fotográfico dos painéis publicitários, das placas toponímicas;
- Documentos orais colhidos junto dos “mais velhos”, das autoridades tradicionais e das pessoas com conhecimentos profundos da questão.

3.2 - Análise do *corpus*

Após a recolha e organização dos topónimos realizaram-se entrevistas a uma população cuidadosamente seleccionada entre os idosos, as autoridades tradicionais e as entidades conhecedoras da questão da toponímia local, partindo de alguns critérios previamente definidos.

Para além de entrevistas individuais, também foi realizado o *Focus Grup*, somente, às autoridades tradicionais; estes eram os secretários dos sobas, os sobas, os sobas grandes e o seculos. As questões colocadas foram respondidas pelos responsáveis de cada aldeia ou bairro, havendo, no entanto, várias questões que foram respondidas pelo soba grande de Ondjiva e pelo adjunto; por esta razão, na ficha toponímica citamos a fonte de forma individual, mesmo que a recolha da informação ter sido feita em *focus group*.

Os indivíduos entrevistados de forma individual eram indivíduos com tradição oral bem conhecidos. A população entrevistada era composta por 25 entrevistados com idades compreendidas entre 40 e os 87 anos de idade, naturais da Comuna de Ondjiva, habitantes das aldeias, em análise, há mais de 20 anos; estavam ligados à autoridade tradicional, conhecidos por terem conhecimento oral sobre da região (tradição oral); eram falantes da língua Oshikwanyama e conhecedores de aspectos socioculturais do povo Ovawambo.

Também foram feitas entrevistas a alguns funcionários de algumas instituições públicas, nomeadamente, da conservatória dos registos notariais do Kunene; Administração Municipal do Kwanyama; Administração Comunal de Ondjiva; Delegação Provincial da Justiça do Kunene; Direcção Provincial da Educação do Kunene; da Direcção da Provincial da Cultura do Kunene e outros. Em anexo,

apresentamos a grelha dos entrevistados com as suas características sociodemográficas e a características pertinentes.

Os dados recolhidos foram submetidos ao método qualitativo; foi feita uma análise e interpretação das informações recolhidas por meio de entrevistas realizadas, na qual seleccionámos as informações essenciais para o nosso trabalho.

Posteriormente efectuámos os seguintes passos:

- Verificação de existências de variantes dos topónimos recolhidos;
 - Análise e apresentação etimológica dos topónimos recolhidos;
 - Análise e descrição da composição fonética dos topónimos recolhidos;
 - Análise e descrição da estrutura morfológica dos topónimos recolhidos;
 - Análise qualitativa e crítica das informações obtidas por meio da entrevista;
 - Descrição da componente semântica dos referidos topónimos e sua motivação;
 - Apresentação da proposta de ortografia dos topónimos segundo a fonética e as regras do alfabeto da língua *Oshikwanyama*;
 - Descrição da classificação e motivação dos topónimos da comuna de Ondjiva;
 - Criação de fichas toponímicas para a concepção de uma base de dados toponímica
- Finalmente, a validação dos topónimos foi realizada por 8 especialistas do Grupo Técnico para a Padronização da Escrita e Correção de Documentos escritos na Língua Oshikwanyama (GTPEDCELO), em Ondjiva.

3.3 - Delimitação da investigação

Devido à imensa extensão do Município do Kwanyama e à vastidão do objecto de estudo da Toponímia, o presente trabalho está confinado ao estudo da Toponímia da Comuna de Ondjiva, sobretudo aos nomes de aldeias, bairros, ruas e escolas. Ondjiva é uma das seis comunas que compõe o Município do Kwanyama, Província do Kunene.

A nossa pesquisa recai sobre a análise da estrutura dos topónimos, a questão motivadora, etimológica e ortográfica. Não é nossa intenção nesta investigação resgatar os nomes anteriores das respectivas localidades ou sítios, pois os nomes descrevem uma história; limitar-nos-emos a harmonizar a grafia dos topónimos actuais.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E PROPOSTA DA HARMONIZAÇÃO DOS TOPÓNIMOS DA COMUNA DE ONDJIVA

Neste capítulo faz-se a análise e a descrição dos dados resultantes da nossa pesquisa. Apresentamos as variações gráficas dos topónimos do *corpus* de análise; apresentamos também uma proposta de grafia dos topónimos, com base nas regras da língua *Oshikwanyama*, a taxionomia, os gentílicos na língua *Oshikwanyama*, as propostas de gentílicos em português e sua motivação, numa ficha lexicográfico-toponímica que servirá para a concepção de uma **Base de dados lexicográfico-toponímica**.

4.1- Fichas lexicográfico-toponímicas

Ficha toponímica Nº 01	
Topónimo: Kunene / Cunene (província)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Hidrotopónimo	Transcrição fonética: [kunene]
Gentílico em Oshikwanyama: om´kunene / ovakunene	Proposta da ortografia: Kunene
Proposta do gentílico em Português: Kunenense	
Etimologia: Deriva de expressões oshiwambo <i>unene</i> (grande, largo, forte, grosso); <i>onloga unene</i> (“rio grande”); <i>oku okunene</i> “aqui ou neste sítio (do rio) é largo; é maior ou é fundo”. Na língua Oshikwanyama os substantivos, verbos e locativos apresentam sempre o prefixo “e” ou o prefixo “o”. Neste caso, os nomes de lugares que não obedecem a esta regra de substantivação, resultam do aportuguesamento da palavra <i>okunene</i> e/ou <i>ounene</i> pois, se assim não fosse, os respectivos enunciados ficam sem significado dentro do sistema linguístico Oshikwanyama.	
Motivação: A atribuição deste nome deve-se à vastidão do caudal e do leito do rio com o mesmo nome que cruza aquela região, observadas em vários pontos pelo povo ovambo durante a travessia para a margem esquerda, onde viriam a fixar-se. O rio constituía um marco entre as terras Ovawambo e Ovanyaneka.	
Surgimento do Topónimo: período colonial	Fonte: Ndakoyapo, 00´:01seg.- 00´:05seg

Ficha toponímica Nº 02	
Topónimo: Kwanyama /Kwanhama/Cuanhama/ Oukwayama (Município)	
	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Etnotopónimo	Proposta da ortografia: Kwanyama
G. Oshikwanyama: omukwanyama / ovakwanyama	Transcrição fonética: [kwaɲama]
Proposta do gentílico em Português: kwanyamaense	
Etimologia: do <i>Oshindonga</i> “ <i>ova+ kwa+nyama</i> ” povo de carne (povo que gosta alimentar-se da	

carne). A palavra *Oukwanyama* é resultado de uma evolução linguística. A palavra “*omukwanyama*” aponta para um indivíduo pertencente ao grupo etnolinguístico *Ovakwanyama*. Apesar de a expressão «Município do Kwanyama» não corresponder ao contexto sociolinguístico, por não obedecer à regra de prefixação (“*e*” ou “*o*”) dos nomes de lugares que o sistema linguístico *Oshikwanyama* exige, propomos que na actualidade o termo Município do Kwanyama aponte para a divisão político-administrativa da Província do Kunene, segundo o artigo nº 5 consagrado na constituição da República de Angola aprovada no 2010, sobre a organização do território nacional, isto é, o Município do Kwanyama é a área que incluiu as comunas de Ondjiva; Evale; Oshimolo; Onehone e Omongua, sem levar em consideração a fronteira étnica.

Realmente, a expressão Município de *Oukwanyama* refere-se à terra ou espaço geográfico habitado pelo povo *Ovakwanyama*, tendo em conta a fronteira étnica.

A expressão “Kwanyama é resultado do aportuguesamento da palavra *omukwanyama*, daí a expressão “Município do Kwanyama”.

Motivação: segundo a tradição oral, os *Ovakwanyama* teriam habitado as terras dos *Ovandoga*, chegaram ao actual território à procura de caça; a abundância de carne não permitiu o regresso ao grupo, o que levou um mensageiro de um chefe do *Ovandonga* a pedir que regressem à terra anterior e este já não regressou devido à dita *onyama* (carne), neste momento, o rei do *Ovandonga* diz « *navakale ko vakwanyama* » isto é, que fiquem lá, comilões de carne.

Surgimento do Topónimo: Pós-independência e *Oukwanyama* p. pré-colonial

Fonte: (Namolo,2010:81) & Ndimute, 06’:44 seg. – 28’:10 seg.

Ficha toponímica Nº 03

Topónimo: Ehenge / Ehengue (aldeia)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxionomia: Litotopónimo

Proposta da ortografia: Ehenge

Gentílico em Oshikwanyama: omunahenge / ovanahenge

Transcrição fonética: [efênge]

Proposta do gentílico em Português: ehengeense (s)

Etimologia: do *Oshikwanyama*, significa terreno improdutivo, solo arenoso e com capacidade de acumular grande quantidade de água, o que o torna impróprio para a agricultura.

Motivação: a motivação da atribuição deste nome está associada à característica daquele terreno, isto é, ao facto da região apresentar grande extensão de solo arenoso.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial

Fonte: Ndakoyapo, 00’:28 seg.- 00’:32:40 seg

Ficha toponímica Nº 04

Topónimo: Elumekunde / Lumekunde (aldeia)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo	Proposta da ortografia: Elumekunde
G. em Oshikwanyama: omulumekunde/ ovalumekunde	Transcrição fonética: [ɛʃumekũde]
Proposta do gentílico em Português: elumekundense	
Etimologia: é uma palavra formada por aglutinação. Deriva do radical Oshikwanyama <i>elume</i> = grandalhão + a palavra de origem bantu <i>kunde</i> (de <i>makunde</i> ou <i>omakunde</i>) = feijão (frade). Terra do grande produtor de feijão-frade, terra do feijão grande.	
Motivação: a sua denominação foi motivada por ser a região onde habitava o grande produtor de feijão-frade no território de Oukwanyama, que teria colhido feijão acima da dimensão normal daquela espécie, por coincidência também seria uma dos primeiros habitantes daquela região.	
Surgimento do topónimo: período pré-colonial	Fonte: Ndakoyapo, 35':56seg. – 39':16 seg.

Ficha toponímica Nº 05

Topónimo: Oidiva / Idiva (aldeia)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Hidrotopónimo	Proposta da ortografia: Oidiva
Gentílico em Oshikwanyama: omuidiva/ ovaidiva	Transcrição fonética: [ɔjdiva]
Proposta do gentílico em Português: oidivense (s)	
Etimologia: tem a sua origem na língua Oshikwanyama e é o plural de <i>ediva</i> (lagoa).	
Motivação: a sua motivação deve-se ao facto de ser uma zona de imensas lagoas.	
Surgimento do topónimo: período pré-colonial	Fonte: Haleinge, (24':39 seg.- 31':01seg.)

Ficha toponímica Nº 06

Topónimo: Oifidi / Ifidi (aldeia)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo	Proposta da ortografia: Oifidi
Gentílico em Oshikwanyama: omuifidi /ovaifidi	Transcrição fonética: [ɔjfidɪ]
Proposta do gentílico em Português: oifidiano (s)	
Etimologia: da língua Oshikwanyama, é o plural de <i>oshifidi</i> e refere-se a tocos de árvores.	
Motivação: a sua denominação é motivada pela existência de grande quantidade de tocos de árvores naquela região. Traduz a enorme dificuldades que os segundos habitantes chefiados por Ndala e do Mutilifa enfrentaram na limpeza dos tocos e troncos naquela zona. Daí, a célebre expressão “ <i>Oifida ya Ndala na Mutilifa</i> ” (Oifide do Ndala e do Mutilifa).	

S. do topónimo: p. pré-colonial **Fonte:** Ndimute, (38':49 seg.- 43':30 seg.) & Haleinge, (37':55 seg.- 40':31seg.)

Ficha toponímica Nº 07

Topónimo: Oimote / Imote (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples
Taxinomia: Zootopónimo **Proposta da ortografia:** Oimote
Gentílico em Oshikwanyama: muimote/ ovaimote **Transcrição fonética:** [ɔjmote]
Proposta do gentílico em Português: oimotino (s)
Etimologia: é uma palavra originária da língua Oshikwanyama e significa abutre.
Motivação: esta aldeia recebeu o nome de *Oimote* porque a região foi habitada, na época, por muitas aves cujo é *Oimote* (abutre).
Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Mwaningange, 49':43 seg- 55':01 seg.

Ficha toponímica Nº 08

Topónimo: Oimwandi / Oimuandi (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo **Proposta da ortografia:** Oimwandi
Gentílico em Oshikwanyama: muimwandi/ ovaimwandi **Transcrição fonética:** [ɔjmwādi]
Proposta do gentílico em Português: oimwandiense
Etimologia: do Oshikwanyama *Oi* (prefixo de plural) + *omwandi* (*Dyosporus mespiliformes*), árvore frutífera específica da parte sul da Província do Kunene, cujo fruto é *eenyandi*. Em português, localmente, a respectiva árvore é conhecida por “Munhandeiro” e “nonhande”.
Motivação: A atribuição do nome de Oimwanda a esta região deve-se ao facto de a sua flora apresentar grande quantidade de *Omhinyandi* ou *munhandeiros* ou “*Dyosporus mespiliformes*”. Pode ser entendida como terra de muitas árvores, cujo nome é *omwandi*. Julga-se que o *ohamba* (rei) ou os *omalengas* (ministros – conselheiro) teriam o hábito de descansar debaixo dos *Oimwanda* (*Dyosporus mespiliformes*) daquela zona.
Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Sapwanala, 33':41seg. – 36':19seg.

Ficha toponímica Nº 09

Topónimo: Okafuka / Cafuca / Kafuka (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo **Proposta da ortografia:** Okafuka
Gentílico em Oshikwanyama: omukafuka/ ovakafuka **Transcrição fonética:** [ɔkafuka]
Proposta do gentílico em Português: okafukense (s)

Etimologia: deriva do Oshikwanyama resultante do processo de aglutinação *oka* (prefixo diminutivo) + *ofuka* (bosque) = pequeno bosque, não muito denso.

Motivação: está associado ao pequeno bosque, que existia antes da respectiva área ser habitada.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Ndakoyapo, 58':26 seg- 55':01 seg.

Ficha toponímica Nº 10

Topónimo: Caengue / Okahenge / kahenge (aldeia) **Estrutura Morfológica:** s. simples

Taxinomia: Litotopónimo **Proposta da ortografia:** Okahenge

Gentílico em Oshikwanyama: omukahenge/ ovakahenge **Transcrição fonética:** [ɔkahi̯e̯ŋe]

Proposta do gentílico em Português: okahenguense

Etimologia: do Oshikwanyama *oka* (prefixo diminutivo) + *Ehenge* (terreno ou solo arenoso) = pequena extensão de solo arenoso caracterizada pela improdutividade e facilidade em acumular grande quantidade de água tornando-o impróprio para a agricultura.

Motivação: a motivação da atribuição deste nome está associada às pequenas quantidades de solo arenoso e baldio que aquela região apresenta.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Hilifavali,, 59':51 seg- 1h:00':18seg

Ficha toponímica Nº 11

Topónimo: Okambada / Kambada /Cambada (aldeia) **Estrutura Morfológica:** s. simples

Taxinomia: Animotopónimo (ou Nootopónimo) **Proposta da ortografia:** Okambada

Gentílico em Oshikwanyama: omukamaba / ovakambada **Transcrição fonética:** [ɔkãbada]

Proposta do gentílico em Português: okambadino

Etimologia: vem do Oshikwanyama, *oka* (prefixo diminutivo) + *oumabda* (medo ou receio).

Motivação: a sua motivação é um pouco questionável; presume-se que está associada ao receio dos primeiros habitantes em se fixarem na região por motivos alheios. Outros associam a motivação a um indivíduo muito medroso, molengão e polígamo que habitava na respectiva região, mas que não conseguia manter o carácter machista e de respeito que o meio social local exigia na época, mantendo uma boa imagem da sua pessoa.

S.do topónimo: p. pré-colonial **Fonte:** Haleinge 44':54seg.-47':15seg. & Hishitongo, 1h:00':26seg - 1h:02':20seg.

Ficha toponímica Nº 12

Topónimo: Caolo / Kaholo / Okaolo (aldeia)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo	Proposta da ortografia: Okaolo
Gentílico em Oshikwanyama: omukaolo/ ovakaolo	Transcrição fonética: [okaʊlo]
Proposta do gentílico em Português: okaolino	
Etimologia: do Oshikwanyama <i>oka</i> (prefixo diminutivo) + <i>omuolo</i> (nome de uma espécie de árvore), isto é pequenas árvores, cujo nome em língua Oshikwanyama é <i>omuolo</i> .	
Motivação: a denominação foi motivada pela existência em grande quantidade, e de forma dominante na região, de pequenas árvores cujo nome em Oshikwanyama é <i>omuolo</i> .	
Surg, do topónimo: período pré-colonial	Fonte: Ndimute, 01h:02':21seg - 01h:05':01seg

Ficha toponímica Nº 13

Topónimo: Okapale / Capale / Kapale (bairro)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Geomorfotopónimo	Proposta da ortografia: Okapale
Gentílico em Oshikwanyama: omukapale/ ovakale	Transcrição fonética: [ɔkapaʎe]
Proposta do gentílico em Português: okapalense	
Etimologia: tem origem no <i>Oshikwanyama</i> , por um lado pode significar uma área naturalmente sem vegetação; campo de futebol; aeródromo ou aeroporto. Por outro lado, a palavra vem do <i>Oshikwanyama</i> <i>oka</i> (prefixo diminutivo) + <i>cama</i> (cama onde se põe o milho-miúdo; cama onde se põe a secar peixe ou frutas).	
Motivação: está relacionado com a coexistência de vários elementos, primeiramente por ser uma área naturalmente sem vegetação e na qual, na época em que ocorrem cheias, é hábito os pescadores fazerem várias camas para secar o peixe; e, no cacimbo, colocavam a secar <i>eenyandi</i> (<i>nonhandi</i> ou cientificamente fruta da árvore <i>Dyospirus mespiliformes</i>), antes da presença portuguesa na região. Por coincidência, na mesma região, encontra-se o aeroporto de Ondyiva, facto que consolidou a motivação do respectivo nome.	
Surg. do topónimo: pré-colonial e colonial	Fonte: Ndimute, 01h:05':18 - 01h10':28seg.

Ficha toponímica Nº 14

Topónimo: Kapanda / Okapanda (aldeia)	Estrutura Morfológica: n. simples
Taxinomia: Litotopónimo	Proposta da ortografia: Okapanda
Gentílico em Oshikwanyama: omukapana / ovakapanda	Transcrição fonética: [okapãda]
Proposta do gentílico em Português: okapandense	

Etimologia: do Oshikwanyama “*oku*” (prefixo de gerúndio) + *epanda* (rocha) = *okupanda* (quebrar rocha ou fazer uma abertura na árvore). E *okapanda* significa lugar onde se quebra rocha

Motivação: a sua denominação está ligada às escavações das cacimbas muito profundas na lavra do velho Dyuluume (em memória) pai do soba Nelomba, que tinha uma lavra muito desejada e uma das poucas zonas, onde se pode obter água em tempos de calamidade, para tal obrigava-se à quebra da rocha existente a vários metros de profundidade.

Surgimento do topónimo: colonial **Fonte:** N̄isidimbwa, 08´:53seg. - 13´:10seg.

Ficha toponímica Nº 15

Topónimo: Olukanga / Lukango / Lucango (aldeia) **Estrutura Morfológica:** s. simpl.

Taxinomia: Litotopónimo **Proposta da ortografia:** Olukanga

Gentílico em Oshikwanyama: omulukango/ ovalukango **Transcrição fonética:** [oʎukango]

Proposta do gentílico em Português: olukanguense

Etimologia: a palavra vem do Oshikwanyama *olu* (prefixo aumentativo) + *ekango* e refere-se ao terreno quase arenoso e menos denso.

Motivação: está associada às características naturais da região por apresentar grande extensão de *olukango* (terreno quase arenoso e menos denso), onde, por conseguinte, o primeiro habitante da região também conhecido como “o dono da *olukango* ou o dono da região”, teve uma pequena lagoa artificial muito importante naquela área chegando a atribuir o nome *olukango* à lagoa, o que levou a que o nome passasse a referir-se a toda aquela região.

Surgimento do topónimo: Período pré-colonial **Fonte:** Walter, 1h:14´:16seg. – 1h:21´:00seg.

Ficha toponímica Nº 16

Topónimo: Oipembe / Ipembe (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Animotopónimo (ou Nootopónimo) **Proposta da ortografia:** Oipembe

Gentílico em Oshikwanyama: omuipembe/ ovaipembe **Transcrição fonética:** [ojpêbe]

Proposta do gentílico em Português: oipembense

Etimologia: vem do Oshikwanyama *oi* (prefixo de plural) + *okumpemba* (inspirar, dar algum sinal, lamentar).

Motivação: A região em causa é uma área próspera e em franco desenvolvimento; a sua paisagem com as árvores do *epamba lakula* (Setembro), no período em que começam a dar novas folhas tornam a paisagem num sonho, pois era neste local que se situava o palácio real dos primeiros (*ehamba*), reis do reino de Oukwanyama, onde teriam vivido 13 dos 18 reis dos

Ovakwanyama; de facto, este reino foi e é o centro político-administrativo do reino de Oukwanyama. Acredita-se que os *ehamba* (príncipes) do Omukumbwaimbi e Ondyiva teriam decidido chegar à terra próspera de Oshimbala (na actual Oipembe), chorando e lamentando a pouca atenção dada pelo *ehamba* (príncipe) de Oshimba e as suas dificuldades de forma a receberem ajuda por parte do reino próspero de Oshimbala.

Surg. do topónimo: p. pré-colonial **Fonte:** Ndimute, 1h:25':00seg. – 1h:25':11seg. & Haleinge, 52':57seg – 60':52 seg.

Ficha toponímica Nº 17

Topónimo: Omhinda / Ominda (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Zootopónimo **Proposta da ortografia:** Omhinda

Gentílico em Oshikwanyama: omuminda/ ovaminda **Transcrição fonética:** [ɔmida]

Proposta do gentílico em Português: omhindense

Etimologia: a palavra vem do Oshikwanyama e significa javali

Motivação: a sua denominação deve-se ao facto da respectiva região ter sido, em tempo remotos, uma zona rica em javalis e onde teria sido morto um javali enorme.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Sapwalale, 50':28seg – 52':26 seg.

Ficha toponímica Nº 18

Topónimo: Mufito Kana Mwena /Omufito Kana Mwena (aldeia)

Estrutura Morfológica: N+ Cantr+N+ V **Transcrição fonética:** [ɔmufitu wa: ka:na mwena]

Taxinomia: Dirrematopónimo **Proposta da ortografia:** Omufito wa Kaana Mwena

Gentílico em Oshikwanyama: mumufito wa kaana mwena/ ovamufito wa kaana mwena

Proposta do gentílico em Português: omufito wa kaana mwenaense

Etimologia: a frase ou expressão vem do Oshikwanyama *omufito* (floresta ou mata) + *wa* + (da) + *kaana* (criança) + *mwena* (cala-te, ou silêncio) e pode ser traduzido por “ cale-se bebé; silêncio filho ou cala-te criança”. Ou seja, “Floresta das crianças cala-te”

Motivação: a referida região era uma temível mata ou floresta densa e de grande extensão, onde habitavam vários animais ferozes, pois era costume, durante a travessia do local, as mães dizerem *kaana mwena* (cale-te criança), isto é, pedindo silêncio absoluto aos seus filhos com receio de serem atacados pelos animais ferozes. Isto é, uma floresta, onde as crianças deveriam estar em silêncio durante a passagem.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Ñisidimbwa 14':10seg. – 22':00seg.

Ficha toponímica Nº 19

Topónimo: Mufitu Unene / Omufitu-Unene (aldeia) **Estrutura Morfológica:** N + Adj.
Taxinomia: Fitotopónimo **Proposta da ortografia:** Omufitu Unene
Proposta do gentílico em Português: omufitu unenense **Transcrição fonética:** [ɔmufitu unene]
Gentílico em Oshikwanyama: omumufitu unene/ ovamufitu unene
Etimologia: do Oshikwanyama *omufito* (mata, bosque ou selva) + *unene* (grande), ou seja “mata extensa”.
Motivação: a sua denominação está associada à vastidão da mata encontrada no local antes dos primeiros indivíduos pertencentes ao grupo Ovakwanyama se fixarem.
Surgimento do topónimo: pré-colonial **Fonte:** Sapwanale, 53´:15 seg. - 1h:01´:01 seg.

Ficha toponímica Nº 20

Topónimo: Omwoongo / muoongo / Omuongo (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples
Taxinomia: Fitotopónimo **Proposta da ortografia:** Omwoongo
Gentílico em Oshikwanyama: om´mwoongo/ ovamwoongo **Transcrição fonética:** [ɔmwɔːŋgo]
Proposta do gentílico em Português: omwoonguense
Etimologia: a palavra *omwoongo* é originária do Oshikwanyama e refere-se à espécie de árvore conhecida, pela forma aportuguesada, por *gonguero*, cujo nome científico é *sclerocarya birrea*.
Motivação: a sua denominação está associada à festa popular conhecida em *Oshikwanyama* por “*ohiwoo*” realizada especificamente debaixo dos *omwoogo* (*sclerocarya birrea*), onde são construídas as barracas e as cozinhas da referida festa popular que acontece após terem debulhado os cereais na região. Na festa, geralmente, consome-se feijão, verduras cozidas com manteiga de vaca, não se consome carne, excepto o *dyovo*. A respectiva espécie de árvore produz frutos que para além de produzirem o famoso e apreciado *dyove*, também são usados para o fabrico de uma das bebidas típicas dos *Ovakwanyama* e outros *Ovawambo*. Por coincidência, a árvore (*omwoongo*) onde tem acontecido as festas populares de *Ohiwoo* produz álcool muito forte; daí a homenagem a este tipo de árvore. Esta região é conhecida como terras do príncipe Nehova e de Naufiku, ou melhor Nehova era “governador” desta *omukunda* (distrito) do reino de Oukwanyama.
Surgimento do topónimo: p. pré-colonial **Fonte:** Jerónimo, 1h:34´:23 seg.- 1h:40´:28 seg.

Ficha toponímica Nº 21**Topónimo:** Omukumbwaimbi / mucumbwaimbi (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples**Taxinomia:** Zootopónimo**Proposta da ortografia:** Omukumbwaimbi**Transcrição fonética:** [ɔmukũbwaĩbi]**Gentílico em Oshikwanyama:** om´kumbwaimbi/ ovamukumbwaimbi**Proposta do gentílico em Português:** omukumwaimbiense**Etimologia:** resulta do processo de aglutinação de duas palavras do Oshikwanyama *omuku* (prefixo aumentativo) + *omaimbi* (águias), isto é “grande águia” ou “águia gigante”.**Motivação:** nesta região, encontrava-se o palácio do rei Haimbili e do rei Nande. Antes do rei Haimbili fixar a sua residência, a região pertencia a *omukunda* (distrito) de *Omunghete* (nome motivado pela existência de vários *omunghete* na região), pelo facto de a árvore *omunghete* ser uma espécie muito flexível e que se pode quebrar com facilidade por não possuir anéis de crescimento, o rei Haimbili preferiu atribuir o nome de Omukumwaimbi ao distrito que albergará o seu palácio, inspirando-se nas potencialidades daquela espécie.**Surgimento do topónimo:** período pré-colonial**Fonte:** Haleinge, 67´:30 seg. – 70´:30seg.

& Sapwanale, 1h:04´:29seg. – 1h:07´:55 seg

Ficha toponímica Nº 22**Topónimo:** Omutaco / Omutaku (aldeia)**Estrutura Morfológica:** n. simples**Taxinomia:** Fitotopónimo**Proposta da ortografia:** Omutaku**Gentílico em Oshikwanyama:** okom´taku/ ovamutaku**Transcrição fonética:** [omutaku]**Proposta do gentílico em Português:** omutakino**Etimologia:** vem do Oshikwanyama e refere-se a uma espécie de árvore .**Motivação:** a atribuição deste nome deve-se ao facto daquela árvore de *omutaco* ser o local onde se realizavam as reuniões para discutir questões de carácter político, social e cultural da aldeia.**Surg. do topónimo:** p. pré-colonial**Fonte:** Ndakoyapo 01h:46´:19seg. - 01h:47´:52 seg.**Ficha toponímica Nº 23****Topónimo:** Onakhumba / Nakxumba/ Naxumba (bairro) **Estrutura Morfológica:** n. simples**Taxinomia:** Zootopónimo**Proposta da ortografia:** Onakhumba**G. em Oshikwanyama:** omunakhuamba/ ovanakhumba**Transcrição fonética:** [ɔnaxwũba]**Etimologia:** do Oshikwanyama *ona* (ter ou existir) + *ekhumba* (antílope).**Motivação:** a sua denominação está associada à existência de muitos antílopes da espécie

“*Antidorcas marsupialis*” (cabra-de-leque) naquela região, nos primórdios da chegada dos Ovakwanyama.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Haleinge, 70':28 seg. – 71':43 seg.

Ficha toponímica Nº 24

Topónimo: Onameva / Nameva (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Hidrotopónimo **Proposta da ortografia:** Onameva

Gentílico em Oshikwanyama: omunameva/ ovanameva **Transcrição fonética:** [ɔnameva]

Proposta do gentílico em Português: onamevense

Etimologia: do Oshikwanyama *ona* (ter) + *omeva* (água) = terra com muita água.

Motivação: antes da independência, a aldeia era parte do Ondukushu (aldeia); a atribuição deste nome deve-se à existência de duas “*omulila*” (terreno alagadiço, espécie de rio na época chuvosa) no interior daquela zona.

Surgimento do topónimo: pós-independência **Fonte:** Sonale, 01h:52':37seg. - 01h:54':02 seg.

Ficha toponímica Nº 25

Topónimo: Onjiva / Ondjiva / N'giva / Ongiva **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Ergotopónimo **Proposta da ortografia:** Ondjiva

Gentílico em Oshikwanyama: om'ndjiva / ovandjiva **Transcrição fonética:** [õdjiva]

Proposta do gentílico em Português: ondjivense

Etimologia: do Oshikwanyama; *Ondyeva* resulta da dificuldade de pronúncia por parte dos Portugueses, na época pré-colonial; na pós-independência foi designada de N'giva e Ongiva³³.

Motivação: este nome deriva da expressão *ondjeva*, nome de missanga específica que as raparigas Ovawambo usam na cintura, que as distingue de uma mulher. Após o *efundula*, a rapariga deixa de usar a *ondjeva* e esta passa para a sua irmã mais nova, o mesmo processo acontece na sucessão do poder no reino dos *Ovakwanyama*, que tinha o seu centro político-administrativo e judicial. Ou seja, lugar onde a sucessão acontece tal como acontece com a missanga, isto é, o poder caía para o irmão mais novo. Daí derivam as frases populares *Ondjeva*

³³ Alguns entrevistados salientam que desde sempre aquela região teve o nome Ondjiva, referindo-se a uma beleza convidativa que a região apresentava na altura da sua construção. E outros alegam que a palavra significa uma área de intensa actividade agrícola que chagava a suprir a carência de alimentos em todo o reino. Mas o certo é que não foi possível obter um significado do topónimo “Ondjiva”, ou seja, não tem nenhum significado sociocultural em Oshikwanyama. Antes da ocupação colonial não tinha nenhum significado sociocultural em Oshikwanyama e em termos de extensão, Ondjiva apontava para a região que corresponde actualmente aos bairros Mbungula e dos Castilhos.

yonkulu nondenge. Na região de Ondjiva, antes da ocupação portuguesa, encontrava-se o palácio do rei Mandume YaNdemufayo e chegou a ser o centro político-administrativo e judicial do reino de Oukwanyama, mesmo no período em que o palácio de outros reis era no Oipembe. No período colonial, foi rebaptizada por Vila Pereira d'Ça, general português que conquistou o reino de Oukwanyama.

Surg. do topónimo: período pré-colonial

Fonte: Ndakoyapo, 1h:54:30 seg.- 2h04':02 seg.

Ficha toponímica Nº 26

Topónimo: Ndukushu / Nducucho / Ondukushu (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Animotopónimo (ou Nootopónimo)

Proposta da ortografia: Ondukushu

Gentílico em Oshikwanyama: omundukushu/ ovandukushu **Transcrição fonética:** [õdukufu]

Proposta do gentílico em Português: ondukushense

Etimologia: do Oshikwanyama verbo *okundukusha* e significa conversar em privado

Motivação: era costume, quando os habitantes desta aldeia, estavam perante uma multidão ou em reuniões, dois ou mais indivíduos afastarem-se para uma conversa privada, a expressão “*ituye tuka ndukusheko*”, traduzida por «vamos conversar em privado» era usada habitualmente para expressar o propósito.

Surg. do topónimo: período pré-colonial

Fonte: Ndakoyapo, 01h:53':13 seg. – 02h: 07':10 seg.

Ficha toponímica Nº 27

Topónimo: Oshakati / Ochacati (bairro)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Animotopónimo (ou Nootopónimo)

Proposta da ortografia: Oshakati

Gentílico em Oshikwanyama: omushakati/ ovashakati

Transcrição fonética: [ofakatj]

Proposta do gentílico em Português: oshakatino

Etimologia: do Oshikwanyama *osho* (do) + *pokati* (meio, intermediária, centro ou ponto equidistante) = aldeia do meio ou aldeia equidistante.

Motivação: está associado à situação geográfica desta aldeia, que se encontra geograficamente entre o território dos Ovambadja e o território dos Ovakwanyama, isto é, entre os dois reinos. E para diferenciar este do da Região de Oshakati, na República da Namíbia, usa-se o nome “*Oshakati sheembe*”, devido à existência de grande quantidade de árvores de *omuve* “*nombiseiro*” (neologismo) cuja fruta é *eembe* “*nombé*” (neologismo).

Surg. do topónimo: período pré-colonial

Fonte: Ndakoyapo, 02h: 07':30 seg.- 2h:08':37 seg.

Ficha toponímica Nº 28

Topónimo: Oihambo / Iambo / Ihambo (bairro) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Ecotopónimo **Proposta da ortografia:** Oihambo

Gentílico em Oshikwanyama: omushiambo / ovashiambo **Transcrição fonética:** [ojhãbo]

Etimologia: do Oshikwanyama é o plural da palavra *oshihambo* e pode ser traduzida por casa provisória ou palácio provisório e inacabado. É um costume do povo Ovambo abrigar-se, primeiramente no *oshihambo* que geralmente não é bem acabado do que construir cautelosamente e caprichosamente a futura residência.

Motivação: a sua denominação foi motivada pela existência do palácio provisório do rei naquela zona, quando o soberano aguardava pela conclusão da sua residência oficial.

Surg. do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** David, 02h:08':38 seg. – 02h:09':30seg.

Ficha toponímica Nº 29

Topónimo: Chiou / Ochilao / Oshilao (aldeia) **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Animotopónimo (ou Nootopónimo) **Proposta da ortografia:** Oshilao

Gentílico em Oshikwanyama: omushilao/ ovashilao **Transcrição fonética:** [oʃiʎao]

Proposta do gentílico em Português: oshilaense

Etimologia: do Oshikwanyama *oshi* (prefixo aumentativo) + *elao* (sorte) = muita sorte ou grande sorte.

Motivação: a sua denominação está associada à satisfação dos primeiros habitantes Ovakwanyama por terem colhido uma enorme quantidade de produtos agrícolas na primeira época agrária em que se estabeleceram naquele lugar; espécie de uma ilha situada na chana, que tinha um único cerco que protegia todos os campos agrícolas das famílias que ali habitavam; existia ali uma cacimba que mantinha água até em tempo de calamidade. Os habitantes acreditaram que era uma grande sorte ter estas terras tão férteis e com água suficiente.

Surg. do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Hishitongo, 02h:09':29 seg. - 02h:13':48 seg.

Ficha toponímica Nº 30

Topónimo: Chingungulo / Oshindungulu / Ochindungulo **Estrutura Morfológica:** n. simples

Taxinomia: Fitotopónimo **Proposta da ortografia:** Oshindungulu

G. em Oshikwanyama: omushindungulu/ ovashindungulu **Transcrição fonética:** [oʃɪɖuŋguʎu]

Proposta do gentílico em Português: oshindungulense

Etimologia: do Oshikwanyama *oshi* (aumentativo) + *ondungulu* (grosso, vasto, denso).

Motivação: a sua denominação está associada à existência de um bosque muito denso, que provocava medo ou receio nos primeiros habitantes que tiveram a iniciativa de desmatar o local para habitarem, quer pela existência de animais ferozes, quer pela robustez das árvores e do carácter denso do bosque.

Surg. do topónimo: período pré-colonial

Fonte: Walter, 02h:15':48 seg. – 02h:17':36 seg.

Ficha toponímica Nº 31

Topónimo: Utoquelo / Outokelo (aldeia)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Cardinotopónimo

Proposta da ortografia: Outokelo

Gentílico em Oshikwanyama: omwutokelo/ ovamutokele

Transcrição fonética: [ɔutokeɭo]

Proposta do gentílico em Português: outokelino

Etimologia: do Oshikwanyama e significa poente ou oeste.

Motivação: a denominação desta aldeia diz respeito à sua posição geográfica em relação à tradicional zona de Ondjiva, onde se encontrava a *embala* (sede) do reino de Oukwanyama, isto é, por estar situada ao oeste do centro político-administrativo e jurídico do reino.

Surg. do topónimo: p. pré-colonial

Fonte: Ndakoyapo, 2h:17':44 seg.- 2h:23':15seg. &

Haleinge, 94':06seg. – 94':51 seg.

Ficha toponímica Nº 32

Topónimo: Rei Luhuna (rua)

Estrutura Morfológica: S + S

Taxinomia: Axiotopónimo

Proposta da ortografia: Rei Luhuna

Transcrição fonética: [ˈREj ɭuhuna]

Motivação: Luhuna foi rei do Humbe entre 1891-1905 e opôs-se à presença e ocupação portuguesa, tendo conseguido expulsar os portugueses do seu reino, que tinham o apoio do rei deposto num conflito que durou cerca de seis meses em 1891. Resistiu até 1905 quando foi deportado para Cabo-Verde. A sua luta pela preservação da soberania do Humbe representa um momento alto da história do Povo Humbe, do povo do Kunene e de Angola em geral, daí a homenagem à sua figura.

Surgimento do topónimo: após 2006

Fonte: Hawanga, 09': 00 seg. - 12': 40 seg

Ficha toponímica Nº 33**Topónimo:** Rei Mandume**Estrutura Morfológica:** S + S**Taxinomia:** Axiotopónimo**Proposta da ortografia:** Rei Mandume**Transcrição fonética:** ['R ej mādume]

Motivação: foi o último rei do reino de Oukwanyama, reinou no período entre 1905 até 1917, quando preferiu o suicídio a viver sob o domínio colonial. Foi um dos reis mais prestigiados e uma das figuras emblemáticas da luta de resistência à ocupação colonial portuguesa no sul de Angola¹. Reunindo um grande poder de fogo e de homens jamais visto em toda história de resistência à ocupação europeia na África Tropical².

Surg. do topónimo: após 2006**Fonte:** ¹Sapwanale, 1h:06':00seg.- 1h:09':02seg.- & ²PÉLISSIER, 2013:.216**Ficha toponímica Nº 34****Topónimo:** Heróis da Kahama**Estrutura Morfológica:** N + Contr. + N**Taxinomia:** Historiotopónimo**Proposta da ortografia:** Heróis da Kahama**Transcrição fonética:** [e'roj də kafɛma]

Motivação: ao contrário da 11ª brigada comandada por Afonso Maria em Ondjiva, da 19ª brigada no Xangongo, a 2ª brigada estacionada no Município da Kahama sob comando de Farrusco e mais tarde comandada por Jimbi foi a única que resistiu do princípio ao fim á invasão sul-africana, naquela região, que começou em 1981 e durou até 1988 (momento dos acordos de paz tripartidos: Cuba, África do Sul e Angola). Esta resistência patriótica dos integrantes (angolanos e cubanos) da 2ª brigada foi a motivação desta homenagem.

Surgimento do topónimo: pós 2006**Fonte:** Hawanga 33': 33seg. – 37': 15 seg.**Ficha toponímica Nº 35****Topónimo:** Cafito / Kafito / Okafitu (bairro)**Estrutura Morfológica:** n. simples**Taxinomia:** Fitotopónimo**Proposta da ortografia:** Okafitu**Transcrição fonética:** [ɔkafitu]

Etimologia: a palavra é originária do Oshikwanyama é diminutivo de *omufitu* e significa “pequeno bosque”.

Motivação: a sua designação está associada à existência de um pequeno bosque na zona que corresponde àquele bairro.

Surg. do topónimo: pós 2006**Fonte:** Sapwanala, 01h:42':00seg. – 01h:43':17 seg.

Ficha toponímica Nº 36

Topónimo: Shomukwyu / Oshomukwyu / Chomuquio (bairro) **Estrutura Morfológica:** n. simp

Taxinomia: Fitotopónimo

Proposta da ortografia: Oshomukwiu

Gentílico em Oshikwanyama: omushomukwiu/ ovashomukwiu **Transcrição fonética:**

[ɔʃomukwju]

Etimologia: vem do Oshikwanyama *osho* (preposição da) + *omukwyu* (figueira ou *ficus hereroensis*)

Motivação: está relacionado com a existência de várias figueiras naquele lugar.

Surgimento do topónimo: período pré-colonial **Fonte:** Sonale, 2h:42':27 seg. – 2h:42':47 seg.

Ficha toponímica Nº 37

Topónimo: Kakuluvale / Caculuvale (bairro)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Fitotopónimo

Proposta da ortografia: Kakuluvale

Transcrição fonética: [kakuʎuvaʎe]

Etimologia: do Oshikwanyama *okakulu* (velha, crescimento, antiga) + *oivale* (*hyphaene ventricosa* ou palmeira leque) = palmeira leque velha. E da expressão Oshikwanyama “*itakakulu vali*” = já não crescerão mais.

Motivação: a atribuição deste nome está relacionada com a existência das várias e velhas *hyphaene ventricosa* naquela zona, que tinham aproximadamente 2 metros de altura. Daí o hábito dos habitantes daquela zona dizerem “*okakuluvale ...itadikuvali ... itakakuluvali*”.

Surgimento do topónimo: período colonial **Fonte:** Ndimute, 2h:25':30 seg. – 2h: 27':54 seg.

Ficha toponímica Nº 38

Topónimo: Caxila/ Kachila / Okashila (bairro)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Somatopónimo

Proposta da ortografia: Okashila

Gentílico em Oshikwanyama: omukashila/ ovakashila

Transcrição fonética: [ɔkaʃiʎa]

Etimologia: do Oshikwanyama *oka* (prefixo diminutivo) + *onshila* (cauda) = pequena cauda.

Motivação: está relacionada com a forma da região que é uma continuidade da região conhecida tradicionalmente por Ondjiva, cujos habitantes denominaram Okashila ou seja, a caudinha de Ondjiva. Segundo a fonte, a palavra *okashila* é traduzida por cozinha do rei, ou seja, o lugar onde preparavam as refeições do monarca. Realmente, o lugar em questão encontra-se entre Ondjiva (onde se encontrava o palácio do rei Mandume) e Omukumbwaimbi (lugar onde se encontrava o palácio do rei Haimbili) e a sua forma assemelha-se a uma cauda anexa à região tradicionalmente

conhecida por Ondjiva.

Surgimento do topónimo: p. pré-colonial **Fonte:** Ndakoyapo, 2h:27':50 seg. - 2h:30':20 seg. & Sapwanale, 01h.39'.38 seg. - 01:42:00seg.

Ficha toponímica Nº 39

Topónimo: Naipalala / Onaipalala (bairro)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Fitotopónimo

Proposta da ortografia: Onaipalala

Transcrição fonética: [ɔnajpa|a|a]

Etimologia: do Oshikwanyama *omupalala* refere-se a uma espécie de árvore cientificamente denominada *Peltophorum africanum*.

Motivação: está relacionada com a existência de algumas aglomerações de *omupalala* (*Peltophorum africanum*) naquela zona. Tanila, um individuo *omukwamatwi* de linhagem real que teria vindo com os portugueses, estabelece-se naquela zona e expulsa todos os vizinhos.

Surg. do topónimo: período colonial **Fonte:** Hishitongo, 2h:30':29 seg. – 2h:32':33 seg.

Ficha toponímica Nº 40

Topónimo: Mupanda / Omupanda (bairro)

Estrutura Morfológica: n. simples

Taxinomia: Fitotopónimo

Proposta da ortografia: Omupanda

Gentílico em Oshikwanyama: om'mupanda / ovampanda **Transcrição fonética:** [ɔmupãda]

Proposta do gentílico em Português: omupandino

Etimologia: do Oshikwanyama e refere-se a uma espécie de árvore *omupanda*.

Motivação: está associado à construção da missão da igreja anglicana que foi construída naquela região, junto a uma árvore de *omupanda*.

Surgi. do topónimo: período colonial **Fonte:** Hitilavali, 2h:38':15 seg, - 2h:42':13 seg

4.2 - Quantificação dos topónimos

Quadro 8: quantificação dos dados

Natureza dos Topónimos	Nº de Topónimos Recolhidos	%
Natureza física	28	70
Natureza antro-po-cultural	12	30
Natureza não identificada	00	00
Total	40	100

Das 40 unidades toponímicas estudadas, 35 (87,5 %) correspondem a unidades lexicais simples (nome simples) e 5 (12,5%) correspondem a unidades lexicais complexas (nomes complexos).

4.3 - Base de dados lexicográfico-toponímica da Comuna de Ondjiva

Apresentamos, aqui, dois extractos da Base de dados

Coluna1	Coluna2	Coluna3	Coluna4	Coluna5	Coluna6	Coluna7	Coluna8	Coluna9	Coluna10	Coluna11	Coluna12	Coluna13	Coluna14	Coluna15
Província	Língua	Topónimo	Categoria	Variante gráfica	Proposta de gra	Transcrição Foné	Etimologia	Taxinomia	Motivação	Gentílico em P	Gentílico em P	Morfol	Surgimento	Fonte
Kunene	Oshiwamb	Kunene	Provincia	Kunene / Cunene	Kunene	[kʉnɛnɛ]	Deriva de expressões c	Hidrotopónimo	A atribuição c om /kunene / o Kunenense	subst.	Período colon	Ndako		
Kunene	Oshindong	Kwanyama	Município	Kwanyama /Kwar	Kwanyama	[kwɔnɔmɔ]	Do Oshindonga	ova	Etnotopónimo segundo a tra omukwanyam.kwanyamaense	subst.	Pós-independ	Namot		
Kunene	Oshikwany	Ehenge	Aldeia	Ehenge / Ehengue	Ehenge	[ehɛŋge]	Do Oshikwanyama, sig	Litotopónimo	A motivação c omunahenge / ehengeense (s)	subst.	Período pré-c	Ndako		
Kunene	Oshikwany	Elumekunde	Aldeia	Elumekunde / Lu	Elumekunde	[elʉmekʉnde]	É uma palavra formada	Fitotopónimo	A sua denomi omulumekunde elumekunde	subst.	Período pré-c	Ndako		
Kunene	Oshikwany	Oidiva	Aldeia	Oidiva / Idria	Oidiva	[oidivɔ]	Tem a sua origem na	Litotopónimo	A sua motivaç omuidiva/ ova oidivense (s)	subst.	Período pré-c	Halein		
Kunene	Oshikwany	Oifidi	Aldeia	Oifidi / Ifidi	Oifidi	[oifidi]	Da língua Oshiwanyam	Fitotopónimo	A sua denomi omuifidi / ova oifidiano (s)	subst.	Período pré-c	Ndimu		
Kunene	Oshikwany	Oimote	Aldeia	Oimote / Imote	Oimote	[oimote]	É uma palavra originári	Zootopónimo	Esta aldeia re maimote/ ova oimotino (s)	subst.	Período pré-c	Mwan		
Kunene	Oshikwany	Oimwandi	Aldeia	Oimwandi / Omw	Oimwandi	[oimwãdi]	Do Oshikwanyama O	Fitotopónimo	A atribuição c maimwandi/ ova oimwandiense	subst.	Período pré-c	Sapwa		
Kunene	Oshikwany	Okafuka	Aldeia	Okafuka / Cafu	Okafuka	[okafuka]	Deriva do Oshikwany	Fitotopónimo	Está associad omukafuka/ ova okafukense (s)	subst.	Período pré-c	Ndako		
Kunene	Oshikwany	Okahenge	Aldeia	Caengue / Okah	Okahenge	[okahɛŋge]	Do Oshikwanyama ok	Litotopónimo	A motivação omukahenge/ okahengense	subst.	Período pré-c	Hilfav		
Kunene	Oshikwany	Okambada	Aldeia	Okambada / Kan	Okambada	[okãbada]	Vem do Oshikwanyam	Animotopónimo	A sua motivaç omukamaba / okambadino	subst.	Período pré-c	Halein		
Kunene	Oshikwany	Okaoilo	Aldeia	Caolo / Kaholo / t	Okaoilo	[okaoilo]	Do Oshikwanyama ok	Fitotopónimo	A denominaç omukaolo/ ova okaoilino	subst.	Período pré-c	Ndimu		
Kunene	Oshikwany	Okapale	Bairro	Okapale / Capal	Okapale	[okapale]	Tem origem no Oshikw	Ecotopónimo	Está relaciona omukapale/ ova okapalense	subst.	Período pré-c	Ndimu		
Kunene	Oshikwany	Okapanda	Aldeia	Kapanda / Okapi	Okapanda	[okapãda]	Do Oshikwanyama	oia Litotopónimo	A sua denomi omukapana / ova okapandense	subst.	Período colon	Nsidir		
Kunene	Oshikwany	Olukanga	Aldeia	Olukanga / Lukan	Olukanga	[olʉkãŋgɔ]	A palavra vem do Oshi	Litotopónimo	Está associad omukapana/ ova okapandense	subst.	Período pré-c	Walter		
Kunene	Oshikwany	Oipembe	Aldeia	Oipembe / Ipenit	Oipembe	[oipɛmbe]	Vem do Oshikwanyam	Animotopónimo	A região em c ompipembe/ ova oipembense	subst.	Período pré-c	Ndimu		
Kunene	Oshikwany	Omhinda	Aldeia	Omhinda / Omim	Omhinda	[omida]	A palavra vem do Oshi	Zootopónimo	A sua denomi omuminda/ ova omhindense	subst.	Período pré-c	Sapwa		
Kunene	Oshikwany	Omufoito wa Kai	Aldeia	mufoito Kana Mwi	Omufoito wa Kaa	[omufitu wa: kaana]	A frase ou expressão	v Dieretopóni	A referida reg mumfoito wa kaana mwena/ ova subst.	subst.	Período pré-c	Nsidir		
Kunene	Oshikwany	Omwongo	Aldeia	Omwongo / mxx	Omwongo	[omwɔŋgɔ]	A palavra omwongo	é Fitotopónimo	A sua denomi om'mwongo/ omwonguense	subst.	Período pré-c	Jeróni		
Kunene	Oshikwany	Omkumbwaimi	Aldeia	Omkumbwaimb	Omkumbwaimi	[omkũbwaĩmĩ]	Resultado do processo	de Zootopónim	Nesta região, om' kumbwaim omkumbwaimbie	subst.	Período pré-c	Halein		

Kunene	Oshikwany	Omhinda	Aldeia	Omhinda / Omim	Omhinda	[omida]	A palavra vem do Oshi	Zootopónimo	A sua denomi omuminda/ ova omhindense	subst.	Período pré-c	Sapwa			
Kunene	Oshikwany	Omufoito wa Kai	Aldeia	mufoito Kana Mwi	Omufoito wa Kaa	[omufitu wa: kaana]	A frase ou expressão	v Dieretopóni	A referida reg mumfoito wa kaana mwena/ ova subst.	subst.	Período pré-c	Nsidir			
Kunene	Oshikwany	Omwongo	Aldeia	Omwongo / mxx	Omwongo	[omwɔŋgɔ]	A palavra omwongo	é Fitotopónimo	A sua denomi om'mwongo/ omwonguense	subst.	Período pré-c	Jeróni			
Kunene	Oshikwany	Omkumbwaimi	Aldeia	Omkumbwaimb	Omkumbwaimi	[omkũbwaĩmĩ]	Resultado do processo	de Zootopónim	Nesta região, om' kumbwaim omkumbwaimbie	subst.	Período pré-c	Halein			
Kunene	Oshikwany	Omutaku	Aldeia	Omutaco / Omutu	Omutaku	[omutaku]	ou [otãk]	Vem do Oshikwanyam	Fitotopónimo	A atribuição c okon' taku/ ova omutakino	subst.	Período pré-c	Ndako		
Kunene	Oshikwany	Onakhumba	Bairro	Onakhumba / Na	Onakhumba	[onaxwũba]	Do Oshikwanyama on	Zootopónimo	A sua denomi omnakhumba/ ovanakhumba	subst.	Período pré-c	Halein			
Kunene	Oshikwany	Onameva	Aldeia	Onameva / Name	Onameva	[onameva]	Do Oshikwanyama on	Hidrotopónim	Antes da independência a aldeia era parte do	subst.	Período pré-c	Sonale			
Kunene	Oshikwany	Ondjiva	Comuna	Ondjiva / Ondjiva	Ondjiva	[õdʒivɔ]	Do Oshikwanyama On	Ergotopónim	Este nome de om' ndjiva / ova ondjivense	subst.	Período pré-c	Ndako			
Kunene	Oshikwany	Omufoito Unene	Aldeia	mufoito Unene / C	Omufoito Unene	[omufitu unene]	Do Oshikwanyama om	Fitotopónim	A sua denomi omumufitu unene/ ovaomufitu unene	subst.	Período pré-c	Sapwa			
Kunene	Oshikwany	Ondukushu	Aldeia	Ndukushu / Nduc	Ondukushu	[õdukũʃu]	Do Oshikwanyama veri	Animotopóni	Era costume, omundukushu ondukushense	subst.	Período pré-c	Ndako			
Kunene	Oshikwany	Oshakati	Aldeia	Oshakati / Ochac	Oshakati	[õʃakati]	Está associado à situaç	Animotopónim	(ou Nocto omushakati/ o oshakatino	subst.	Período pré-c	Ndako			
Kunene	Oshikwany	Oihambo	Bairro	Oihambo / Iambo	Oihambo	[oijãbo]	Do Oshikwanyama é	o Ecotopónimo	Asua denomi omushambo/ ovasishambo	subst.	Período pré-c	David,			
Kunene	Oshikwany	Oshilao	Aldeia	Chiau / Ochilao /	Oshilao	[õʃilao]	Do Oshikwanyama osh	Animotopóni	a sua denomi omushilao/ ova oshilense	subst.	Período pré-c	Hishit			
Kunene	Oshikwany	Oshindungulu	Aldeia	Chingungulo / Os	Oshindungulu	[õʃdʒũŋgʉlʉ]	Do Oshikwanyama osh	Fitotopónim	A sua denomi omushindungulu oshindungulense	subst.	Período pré-c	Walter			
Kunene	Oshikwany	Outokele	Aldeia	Utoquele / Outok	Outokele	[outokɛle]	Do Oshikwanyama e sig	Cardinotopóni	A denominaç omvutokel/ ovaoutokele	subst.	Período pré-c	Ndako			
Kunene	Oshikwany	Rei Luhuna	Rua	Rei Luhuna / Rei	Luhuna	[re: ʃũfuna]			Axiotopónim	Luhuna foi rei do Humbe entre 1891-1905 e	subst.	Após 2006	Hawar		
Kunene	Oshikwany	Rei Mandume Y	Rua	Rei Mandume / Rei	Mandume	[re: ɛ: ʃ mãdũme]			Axiotopónim	Foi o último rei do reino de Oukwanyama, rei	subst.	Após 2006	15apw		
Kunene	Oshikwany	Heróis da Kahar	Rua	Heróis da Kahami	Heróis da Kahama	[e: ʃ: ɛ: ʃ de kãfama]			Historiotopóni	Ao contrário da 11ª brigada comandada por Al	subst.	Após 2006	Hawar		
Kunene	Oshikwany	Okafitu	Bairro	Cafito / Kafito / C	Okafitu	[okafitu]			Fitotopónimo	A palavra é originári	do Oshikwanyama é din	subst.	Após 2006	Sapwa	
Kunene	Oshikwany	Oshomukwiv	Bairro	Shomukwiv / Oshom	ukwiv / Chot	[õʃomukwiv]			Vem do Oshikwanyam	Fitotopónim	Está relaciona omshomukwiv/ ovaomshomukwiv	subst.	Período pré-c	Sonale	
Kunene	Oshikwany	Kakuluvale	Bairro	Kakuluvale / Cact	Kakuluvale	[kakuʃuvale]			Do Oshikwanyama oka	Fitotopónimo	A atribuição deste nome está relacionada a exi	subst.	Período colon	Ndimu	
Kunene	Oshikwany	Okashila	Bairro	Caxila / Kachila /	Okashila	[okãʃilã]			Do Oshikwanyama oka	Somatopónim	Está relaciona omukashila/ ovaokashila	subst.	Período pré-c	Ndako	
Kunene	Oshikwany	Onaipalala	Bairro	Naipalala / Onaip	Onaipalala	[õnãpãʃalã]			Do Oshikwanyama om	Fitotopónimo	Está relacionada à existência de algumas aglo	subst.	Período pré-c	Hishit	
Kunene	Oshikwany	Ompanda	Bairro	Mupanda / Omup	Ompanda	[õmpãda]			do Oshikwanyama e r	Fitotopónimo	Está associad om' mpanda / ompandino	subst.	Período colon	Hilfav	

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objectivo fazer uma recolha dos topónimos da Comuna de Ondjiva e propor uma harmonização gráfica dos topónimos expressos em língua Oshikwanyama, segundo as normas gramaticais da referida língua, podendo assim contribuir para solucionar a problemática de variações gráficas, tal como, apresentar os verdadeiros aspectos sociohistóricos e linguísticos patentes nos respectivos topónimos. De igual modo, irá contribuir para a criação de uma base de dados lexicográfico-toponímica da comuna de Ondjiva, que servirá de ferramenta valiosa de consulta para os especialistas da AMK e para o público em geral, minimizando, assim, o défice de informação existente sobre a questão, assim como permitirá a boa gestão e preservação da informação da toponímia.

Após a análise da documentação oral e escrita, consideramos que ela nos permitiu ter uma conspexção mais sólida sobre a problemática da toponímia da comuna de Ondjiva.

Podemos concluir que a toponímia da comuna de Ondjiva não foi alterada durante o período colonial, excepto o nome da capital (Ondjiva) que foi conhecida como Vila Pereira d'Ça em homenagem ao general português que conquistou o reino de Oukwanyama, após a independência, a vila foi rebaptizada “Ondjiva” já com categoria de Comuna.

No que toca à harmonização gráfica, verificou-se que existe uma variação gráfica dos topónimos da Comuna de Ondjiva, o que está patente nas placas toponímicas, nos painéis publicitários, nos documentos produzidos nas distintas direcções até mesmo em documentos produzidos no mesmo gabinete. Podemos dizer que os factores que estão na base das variações gráficas são de ordem educacional, política, jurídica e social. Do ponto de vista educacional, podemos apontar a ausência, antes de 2012, na grelha curricular do sistema de educação angolano, do ensino da escrita das línguas bantu faladas em Angola. Este facto força os funcionários dos diversos ministérios a escreverem os topónimos de origem *Oshikwanyama* com basa nas regras gramaticais da língua Portuguesa. Isso significa a falta de noção básica das regras gramaticais do *Oshikwanyama* por parte de vários auxiliares administrativos. Do ponto de vista político, as condições políticas que o país viveu até 2001 levaram à pouca

atenção e talvez ao esquecimento da problemática de variação e harmonização gráfica. Verificou-se também a falta de instrumentos jurídicos actualizados que regulem de forma prática a escrita dos topónimos, que levem em consideração a identidade sociolinguística dos falantes ou povo em questão, visto que o decreto nº 339/70 de 16 de Julho e o decreto nº 50/70 de 23 de Fevereiro, em vigor, para além de responderem ao contexto colonial, nada referem sobre o modo de escrita dos topónimos, até próprio apresenta variação em alguns topónimos. Nota-se uma divergência entre o poder central e o poder local. Do ponto de vista social, temos o fenómeno de aportuguesamento dos nomes das localidades, fruto do sistema colonial e da comunidade de origem portuguesa que tinham dificuldade em pronunciar os nome de origem Bantu que apontava a lugares, é o caso de N'giva, Namacunde, Nehone, etc., por outro lado, o sistema colonial ignorava as regras da escrita da língua Oshikwanyama, o que promovia a utilização do Português em detrimento das línguas de origem bantu.

A falta de um consenso urgente sobre alguns grafemas na representação de alguns fonemas põe em causa o actual alfabeto da língua Oshikwanyama que se vê descontextualizado, o que leva à rejeição da sua aplicação ou utilização pelos falantes da língua Oshikwanyama. A dificuldade de compreensão e a pouca capacidade de reproduzir com exactidão vários sons do sistema linguístico Oshikwanyama, por parte dos não falantes do Oshikwanyama, levam a representá-los graficamente de um modo próximo da pronúncia e/ou aproximá-los das regras gramaticais da língua bantu que domina ou da língua portuguesa.

O processo de atribuição de nomes às ruas não tem acompanhado a nova dinâmica da expansão urbana dos últimos anos, existe novos lugares sem nome, particularmente, as novas ruas, praças e bairros, isto é, enquanto o governo local não está atento, os munícipes vão atribuindo nomes às ruas; geralmente, são os nomes dos indivíduos mais conhecidos naquela rua ou posto comercial daquela rua, como por exemplo: rua do Bispado; rua da Taberna 11 de Novembro; rua da Valmí; rua tio Nando.

Também podemos concluir que as variantes toponímicas não têm o mesmo valor sociohistórico; a escrita correcta dos topónimos é sinónimo de respeito pelos aspectos socioculturais de um povo, a escrita ou a pronúncia de forma incorrecta perante os habitantes daquela aldeia provoca um mal-estar nos mesmos.

As variações gráficas têm um grande impacto linguístico e social, pois dificultam a compreensão dos aspectos etimológicos, semânticos e morfológicos que

existem nos topónimos; não espelham o mesmo significado, para além de dificultarem a comunicação entre os indivíduos e as comunidades.

Após a análise dos resultados obtidos, verifica-se que existe uma relação entre os topónimos estudados e o modelo taxinómico de Dick.

De igual modo, podemos confirmar que a Toponímia não só tem a missão organizativa das localidades, mas também representa um estudo linguístico importante, podendo com eles compreender o funcionamento da uma língua e a sua evolução. A Toponímia reflecte a identidade cultural e os movimentos históricos de um povo, permitindo o resgate de valores morais e a preservação do património cultural e sociolinguístico do mesmo. Os topónimos constituem um elemento fundamental para o enriquecimento do léxico, no entanto, para tal, não devem ser grafados de diferentes formas, causando dificuldades de vária ordem. Eles também são um elemento de valorização, de reconhecimento de conservação e de disseminação de uma determinada língua.

No final desta investigação, apresentamos algumas sugestões:

1. - Que os organismos competentes actualizem e aprovem, o mais rapidamente possível, o alfabeto da língua Oshikwanyama, com base num diálogo prévio, saudável e consensual com a comunidade falante e a comunidade linguística da Província do Kunene, de forma a ultrapassar as opiniões opostas que existem entre as instituições centrais, em Luanda, e as instituições locais em torno do mesmo alfabeto.

2.- Que o executivo aposte rigorosamente no ensino das línguas de Angola de origem africana, de forma que a sociedade tenha conhecimentos sobre o funcionamento das mesmas línguas e das suas características específicas que as distingue de outras.

3.- Que a instituição de direito produza um regulamento municipal sobre toda questão da toponímia, que vise uniformizar a escrita, ordenar o território e efectuar uma boa gestão do espaço urbano e do espaço rural do Município do Kwanyama, estabelecendo um conjunto de regras e critérios claros e precisos que permitam disciplinar as formas de intervenção dos procedimentos.

4.- Que a Administração Municipal do Kwanyama invista na colocação das placas toponímicas duradouras e legíveis, pois, para além de contribuírem para questões de orientação, também podem servir, metodologicamente, como meio de divulgação da ortografia correcta dos nomes dos respectivos lugares.

5.- Que se elabore um decreto ou uma lei actualizada que considere os aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos de cada região de Angola.

6.- Que o Governo da Província do Kunene e outros órgãos associados tomem uma postura rigorosa no cumprimento das regras da escrita dos nomes das localidades na produção dos seus documentos, tendo em conta a harmonização ortográfica a propor, caso seja aprovada.

7.- Que a Administração Municipal do Kwanyama constitua uma comissão municipal que se encarregue da criação dos mecanismos possíveis para a atribuição dos nomes às novas ruas, praças e bairros, de forma a acompanhar a nova dinâmica da expansão urbana que se tem verificado nos últimos anos.

6 - BIBLIOGRAFIA

6.1 - Bibliografia geral

- A.A. VV (1965). *História de Angola*. Centro de Estudos Angolanos. Edições Afrontamento, Porto.
- ANTIQUEIRO, Virgílio (2011). *Cada nome uma História: dos nomes geográficos de São Bernardo do Campo aos nomes das ruas e vilas do bairro de Rudge Ramos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística – DLFFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANTIQUEIRO, Virgílio (2011). *Cada nome uma História: dos nomes geográficos de São Bernardo do Campo aos nomes das ruas e vilas do bairro de Rudge Ramos*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Linguística – DLFFLCH, Universidade de São Paulo.
- CHIVINGA, António Ngunga (2014). *Que futuro para as línguas nacionais angolanas - ensaio sobre as políticas de protecção das línguas nacionais angolanas*. Centr 'Arte, Luanda.
- CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Estudo do vocabulário rural de Minas Novas – Minas Gerais: Circulo Fluminense de estudos filológicos e linguísticos, cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 02*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013, pp. 84-104.
- COSTA, Eduardo da (1906). *A Questão do cuanhama – sul de Angola*. Typographia Universal, Lisboa
- COSTA, Teresa M. Camacha J. da (2013). *Os Empréstimos das línguas bantu no português falado em Angola- estudo lexicológico da variante angolana*. 1ª edição, Gráfico, Lda, Luanda.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício e PEREIRA, Renato Rodrigues (s/d). *Toponímia Urbana de Três Laoas –MS: relação entre língua e cultura*, s/l., pp. 2595- 2603.
- DICK, Maria Vicentina de P. do Amaral. (2007c). “Atlas toponímico do Brasil: Teoria e prática II” - *Revista Trama - Volume 3 - Número 5 - 1º Semestre de* – p. 141-155.
- _____ (1987). “Toponímia e cultura”. *Revista Inst. Est. Bras.*, SP, 27:93-101.

_____ (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, Edições Arquivo do Estado, São Paulo.

_____ (2006b). “*Fundamento teórico da toponímia*”. Estudo de caso: o projecto ATEMIG-Atlas toponímico do estado de Minas Gerarias (variante regional do atlas toponímico do Brasil. In: Seaba, Maria Cândida Trindade Costa de. *O léxico em estudo. Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais*.

ESTERMANN, Carlos (1960). *Etnografia do Sudoeste de Angola – os povos não-bantu e o grupo étnico dos ambós*.

ESTERMANN, Carlos (1983 a). *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro)*. Colectânea de artigos disperso. Volume I, Lisboa.

ESTERMANN, Carlos (1983 b). *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro)*. Colectânea de artigos disperso. Volume II, Lisboa.

FERREIRA, Carlos do Nascimento (2013). *Sendin – tierra de Miranda – Geografia e Toponímia*. Âncora Editora, Lisboa.

GARCÍA, Nilsa (2009b). *A formação de gentílicos com o sufixo –ista– algumas questões*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (2), pp. 31-41

GARCÍA, Nilsa- Areán & VIARO, Mário Eduardo (2009). *A formação de gentílicos com o sufixo –ista– algumas questões. Léxico e semântica*. Cinclo fluminense de estudos filológicos e linguísticos – CiFEFiL, cadernos do CNLF, Vol XII, Nº 09, pp. 09-19, Rio de Janeiro.

GUEBI, António (2008). *Resistência à Ocupação Colonial do Sul de Angola – região dos Va-nyaneka-va-nkhumbi e dos Va-Ambo (1850-1917)*, 1ª edição. Editora Arte e Vida, Luanda.

H. SILVA, Mesquita da (2008). *A periferia esquerda da oração em oshikwanyama*. Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal, Rio de Janeiro.

ISQUERDO, Aparecida Negri (1998). “O Signo Toponímico: um recorte da realidade sócio-cultural”. In RUFFINO, Giovanni (editor). *Dialettologia, Geolinguística, Sociolinguística*, Vol.5 . *Atti del XXI congresso internazionale di linguística e filologia Romanza*. Centro di Studi Filologico e Linguistici Siciliani, Universidade di Palermo, Niemeyer, 1998. [online].

- JACOB, Berta Maria Oliveira (2011). *A Toponímia de Luanda: Das memórias coloniais às pós coloniais*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta, Lisboa.
- JOAQUIM, José Pedro (2009). Coord. *Roteiro Estatístico da Província do Cunene*. Gabinete de Estudos, Estatístico e Planeamentos do Governo Provincial do Cunene, Ondjiva.
- JOAQUIM, José Pedro «Coord» (2012). *Situação socio – económica do Município do Kwanhama*. Gabinete de Estudos, Estatístico e Planeamentos do Governo Provincial do Cunene, Ondjiva.
- KUKANDA, Vatomene (2000) *Diversidade linguística em África*. In *Africa Studia*, nº3, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- LIMA, Maria Helena de Figueiredo (1977). *Nação Ovambo*. Editorial Aster, Lda, Lisboa.
- LINO, Maria Teresa (1979). *Importância de uma Lexicologia contrastiva*. In MARQUES, Maria (coord.). “Letras soltas”. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- MARIA V. Dick, (2006b). “A Terminologia nas ciências Onomásticas. Estudo de caso: o projecto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo)”. In C. Tebé (ed.), M. T. Cabré e R. Estopà (2006b). *La terminologia en el siglo XXI – contribución a la cultura de la paz la diversidad y la sostenibilidad* 1ª edición. Institut Universitari de Linguística Aplicada, Barcelona. [one line].
- MATEUS, Maria H. Mira, et al (2005). *Fonética e fonologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa.
- MELO, Pedro António Gomes de (2012). *A toponímia municipal da microrregião alagoana do sertão de São Francisco*. *Linguagens - Revista Letrando*, v. 1 jan./jun.
- MELO, Pedro António Gomes. “A toponímia Municipal da Microrregião do Sertão do São Francisco” – *Língua, Revista Letrando*, v.1 jan./jun, 2012, (s/pp).
- NAMOLO, Geraldo (2010). *O código das línguas no Mundo Globalizado*. Arquidiocese do Lubango -Angola, Lubango.
- NGENONYE, Bonifácio; VICENTE, Celestino; KAULIMONIKA, Marcelino (2010), *Penetração e Ocupação Colonial da Região do Kwanhama. Proposta do Enquadramento Didáctico- Pedagógico do Tema no 3º Ano do Curso de História*

- no ISCED da Huíla*. Dissertação (Licenciatura) Programa de Licenciatura em Ciências da Educação, Opção em História. ISCED, Lubango.
- NGUNGA, Armindo (2004). *Introdução à linguística bantu*. Imprensa Universitária - Faculdade de Letra e Ciências Sociais, Maputo.
- NTONDO, Zavoni (2014). *Fonologia e morfologia do kwanyama (R21)*. Mayamba Editora, Luanda.
- NTONDO, Zavoni (s/d). *A contribuição para uma normalização ortográfica da toponímia angolana*. s/ed.
- PAULME, Denise (1996). *As Civilizações Africanas*. 2ª edição. Publicações Europa-América, Lda, Santa Sinta.
- PEDRO, Leonardo T. & MUSSILI, Paulino Luís (2012). *Impacto do processo de integração do grupo étnico Khoisan na comunidade Bantu- caso do Município do Kwanyama – Kunene*. Dissertação (Licenciatura) Programa de Licenciatura em Ciências da Educação, Opção em História. ISCED, Lubango.
- PÉLISSIER, René (2013). *História das campanhas de Angola*. Vol. II, 3ª edição. Editorial Estampa.
- PIÇARRA, António «Editor Exclusivo». (2010) “A Valorização da Arte Angolana” - «*Revista Austral*», edição do Jul/Ago, Nº 80. Edicenter Publicações, Luanda.
- QUINTINO, José Luís da Costa (1998). “A Universidade de Lisboa na toponímia da cidade”. In (s/coord.) *3ª Jornadas de Toponímia de Lisboa*. Departamento de Administração Geral da Câmara Municipal, Lisboa.
- QUINTINO, José Luís da Costa, (1997). “Atribuição de Toponímicos: Critérios e raízes”. In TRINDADE, António & PEREIRA, Teresa (coord.), *II Jornadas Toponímica de Lisboa*. Câmara municipal de Lisboa.
- READER, Jhon (2002). *África – biografia de um continente*. Tradução portuguesa. Publicações Europa-América, Lda, Santa Sinta.
- RELATÓRIO da UNESCO e do Ministério Da Agricultura e Desenvolvimento de Rural de Angola (2003). “Angola: Diagnostico rural rápido da zona agro-ecológica de baixa pluviosidade sistema pecuária- sorgo da Província do Cunene”. TCP/ANG/2907, Vol. 3. s/l. de publicação.
- SÁDABA, José Luis Ramires e RODRÍGUEZ, Alberto González (2005). “La onomástica, ciencia auxiliar de la historia, estudio actual de nuestros conocimientos y directices para la investigación”. In Manuel González , at al. (Editores litearios), *II Encuentro de Historia de Cantabria: actas del II encuentro*

- Encontro celebrado en Santander los 25^a 29 de noviembre del 2005* , Volume 1. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria: Parlamento de Cantabria, España. 2005, Gráficas Colima. [online].
- SALAZAR, Jesús Cirilo (coord.) (2011). *Taller para la densificación toponímica en áreas urbanas. Instituto Geográfico de Venezuela Simón Bolívar (IGVSB)*, Caracas. [online]
- SANTOS, João Barreto dos Santos (2008). *Geonímia do Brasil: A padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos Municípios fluminenses*. Tese submetida ao corpo docente do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de doutor em Ciências em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SEABRA, Maria Cândida T. Costa de (2007). “A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da região do Carmo”. In ALVES, Aparecida Negri I. Maria (org.) - *AS CIÊNCIAS DO LÉXICO: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. vol. III. Editorial UFMS- Associação Editorial.
- SILVA, Marcilene Ribeiro da (2011). *A Toponímia em Bonsucesso e Pai André no Rio Cuiabá- MT*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado do Instituto de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos, Cuiabá.
- SOUSA, Alexandre Melo de. “*Geografia e linguística*”: *intersecções no estudo toponímico. Perspectiva geográfica*. ISSN 1808-866X, Unioeste Colegiados de Geografia, recibo em Novembro de 2007/ aceite em Dezembro de 2007, pp. 115-128.
- TAVARES, Marineide Cassuci e ISQUERDO, Aparecida Negri (2006). *A Questão da estrutura morfológica dos topónimos: um estudo na toponímia do Sul- Mato-Grossense Signum: Estud. Ling, Londrina, n9/2,p. 273-288, dez 2006*.
- TRAPERO, Maximiano (1997). *Para una teoría lingüística de la toponímia - Publicado en Contribuciones al estudio de la Lingüística Hispánica. Homenaje a Profesor Ramón Trujillo* (ed. Manuel Almeida y Josefa Dorta). La Laguna: Montesinos y Cabildo Insular de Tenerife: vol. II, 241.

- VENTURA, Ruy (1998). “Toponímia: Poesia do espaço, espaço da poesia”. In s/coordenador, *3^{as} Jornadas de toponímia de Lisboa. Câmara municipal de Lisboa.*
- VERÍSSIMO, Luís Miguel (2005). *Plano de urbanização da cidade de Ondjiva.* Volume II – Caracterização socio-económica. SINFIC, sarl, ondjiva.
- WHEELER, Douglas & PÉLISSIER, René (2013). *História de Angola.* Tintas-da-China, 1^a reimpressão, Lisboa.

6.2- Gramáticas

- A.A (2012). *Oshikwanyama- omushangelo3 (orthography3).* Macmillan Education Namibia Publishers, Windhoek.
- HASHEELA, Paavo (2013). *Oshikwanyamanena shipe – ondodo 10- 12.* Namibia Publishing House, Windhoek.
- LAZARUS eat. (2010). *Oshinemboli, ondodo 7 – Oshikwanyama grammar and comprehensio Exercises.* Macmillan Education Namibia Publishers, Windhoek.
- RAPOSO, Eduardo B. Paiva & NASCIMENTO, Maria F. Bacelar (2013). “Nomes próprios”. In RAPOSO, Eduardo B. Paiva et. al. (org.). *Gramática do português,* Vol. I. Fundação Caloste Gulbenkian, Lisboa.
- ZIMMERMANN, Wolfgang & HASHEELA, Paavo (1998). *Oshikwanyama grammar.* Gamsberg Macmillan, Windhoek.

6.3- Dicionários

- DICIONÁRIO Editora da língua portuguesa.* Porto Editora, Porto, 2014.
- DICIONÁRIO Online de Português - Dicio [online]. <http://www.dicio.com.br/>
- DUBOIS, Jean, et al. (1917). *Dictionnaire de linguistique - Librairie Larousse, Cultrix .* Tradução de BLIKSTEIN, Izidoro (coord.). Dicionário de linguística Universidade São Paulo, 2001. [one line].
- INFOPÉDIA, Dicionário Porto Editora [online]. <http://www.infopedia.pt/>
- SEM AUTOR, (1990). *Dicionário de termos linguísticos,* vol. I. Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa.
- XAVIER, Maria F. & METUS Maria H. (1990). *Dicionário de Termos Linguísticos,* Vol. I, Associação Portuguesa de Linguística. Esdições Cosmos, Lisboa.

6. 4- Site

<http://westonruter.github.io/ipa-chart/>

6. 5- Documentação Legislativa e Oficial

Constituição da República de Angola, 2010

Resolução nº 3/78 de 23de Maio, sobre o Alfabeto das “Línguas Nacionais”

ANEXOS

Anexo1: Acta do encontro sobre a questão do alfabeto e da ortografia da língua Oshikwanyama

ENCONTRO SOBRE A QUESTÃO DO ALFABETO E ORTOGRAFIA DE OSHIKWANYAMA AOS 24 DE FEVEREIRO DE 2006 EM ONDJIVA APOIO LINGÜÍSTICO E DIGITALIZAÇÃO POR RIIKKA HALME (riikka.halme@felm.org)

PARTICIPANTES:

1. Apolo Ndinoulenga, Director Provincial da Educação e Cultura
2. Pedro Tongeni, Professor do IMPO, Coordenador de língua Oshikwanyama e Inspector Escolar na Província do Kunene
3. Cristóforo Mwaulange, Professor
4. Dionísio Hisiilenapo, Padre, Tradutor, Bispado de Ondjiva
5. Brito Ñisidimbwa, Padre, Tradutor, Missão de Omupanda
6. Abrão Hatuikulipi Malua, Professor do IMPO
7. Kirsti Tulonga Malua, Professora do IMPO
8. Arnaldo Satumbu, Inspector da Educação
9. José Amado K. Johannes, DECK
10. Pio Hipunyati, Padre, Bispado de Ondjiva
11. Filomena Airosa, INIDE
12. António Chamuhongo, INIDE
13. Titus Namunyekwa, Pastor da Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA), Professor
14. Riikka Halme – Linguista especializada em línguas Bantu, (IELA), Professora de linguística ISCED e ISTEEL
15. Alice Nghipunduka, Pastora da IELA, Professora no Instituto Shangalala
16. Teófilo Weyulu, Evangelista da IELA, Estudante do curso pastoral

O Encontro teve lugar nas instalações da Biblioteca de Ondjiva.

A agenda constou principalmente de dois assuntos, nomeadamente, decidir (1) quais as letras, ou seja, quais os grafemas para cada fonema da língua Oshikwanyama, e (2) como escrever os verbos Oshikwanyama, segundo a tradição da escrita conjuntiva ou a da escrita disjuntiva. Em Angola, há várias maneiras de escrever a língua Oshikwanyama, e o alvo deste encontro foi chegar a um acordo entre as várias alternativas, para que neste país se possa usar uma única ortografia para a língua Oshikwanyama. Isto é importante para o desenvolvimento da língua e o seu uso na literatura, especialmente quando se está a tratar da inserção da língua no ensino geral. O ponto de partida para estes debates foi a proposta do Instituto de Línguas Nacionais nos últimos anos: (1) usar os mesmos grafemas que são usados na ortografia oficial namibiana para língua Oshikwanyama e (2) escrever os verbos numa maneira conjuntiva, isto é, sem separar morfemas dum verbo com espaços, como ainda é prática na ortografia oficial namibiana.¹

Os participantes decidiram todos seguir a ortografia oficial Namibiana no que tem a ver com os grafemas (veja a apresentação dos fonemas Oshikwanyama e seus respectivos grafemas na página 2). Usando o mesmo alfabeto, tornam-se fáceis a comunicação escrita e a troca de literatura entre os falantes de língua Oshikwanyama dos dois países. Para os que seguiam tradições católicas da escrita, as maiores mudanças são as seguintes:

- o fonema /x/ escreve-se <x> e não <kh>, por exemplo na palavra *oxuxwa* 'galinha',
- o fonema /ʃ/ escreve-se <sh> e não <s>, por exemplo *oshifima* 'pirão'
- o fonema /ɲ/ escreve-se <ny> e não <nh>, por exemplo *onyofi* 'estrela'
- o fonema /m̥/ escreve-se <mh> e não <m>, por exemplo *omhuku* 'rato' (compare com *omuku* 'respiro')
- o fonema /ŋ/ escreve-se <nh> e não <n>, por exemplo *onhele* 'lugar'
- o fonema /ŋ̥/ escreve-se <ng̥h> e não <ñ>, por exemplo *onghoshi* 'leão'

¹ É de notar que a proposta para o alfabeto da língua Oshikwanyama apresentada pela lei 3/87 não foi aceite pela comunidade dos falantes, e, sendo assim, o ILN decidiu, depois de um diálogo com os namibianos e com os do Kunene, adoptar o alfabeto oficial namibiano mas usando a escrita conjuntiva para os verbos.

FONEMAS E ALFABETO DE OSHIKWANYAMA

Os fonemas são apresentados entre barras /u/ , a sua realização fonética entre parêntesis rectos [u], e grafemas entre os símbolos menor que e maior que <u>.

VOGAIS DE OSHIKWANYAMA /a, e, i, o, u/ são representadas por grafemas <a, e, i, o, u>. Vogais seguidas pertencem a sílabas separadas. É de notar que duas sílabas seguidas podem ter vogal da mesma qualidade, por exemplo *okushiiva* 'saber' com a silabificação *o.ku.shi.i.va*.

CONSOANTES BÁSICAS DE OSHIKWANYAMA:

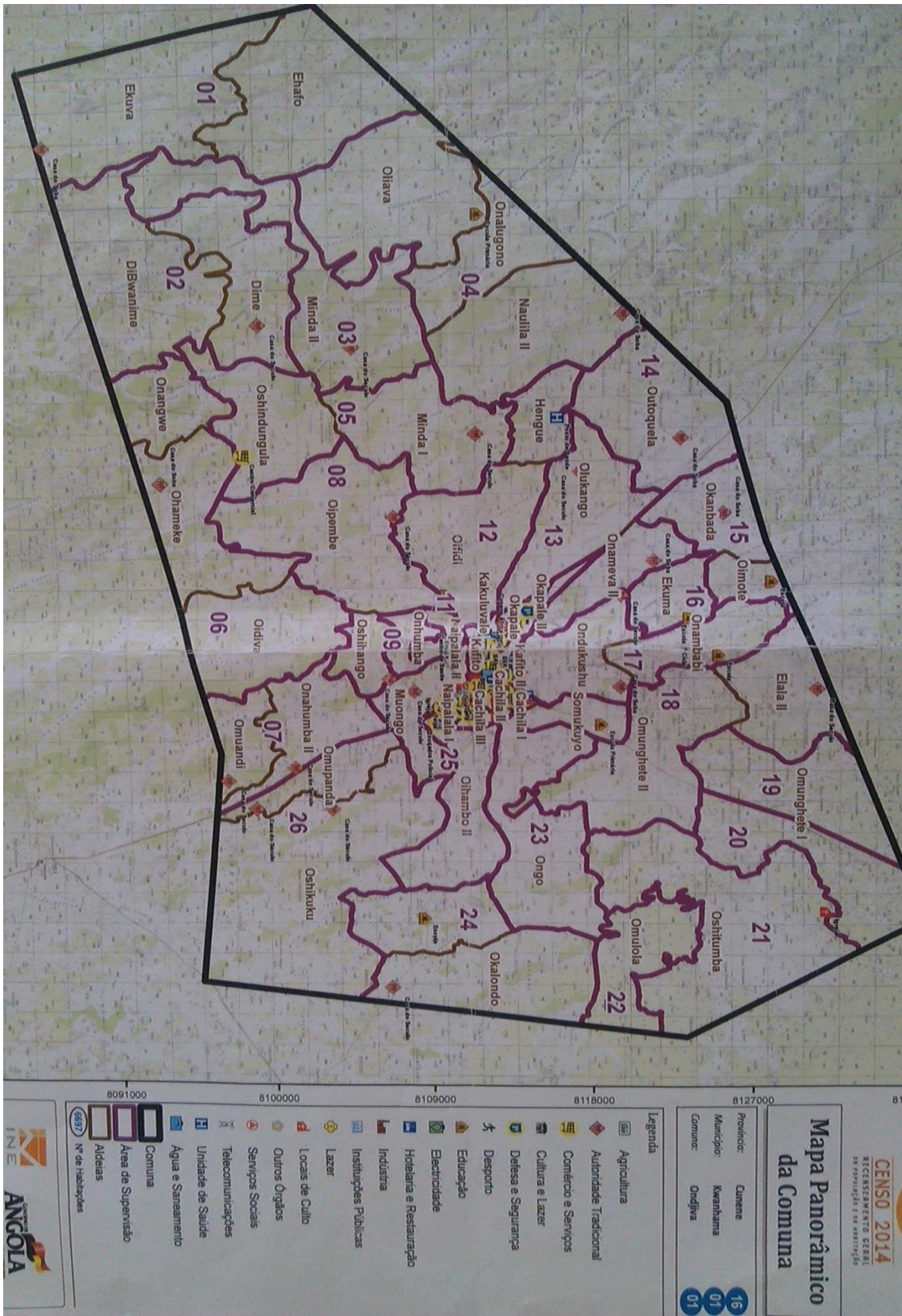
(Usamos o Alfabeto Fonético Internacional para apresentar a realização fonética entre parêntesis rectos [e]. Para cada fonema apresentamos um grafema entre os símbolos menor que e maior que <e>.)

PONTO de ar- MODO ticulação de articulação	labial oclusão realizada com os lábios	alveolar a língua bate por trás dos dentes	palatal a língua toca no palato duro	velar a língua toca no palato mole	glotal a fricção é produzida na glote
Oclusivas e africada surdas	[p] <p> opapita, okupepa	[t] <t> tate, okuta	[tʃ] <ty> okutya	[k] <k> okukala	
Oclusivas e africada vozeadas	[b] obofi	[d] <d> okududa	[dʒ] <dj> okudja		
Fricativas surdas	[f] <f> oshifima		[ʃ] <sh> oshifima	[x] <x> xe, oxuxwa	[h] <h> ehafo (esta fricativa é muitas vezes vozeada)
Fricativa vozeada	[v] <v> okuvinda, vaya				
Nasais	[m] <m> meme	[n] <n> unene	[ɲ] <ny> Oshikwanyama		
Oclusivas e africada prenazalisadas surdas	[m̥] <mh> omhepo	[n̥] <nh> ovanhu	[ɲ̥] <nhy> onhyuula	[ŋ] <ng> onghoshi	
Oclusivas e africada prenazalisadas vozeadas	[mb] <mb> ombabi	[nd] <nd> ondado	[ndʒ] <ndj> ondjeva	[ŋg] <ng> ongadu	
Lateral e glides		[l] <l> okulonga	[j] <y> vaya	[w] <w> oshiwa	

ALGUMAS COMBINAÇÕES DE CONSOANTES E GLIDES:

	+ /y/	+ /w/
/p/	[pʰ], [pʲ] <py> okupya	[pʷ] <pw> okupwa
/t/	[tʰ], [tʲ] <ty> okufya	[tʷ] <tw> okutwa
/v/	[vʰ], [vʲ] <vy> vyula	[vʷ] <vw> okuvavwa
/l/	[l], [lʲ] <ly> okulya	[lʷ] <lw> okunwa

Anexo 2: Mapa panorâmico da comuna de Ondjiva (bairros e aldeias). Fonte: INE-Ondjiva




Anexo 3: Raparigas trajadas de *odelela* ornamentada com ondjeva, isto são as missangas de cor branca usadas somente por mulheres que nunca tiveram filho.



Anexo 4: Alfabeto da língua Oshikwanyama aprovado pelo conselho de Ministros da República Popular de Angola. Resolução nº 3/78 de 23 de Maio.

Sábado, 23 de Maio de 1977

SERIE — N.º 41



DIÁRIO DA REPÚBLICA

ÓRGÃO OFICIAL DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

Preço deste número — Kz 3.00

ASSINATURAS	Ano
As três séries	Kz 1.210.00
A 1.ª série	Kz 700.00
A 2.ª série	Kz 700.00
A 3.ª série	Kz 650.00

O preço das séries é de Kz 2.250 e inclui o acréscimo de impostos temporais de selo, dependendo da sua publicação do depósito prévio a efectuar na Yacourria de Imprensa Nacional — U. E. L.

Toda a correspondência, quer oficial, quer relativa a anúncios e assinaturas do «Diário da República», deve ser dirigida à Imprensa Nacional — U. E. L., em Luanda, Caixa Postal 1306, — Rad. Telegr. «Imprensa».

CONSELHO DE MINISTROS

Resolução n.º 3/77
de 23 de Maio

Considerando que as Línguas Nacionais, suporte e veículo das heranças culturais, exigem um tratamento privilegiado, pois que constituem um dos fundamentos importantes da Identidade Cultural do Povo Angolano;

Tomando-se necessário dar continuidade ao estudo científico das Línguas Nacionais, base para o seu desenvolvimento e garantia para a sua preservação e promoção;

Considerando a necessidade da uniformização da escrita em Línguas Nacionais;

Considerando que os alfabetos propostos pelo Instituto de Línguas Nacionais, resultantes de investigações efectuadas sobre os sistemas fonológicos das respectivas Línguas, assentando essencialmente sobre a equivalência a um símbolo gráfico para cada fonema, correspondem mais fielmente à realidade fonológica das mesmas;

Considerando que pelas razões acima expostas, os referidos Alfabetos, possuindo um carácter prático, sem muitas regras de transcrição, possibilitarão aos falantes das Línguas em questão, um domínio mais rápido e eficaz das técnicas da escrita e leitura;

Considerando que o projecto experimental de Alfabetização em Línguas Nacionais está em vias de concretização;

Nos termos da alínea b) do artigo 38.º da Lei Constitucional e no uso da faculdade que me é conferida pela alínea d) do artigo 33.º da mesma lei, o Conselho de Ministros decreta e eu assino e faço publicar a seguinte:

Artigo 1.º — São aprovados a título experimental os Alfabetos das Línguas «Kikongo», «Kimbundu», «Cokwê», «Umbundu», «Mbunda», e «Oshikwanyama» e as respectivas Regras de Transcrição, em anexo que fazem parte do presente diploma.

SUMÁRIO

Conselho de Ministros

Resolução n.º 3/77
Aprova a título experimental, os Alfabetos de 6 Línguas Nacionais.

Conselho de Defesa e Segurança

Decreto n.º 6/77
Aprova o Estatuto Orgânico do Centro de Investigação e Pesquisa do Ministério das Ciências ao presente decreto e dele fazenda parte integrante. — Revoga tudo o que contraria o presente decreto.

Os Alfabetos das línguas kikoongo, kimbundu, kwe, umbundu, mbunda e oxikwanyama e as respectivas Regras de Transcrição, apresentados neste nosso primeiro BOLETIM, foram aprovados a título experimental pela Resolução n° 3/87, de 23 de Maio de 1987, do Conselho de Ministros.

Os referidos Alfabetos, resultado de estudos efectuados no I.L.N., no quadro do Projecto ANG/77/009 - "Desenvolvimento das Línguas Nacionais na RPA", propõem um código económico e prático que facilita a leitura e a escrita, não só aos utentes dessas línguas, como também a todos aqueles que pretendem aprendê-las. O estabelecimento de uma forma escrita normalizada e baseada na descrição científica, responde a uma necessidade real de se substituírem as várias transcrições paralelas de uma língua e não adaptadas ao sistema fonológico da mesma, por uma escrita uniforme.

Fornecendo este instrumento que são os Alfabetos, esperamos poder estimular a produção de obras em línguas nacionais, promovendo desta forma a sua inserção nos vários domínios da vida nacional, a sua modernização e o seu desenvolvimento.

Irene Guerra Marques
A Directora do I.L.N.

Alfabeto
da
Língua "Oxikwanyama"

Letra	Valor fonético	Soltração	Exemplo	Significado em Português
a	[a]	a	omana	passos
b	[b]	bā	ongāba	limite
d	[d]	dē	omadī	pā
e	[e]	o	ota	gota
f	[f]	fē	efele	cem
h	[h]	hē	eholo	diminuição
i	[i]	i	omadī	pā
k	[k]	kē	oka	resina
l	[l]	lē	eholo	diminuição
m	[m]	mā	omana	passos
n	[n]	nō	onova	celo
ng	[ŋ]	ngē	ongolo	joelho
ng	[ŋ]	ngā	ongala	caranpuaço
nj	[ɲ]	njē	onja	comida
o	[o]	o	omata	teimosia
p	[p]	pē	epale	colheita pobre
t	[t]	tē	eta	gota
u	[u]	u	epulu	bexigas
v	[v]	vā	omūvi	pessoa feia
v	[v]	vē	okuva	cair
x	[x]	xā	exixo	derramamento
y	[j]	yē	okuya	ir

Anexo 5: Perfis dos Entrevistados

Características dos Entrevistados		Entrevistado Nº 01	Entrevistado Nº 02	Entrevistado Nº 03	Entrevistado Nº 04	Entrevistado Nº 05	Entrevistado Nº 06	Entrevistado Nº 07	Entrevistado Nº 08	Entrevistado Nº 09
Socio-demográfis	Nome	Jerónimo Haleinge	Tomás Sapwanale	Manuel Davide	Elias Mwaningange	Lúcio Ndakoyapo	Beatriz Kaukolelwa	Venâncio Hidipawa	Pe. Brito Ñisidimbwa	Lúcia Ndatila
	Idade	65	72	49	55	61	48	56	76	87
	Sexo	M	M	M	M	M	F	M	M	F
	Estado Civil	Casado	Casado	U de facto	Casado	Casado	U. de facto	U. de facto	Solteiro	Viúva
	L. de Nascimento	Ondjiva	Ondjiva	Oihambo	Oimote	Oshitumba	Oshikhunga	Onambabi	Omuf. Unene	Onehone
	Residência actual	Ondjiva	Ondjiva	Oihambo	Oimote	Oshitumba	Oshikhunga	Onambabi	Omupanga	Omwoongo
Características pertinentes	H. Literárias	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	Ocupação	Professor	reformado	Soba A.T ³⁴	Soba	Soba	Soba	Soba Gr.	Missionário	Aposentada
		Ex-vice Governador da	Nacionalista, em 1962 dialogou							

³⁴ Autoridade tradicional, conhecidos localmente numa hierarquia que vai desde Soba Grande, Soba, Seculo, seus adjuntos e os secretários.

		Província do Kunene, possui considerá vel conhecim ento, “Tradição Oral”	com o velho Yoshefa ya Shikhwang a, que viveu na época do reinado de Mandume, conhecedor de vários conhecimen to, a respeito da origem da palavra Ondjiva. “Tradição Oral”						
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

Características dos Entrevistados		Entrevista do Nº 10	Entrevistado Nº 11	Entrevista do 12	Entrevista do 13	Entrevistado Nº 14	Entrevistado Nº 15	Entrevista do Nº 16	Entrevistado Nº 17	Entrevistado Nº 18	
Socio-Demográficas	Nome	José Ndeutapo	Lúcio Jerónimo	Balbina Mwadina	Miguel Hitilavali	Graciano Sonale	Johanes Waltar	Alfredo Ndimute	Bernardo Hilifavali	Celestino Hishitongo	
	Idade	67	69	41	53	63	42	67	71	53	
	Sexo	M	M	F	M	M	M	M	M	M	
	Estado Civil	casado	U. / facto	U. / facto	U. / facto	U. / facto	U. / facto	Solteiro	U. / facto	casado	U. / facto
	L. Nascimento	Oimote	Omwoongo	Oifidi	Omupanda	Onahumba	Oshindungulu	Oipembe	Oshikhunga	Oipembe	
	Residência Actual	Oimote	Omwoongo	Oifidi	Omupanda	Onahumba	Oshindungulu	Oipembe	Oshikhunga	Oipembe	
Características pertinentes	H. Literárias	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	
	Ocupação actual	Sec./ Soba	Seculo	Sec./ Soba	Sec./ Soba	Seculo	Sec./ Soba	Soba do Oipembe e Soba Gr. Adj. e Ondjiva	Soba Grande	Sec./ Soba	

Caract. dos Entrevistados		Entrevistado Nº 19	E. Nº 20	Entrevistado Nº 21	Entrevistado Nº 22	Entrevistado Nº 23	E. Nº 24	Entrevist. Nº 25
Socio-Demográficas	Nome	Nicásio Mwahamena	Bonifácio Hamutenya	Aldovino T. Mwaefelwa	Yannes Lupeke	Celestino Talia	Pedro Hawanga	Adriano Ndemupomito
	Idade	43	48	41	34	36	55	63
	Sexo	M	M	M	M	M	M	M
	Estado Civil	União de facto	U. de facto	União de facto	Casado	União de facto	Solteiro	Casado
	L. Nascimento	Môngua	Evale	Omoongua	Quipungo	Ondjiva	Kwamatu	Ondjiva
	Residência Actual	Ondjiva	Ondjiva	Ondjiva	Ondjiva	Ondjiva	Ondjiva	Ondjiva
Características Pertinentes	H. Literárias	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	Ocupação	Chefe de Secção dos serviços sociais, económico e de fiscalização da Administração Comunal de Ondjiva	Chefe Comunal Secção da Educação de Ondjiva	Chefe de Secção da Conservatória dos registos civis do Kunene	Chefe de Secção de Ordenamento do Território da Administração Municipal do Kwany-ama	Ex-chefe de Secção de Ordenamento do Território da Administração Municipal de Ondjiva; Actual Chefe da Secção Municipal de Energia e Água.	Comandante nas Ex-FAPLA, é professor, Tradição oral.	Delegado Provincial da Justiça e Direitos Humanos do Kunene

Anexo 6 : - Guia de entrevista nº 1: para funcionários de instituições públicas

Esta entrevista tem como objectivo a recolha de dados para a elaboração de dissertação de mestrado, cujo tema: Subsídio para uma harmonização da toponímia da comuna de Ondjiva.

Objectivo: Fazer uma recolher dos topónimos da comuna de Ondjiva e propor uma harmonização ortográfica dos topónimos expressos em língua oshiwambo tendo em conta as normas gramaticais da referida língua.

Caríssimo informante, sua contribuição será relevante para o êxito do produto a desenvolver.

1. - Existe alguns critérios de atribuição dos topónimos?
2. - Quais os critérios de atribuição dos topónimos?
3. - Existe uma lei sobre a escrita dos topónimos?
4. - Na escrita dos topónimos usa a regra da ortografia da língua Oshikwanyama ou da língua portuguesa?
5. - Têm constatado variações da ortografia dos topónimos?
6. - Se sim, qual é a sua opinião?
7. - Quais são os problemas causados pela variação dos topónimos?
8. - O que achas de uma harmonização ortográfica dos topónimos?
9. - Existe uma harmonização ortográfica dos Topónimos da Comuna do Ondjiva?
10. - Quais são os factores que estão na base das variações ortográficas locais?
11. - Será que essas variações ortográficas apresentam o mesmo significado?
12. - Será que a nova expansão urbana têm tido em conta a atribuição dos nomes dos lugares, particularmente, ruas, praças, bairros, aldeias e sítios ou monumentos?
13. - Se não o porquê?
14. - À que cabe a atribuição dos topónimos (ruas, praças, bairros, aldeias, sítios ou monumentos, rios, riachos, lagos, lagoas e montanhas)?

Leonardo Tuyenikumwe Pedro

Anexo 7: Guia de entrevista Nº 2: para as autoridades tradicionais

Esta entrevista tem como objectivo a recolha de dados para a elaboração de dissertação de mestrado, cujo tema: Subsídio para uma harmonização da toponímia da comuna de Ondjiva. Objectivo:- Fazer uma recolha dos topónimos da comuna de Ondjiva e propor uma harmonização ortográfica dos topónimos expressos em língua oshiwambo tendo em conta as normas gramaticais da referida língua.

Caríssimo informante, sua contribuição será relevante para o êxito do produto à desenvolver.

Província:

Município:

Comuna:

Aldeia / bairro/ rua:

1. Qual é o nome real deste lugar? (por favor, pode pronunciar pausadamente)
2. Em que língua se encontra este nome?
3. Qual é o significado deste nome?
4. Qual é o significado histórico deste nome?
5. Qual é o significado cultural deste nome?
6. Porquê foi atribuído este nome?
7. Quais são as várias maneiras que têm escrito o nome deste lugar?
8. Qual é o gentílico em Oshikwanhama?
9. Qual é o gentílico este em português
10. Anteriormente (na época colonial) esta região tinha outros nomes?
11. Qual é o nome?
12. Qual é o significado?
13. Qual é a origem (linguístico e histórico do nome)?
14. Qual é a razão da mudança?
15. Que importância tem este topónimo para o povo Ovawambo?
16. Será que a pronúncia de forma diferente deste pode apresentar o mesmo significado?

Leonardo Tuyenikumwe Pedro

Anexo 8: Algumas variações ortográficas

